



Chrystiano Gomes Ferraz

**A Ética do não-poder de Jacques Ellul:
Um Diálogo Ecoteológico com a *Laudato Si'* e *Laudate Deum*
em vista da superação da Tecnocracia.**

Tese de doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a Maria Teresa de Freitas Cardoso
Coorientadora: Prof^a Maria Isabel Pereira Varanda

Rio de Janeiro
Julho de 2024



**A Ética do não-poder de Jacques Ellul:
Um Diálogo Ecoteológico com a *Laudato Si'* e *Laudate Deum*
em vista da superação da Tecnocracia.**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-
graduação em Teologia do Departamento de Teologia
da PUC-Rio. Comissão Examinadora:

Maria Teresa de Freitas Cardoso
Orientadora e Presidente
PUC-Rio

Maria Isabel Pereira Varanda
Co-orientadora
UCP-Lisboa

Francilaide de Queiroz Ronsi
PUC-Rio

César Augusto Kuzma
PUC-Rio

Carlos Eduardo Freire Estelita-Lins
Fiocruz

Alex Vicentim Villas Boas
PUC/PR

Rio de Janeiro, 25 de julho de 2024.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Chrystiano Gomes Ferraz

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na área de Teologia Sistemático-pastoral, Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Licenciado em Filosofia (Centro Universitário Claretiano) e pós-graduado em Filosofia pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Especialista em Coordenação Pedagógica pela Faculdade Católica Paulista (UCA) e especialista em Administração Escolar pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Veiga de Almeida. Atuou como diretor pedagógico na instituição de ensino Recreio Christian School (Unidade Campo Grande) e CNEC Ilha do Governador-RJ), como professor de Filosofia, Sociologia, Teologia. É pastor batista (Segunda Igreja Batista do Recreio). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Religiosa e Filosofia. Pesquisador na área de Diálogo Inter-religioso e Ecumênico, Teologia Latino-americana, Ecoteologia, Sociologia da Religião e História do Cristianismo. Prêmio Vozes Acadêmica 2020 com publicação na Série Teologia da Editora Vozes/PUC-Rio. Membro do Grupo de Pesquisa (CNPq) interinstitucional & interdisciplinar *Ecologia integral & arquitetura do cuidado ecumênico*, e do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (CITER), de Lisboa, Portugal.

Ficha Catalográfica

Ferraz, Chrystiano Gomes

A ética do não-poder de Jacques Ellul : um diálogo ecoteológico com a *Laudato Si'* e *Laudate Deum* em vista da superação da tecnocracia / Chrystiano Gomes Ferraz ; orientadora: Maria Teresa de Freitas Cardoso ; coorientadora: Maria Isabel Pereira Varanda. – 2024.

126 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2024.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Ecoteologia. 3. Ética do não-poder. 4. Jacques Ellul. 5. *Laudato Si'*. 6. Tecnocracia. I. Cardoso, Maria Teresa de Freitas. II. Varanda, Maria Isabel Pereira. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio

CDD: 200

Dedicatória

Para os meus amores,
Carolina, Maria Lourdes e Maria Laura.

Agradecimentos

A Deus, por ter-me fortalecido e sustentado até aqui e por dar-me tantos motivos para agradecer.

À minha orientadora Professora Doutora Maria Teresa de Freitas Cardoso, por carinhosamente disponibilizar seu conhecimento, tempo, atenção e por acolher-me novamente como seu orientando, dando-me a possibilidade de trilhar esta jornada teológica.

À minha coorientadora Professora Maria Isabel Pereira Varanda pela generosidade e hospitalidade com que me recebeu como orientando. Seus ensinamentos foram preciosos para que este trabalho fosse possível.

Agradeço ao Professor Prof. Carlos Eduardo Freire Estelita-Lins pela sugestão do autor Jacques Ellul, pelos grandes ensinamentos que compartilhou conosco ao longo dos encontros do grupo de pesquisa.

À minha amada esposa Carolina e às minhas filhas Maria Lourdes e Maria Laura, os maiores tesouros da minha vida. Obrigado pela compreensão, paciência e pelo renovo que a presença de vocês me dá a cada momento compartilhado.

Ao meu sogro Antônio Carlos e à minha sogra Lilia, por todo o suporte, sem o qual não seria possível continuar a minha caminhada acadêmica.

À toda minha família por apoiar meus sonhos, em especial aos meus pais Ailton dos Santos Ferraz e Cássia Cristina Gomes Ferraz.

À CAPES e ao CNPq pelo suporte, sem o qual não seria possível a realização deste trabalho.

À PUC-RJ, pelo auxílio concedido e pela belíssima estrutura que ofereceu todo o suporte material e humano necessários para a realização deste trabalho.

À Universidade Católica Portuguesa que me acolheu como aluno em cotutela, disponibilizando toda sua estrutura para que esta tese pudesse ser concluída.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação e funcionários do departamento de Teologia da PUC-Rio, pela respeitosa acolhida.

A todos os alunos do Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio, especialmente àqueles mais próximos que me enriqueceram pelo convívio nesses anos: Dr. André Luiz Bordignon Meira, Dr. Laerte Tardeli Hellwig Voss e Me. Marcelo Massao Osava.

Aos amigos Luis Eduardo Souza Rocha e Juliana González Figueiredo Rocha, Diego S. Lucas Sampaio e Anne M. Valente Sampaio, além da minha querida irmã Mellody Gomes Ferraz, pela hospitalidade com que me acolheram no período de estudos na Europa.

À minha amada Segunda Igreja Batista do Recreio, que sempre me deu suporte para que eu pudesse me qualificar academicamente.

Resumo

Ferraz, Chrystiano Gomes. **A Ética do não-poder de Jacques Ellul: um diálogo ecoteológico com a *Laudato Si'* e *Laudate Deum* em vista da superação da Tecnocracia.** Rio de Janeiro, 2024. 126p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese tem como tema central a questão da tecnocracia e sua relação com a crise socioambiental. Mais precisamente, tem por objetivo a busca por caminhos de superação do domínio da lógica técnica, a partir do diálogo entre a proposta teológica de Jacques Ellul (1912-1994), nomeadamente, *Éthique de la non-puissance* (a Ética do não-poder), e as contribuições do papa Francisco na carta encíclica *Laudato Si'*: *sobre o cuidado da casa comum* (24 de maio de 2015) e na exortação apostólica *Laudate Deum: sobre a crise climática* (4 de outubro de 2023). Foi adotado o método de revisão bibliográfica. Das obras sociológicas de Jacques Ellul explicitou-se o problema da técnica moderna: uma crítica profunda e assertiva da *Sociedade Técnica*. Crítica essa que ganhou correspondência com as observações do papa Francisco, quando colocada em diálogo com as duas obras antes referidas. Esta articulação teve por objetivo provar a atualidade e pertinência do tema. Depois de atestar a necessidade e urgência de se buscar soluções para os graves problemas oriundos da tecnocracia, foi apresentada a Ética do não-poder de Jacques Ellul como resposta teológica que impulsiona à *práxis* através do testemunho de Jesus Cristo. Quando a proposta elluliana e as contribuições do papa Francisco foram colocadas em diálogo, duas perguntas puderam ser respondidas: há uma proposta de *non-puissance* na *Laudato Si'* e na *Laudate Deum*? Existe um diálogo possível entre a proposta de Ellul e as propostas contidas na *Laudato Si'* e na *Laudate Deum*? Ambas as perguntas foram respondidas positivamente. Enquanto Jacques Ellul tem como fonte suprema o testemunho de Jesus Cristo na sua opção pelo não-poder, o papa Francisco faz brotar da espiritualidade cristã a *sobriedade* e a *lucidez*. Propostas que se complementam e concorrem conjuntamente para libertar o ser humano e a Criação.

Palavras-chave

Ecoteologia; Ética do não-poder; Jacques Ellul; *Laudato Si'*; Tecnocracia.

Abstract

Ferraz, Chrystiano Gomes. **The Ethics of non-power by Jacques Ellul: an eco-theological dialogue with *Laudato Si'* and *Laudate Deum* to overcome Technocracy**. Rio de Janeiro, 2024. 126p. Doctoral Thesis – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This thesis has as its central theme the issue of technocracy and its relationship with the socio-environmental crisis. More precisely, its objective is to search for ways to overcome the domain of technical logic, based on the dialogue between the theological proposal of Jacques Ellul (1912- 1994), namely, *Éthique de la non-puissance* (the Ethics of non-power), and the contributions of Pope Francis in the encyclical letter *Laudato Si': on care for our common home* (24 May 2015) and in the apostolic exhortation *Laudate Deum: on the climate crisis* (4 October 2023). The bibliographic review method was adopted. The sociological works of Jacques Ellul made clear the problem of modern technique: a profound and assertive critique of the Technical Society. This criticism corresponded with the observations of Pope Francis, when placed in dialogue with the two works mentioned above. This articulation aimed to prove the topicality and relevance of the topic. After attesting the need and urgency of seeking solutions to the serious problems arising from technocracy, Jacques Ellul's Ethics of Non-Power was presented as a theological response that encourages praxis through the testimony of Jesus Christ. When the Ellulian proposal and the contributions of Pope Francis were put into dialogue, two questions could be answered: is there a proposal of non-power in *Laudato Si'* and *Laudate Deum*? Is there a possible dialogue between Ellul's proposal and the proposals contained in *Laudato Si'* and *Laudate Deum*? Both questions were answered positively. While Jacques Ellul has as his supreme source the testimony of Jesus Christ in his option for non-power, Pope Francis brings sobriety and lucidity from Christian spirituality. Proposals that complement each other and work together to free human beings and Creation.

Keywords

Ecotheology; Ethics of non-power; Jacques Ellul; *Laudato Si'*; Technocracy.

*Descrevo um mundo sem saída,
com a convicção de que Deus acompanha
o homem em toda a sua história.*

Jacques Ellul

Sumário

1. Introdução	10
2. O pensamento de Jacques Ellul	13
2.1. Quem foi Jacques Ellul?	13
2.1.1. Uma breve biografia	14
2.1.2. Sua participação política	17
2.1.3. Anarquista e cristão	19
2.1.4. A contribuição de Ellul junto à Igreja Reformada da França	22
2.2. As grandes influências recebidas por Jacques Ellul	23
2.2.1. A relação com a Bíblia Sagrada	24
2.2.2. A amizade com Bernard Charbonneau	27
2.2.3. As análises sociológicas de Karl Marx	31
2.2.4. A teologia dialética de Karl Barth	34
2.2.5. Os escritos de Søren Kierkegaard	36
2.3. Um autor em dois registros: sociológico e teológico	38
2.3.1. As obras sociológicas de Jacques Ellul	40
2.3.2. As obras teológicas de Jacques Ellul	44
2.3.3. A dialética nas obras de Ellul	47
3. Jacques Ellul e a questão da técnica moderna	50
3.1. A crítica ao paradigma tecnocrático na <i>Laudato Si</i> e na <i>Laudate Deum</i>	50
3.2 A crítica da técnica em Jacques Ellul	54
3.2.1. O conceito de técnica moderna segundo Jacques Ellul	56
3.2.2. A operação técnica e o fenômeno técnico	59
3.2.3. O percurso da técnica até a virada moderna	61
3.2.4. As características da técnica moderna segundo Ellul	73
3.3. A tecnocracia e suas consequências ecológicas	81
4. A proposta da Ética do não-poder de Jacques Ellul	86
4.1. O conceito de Ética do não-poder	87
4.1.1 A raiz teológica da Ética do não-poder	89
4.1.2. A Ética do não-poder, para além da não-violência	98
4.2. A Ética do não-poder como contribuição ecoteológica	101
4.2.1. Algumas nuances do pensamento ecológico de Ellul	103
4.2.2. A Ética do não-poder em contraposição à lógica técnica	106
4.3. A Ética do não-poder em diálogo com a <i>Laudato Si'</i> e com a <i>Laudate Deum</i>	111
4.3.1 A Ética do não-poder e a <i>Laudato Si'</i>	112
4.3.2 A Ética do não-poder e a <i>Laudate Deum</i>	116
5. Conclusão	118
6. Referências bibliográficas	121

1

Introdução

Cada vez mais o tema da ecologia vem ganhando espaço no meio teológico. Certamente, houve um impulso dado pela publicação em 2015 da Carta Encíclica *Laudato Si'*: *sobre o cuidado da casa comum*, do papa Francisco. Nunca um papa havia dedicado uma encíclica inteiramente à questão da crise ecológica. Provavelmente, o avanço de uma crise que não tem precedentes e que não pode mais ser negada – apesar do esforço de muitos negacionistas – desencadeou a necessidade de refletirmos e agirmos.

Com o senso de urgência que o nosso tempo pede, Jacques Ellul, desde os anos 1930, já vinha projetando em suas análises um futuro sombrio para a humanidade. O otimismo dos primeiros anos dos tempos modernos, traduzidos em palavras como “avanço”, “progresso”, “desenvolvimento”, “tecnologia”, abafou as vozes que, à contracorrente, denunciavam o perigoso rumo que a sociedade estava tomando.

Agora, estamos diante de uma crise geral: econômica, política, ecológica, antropológica e climática. A história é implacável. Estavam certos aqueles que um dia foram chamados de “inimigos do progresso”. Será tarde demais? Muitos deles se foram e suas vozes não podem mais ser ouvidas como antes.

Nossa tese tem por objetivo dar voz a uma dessas mentes brilhantes, que se tornou ainda mais necessária depois da sua morte. O pensador Jacques Ellul (1912-1994), nascido em Bordeaux, na França, foi um crítico implacável da técnica moderna. Teólogo, filósofo, historiador e cristão. Suas análises sobre a sociedade moderna foram tão assertivas que até hoje podemos enxergar o quadro que por ele foi magistralmente pintado.

Já no início dos anos 1950, seu pensamento ganhou notoriedade no Canadá e nos Estados Unidos da América, além da França.¹ Ellul converteu-se ao cristianismo na sua juventude – tornou-se cristão protestante – e produziu muitas obras na área da teologia. Curiosamente, apesar da sua grande produção no campo

¹ Muito por conta da magnitude de suas obras sociológica que apontaram para os perigos da dominação da tecnologia e da técnica sobre os seres humanos na Modernidade, problemática já possível de observar com mais facilidade na realidade norte americana de seu tempo. Cf. ELLUL, J. *À contre-courant*, 1994, p.61.

da teologia, pouco foi explorado de suas ricas obras teológicas para além dos países antes citados.

No Brasil, a área que mais explorou suas obras até o momento foi a do Direito. O professor Dr. Jose David Barrientos-Parra, professor de Direito da Universidade Estadual Paulista (UNESP), orientou alguns trabalhos em Ellul e manteve, até o ano de 2015, um grupo de pesquisa em Jacques Ellul fomentado pela CAPES. Até o ano de 2015, o professor Jose David Barrientos-Parra organizou pelo menos cinco seminários sobre o pensamento de Jacques Ellul, todos voltados para a área do Direito. Os seminários produziram anais e obras sobre a atualidade do pensamento de Ellul.

Nossa aproximação se dá pelo interesse no potencial teológico da obra de Ellul. No pensador de Bordeaux encontramos já sinalizada a raiz dos problemas atuais apontados pelo papa Francisco na *Laudato Si'* (24 de maio de 2015) e na *Laudate Deum* (4 de outubro de 2023), especialmente, sobre a questão da tecnocracia e suas consequências ecológicas. E foi também no pensamento de Ellul que julgamos ter encontrado uma via de superação das amarras da tecnocracia, sua *Éthique de la non-puissance*.

Esta tese é resultado do estudo das obras de Jacques Ellul e da leitura da *Laudato Si'* (2015) e da *Laudate Deum* (2023), ambas do papa Francisco. A pesquisa compreendeu uma revisão bibliográfica. Foi adotada uma abordagem dialética e dialogal. Dialética, como propõe a relação dos escritos sociológicos com os escritos teológicos de Jacques Ellul. Dialogal: promovendo a conversa entre as obras de Ellul e as duas obras de Francisco. Um interroga e o outro responde. Concordam e discordam. Sobretudo, cooperam para a construção de uma proposta ecoteológica de superação das amarras da tecnocracia, em vista da construção de uma atitude ecológica compatível com o chamado cristão.

Neste movimento, promovemos um diálogo ecumênico, protestante-católico. Um diálogo fraterno entre dois pensadores do nosso tempo, ajustando o que a vida não foi capaz de fazer: criamos a ocasião para acontecer este encontro de pensamentos.

Para fazer brotar esta contribuição singular, dividimos a nossa tese em três capítulos de desenvolvimento. O primeiro tem por objetivo apresentar o pensamento e o pensador de Bordeaux, tão relevante e pouquíssimo conhecido no Brasil. Este capítulo buscará oferecer a chave-de-leitura necessária para a

compreensão da crítica da técnica, tema do nosso segundo capítulo de desenvolvimento.

No segundo capítulo já será introduzido o diálogo entre Ellul e as duas obras de Francisco. O capítulo iniciará com a abordagem do papa à questão da tecnocracia na *Laudato Si'* e na *Laudate Deum*. Nosso intuito é de confirmar que há uma preocupação atual em relação à problemática que envolve a técnica moderna, partindo de uma reflexão recente. No mesmo capítulo faremos uma exposição da crítica da técnica moderna empreendida por Jacques Ellul. Suas análises são detalhadas e minuciosas. Os escritos sociológicos de Ellul contém uma descrição precisa do cenário de dominação técnica sobre todas as atividades humanas. Com tamanha precisão e rigor metodológico, o pensador francês nos ajuda a enxergar e reconhecer a nossa condição no mundo.

Após situarmos a contribuição e expormos o problema, o último capítulo de desenvolvimento virá com uma proposta de solução. A partir do pensamento de Jacques Ellul, apresentaremos a proposta da *Éthique de la non-puissance* (Ética do não-poder). Esta proposta é dotada de um potencial ecoteológico importante para os nossos tempos. Faremos uma articulação entre a Ética do não-poder e a proposta de superação da tecnocracia contidas nos dois escritos do papa Francisco para provar nossa afirmação anterior.

Seguir-se-á uma reflexão conclusiva, consciente dos limites de nossa tese e do seu caráter impulsionador. A consciência de estar introduzindo um autor tão importante no cenário teológico brasileiro nos faz projetar as muitas reflexões importantes que podem surgir a partir do pensamento de Jacques Ellul – na Teologia e nas outras diversas disciplinas. Assim encaramos nosso trabalho: como uma tese que se fundamenta no pensamento complexo de um polímata que tem muito mais a dizer, pois seu pensamento rompe a barreira do seu tempo.

Por aqui, fica um convite a uma jornada de reflexão sobre nossa condição diante das amarras da técnica, seguida de um chamado ao exercício da liberdade.

2

O pensamento de Jacques Ellul

Neste capítulo faremos uma trajetória de apresentação do autor estudado, Jacques Ellul. Mais conhecido pelos seus escritos e contribuição em torno da temática da filosofia da técnica, Ellul foi verdadeiramente um pensador único, versátil e à frente do seu tempo. Nossa tese buscará sublinhar a importância do pensamento do autor para os nossos dias, apontando que o autor tem uma contribuição importante para a temática da Ecoteologia, em especial, a partir do diálogo com a carta encíclica *Laudato Si'* (LS), de 2015, e com a exortação apostólica *Laudate Deum* (LD), de 2023, ambas escritas pelo papa Francisco. Porém, não podemos chegar ao ponto pretendido sem antes compreendermos as bases do pensamento do autor e de sua proposta.

Para tal, primeiramente, faremos uma apresentação biográfica de Jacques Ellul. Traremos dados que nos ajudarão a compreender as raízes e as influências da sua formação pessoal para o seu pensamento, registrado em suas obras. Em seguida, destacaremos a importância e a influência de alguns autores para a formação do pensamento do intelectual de Bordeaux. Nesta primeira parte de nossa tese, apresentaremos a correspondência entre os dois registros – sociológico e teológico – que caracteriza, as obras do autor francês. Neste momento, nossa proposta de articulação entre estes dois registros buscará mostrar que só se pode compreender a contribuição do autor a partir do conjunto, do *corpus elluliano* em sua relação dialética.

2.1.

Quem foi Jacques Ellul?

Como todo autor passível de críticas e elogios, Jacques Ellul deixou impressões distintas naqueles que tiveram acesso às suas obras. Por alguns foi considerado um profeta, não no sentido religioso, mas pela sua capacidade de reflexão e projeção sobre o futuro da sociedade: um pensador à frente do seu tempo. Por outros, um fatalista, até mesmo pessimista, com suas análises e projeções inaudíveis para os entusiastas da tecnologia e do progresso de seu tempo – posição hegemônica e pouco contestada naquele momento.

É certo que Ellul fará parte do hall de autores que despertam mais interesse após a sua morte – que aconteceu em 1994.² O mundo atual está repleto de questões apontadas por este autor que enxergou com mais amplitude o futuro de uma sociedade técnica.

Para tentarmos responder à pergunta proposta por esta seção, “Quem foi Jacques Ellul?” – traremos a seguir alguns aspectos que nos auxiliarão neste mapeamento: uma breve biografia do autor, que nos permitirá observar a coerência entre vida e pensamento; a atuação política de Ellul e seu envolvimento com a Igreja; a sua controversa posição anarquista.

2.1.1

Uma breve biografia de Jacques Ellul

O pensador Jacques César Émile Ellul, mais conhecido como Jacques Ellul, nasceu em Bordeaux (França), no dia 6 de janeiro de 1912. Filho de Marthe Mendès e Joseph Ellul. Seu pai era ítalo-sérvio, de cultura grega ortodoxa, mas *voltairiano* de convicção e sua mãe era franco-portuguesa, de religião cristã protestante – que para não contrariar seu marido, guardava para si sua crença religiosa, sem manifestá-la publicamente.³

A juventude de Ellul foi de um menino pobre, porém feliz, educado no culto das virtudes aristocratas. Ainda muito jovem, Ellul se encanta com as histórias do povo hebreu, narradas na Bíblia.⁴ Leitor das Escrituras Sagradas Cristãs, Ellul teve uma experiência marcante no fim de sua adolescência, que o convenceu da presença de Deus com Ele. Ellul relatou a experiência em entrevista concedida ao sociólogo Patrick Troude-Chastenet:

Eu estava sozinho em casa, ocupado traduzindo Fausto, quando senti esse tipo de presença indiscutível, algo assustador, estupefato, que me agarrou absolutamente, isso é tudo que eu pude dizer sobre isso... Fiquei tão chateado que saí da sala completamente atordoado e fugi com a bicicleta que estava no quintal. Conduzi não sei quantas dezenas de quilômetros. Depois, disse a mim mesmo: “Foi a presença de Deus”.⁵

² DESJOYAUX, L. Jacques Ellul teve razão muito cedo?, n.p.

³ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p.11.

⁴ TROUDE-CHASTENET, P. Introduction à Jacques Ellul, p.4.

⁵ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p.119.

Após esta experiência, deu-se início o seu processo de conversão ao seguimento de Jesus Cristo, que veio a acontecer mais tarde, através de uma trajetória consciente que durou anos. Ellul tornou-se cristão protestante.

Bom aluno na escola, formou-se no Ensino Médio aos dezesseis anos. Aos dezoito anos fez bacharelado em Filosofia. Depois acabou ingressando no curso de Direito por pressão de seu pai – já que à época preferia ter seguido carreira na marinha.⁶ Ainda muito jovem, recebeu o título de doutor em direito com apenas vinte e quatro anos.

Ellul construiu uma carreira acadêmica de sucesso como professor universitário. Lecionou Direito, História e Sociologia das Instituições no Instituto de Estudos Políticos e na Universidade de Direito de Bordeaux. Foi também professor da Universidade de Montpellier em 1937, depois em 1938 na de Estrasburgo e Clermont-Ferrand em 1939. Ellul fez opção por uma vida provincial, escolhendo não deixar definitivamente Bordeaux, onde lecionou até a década de 1980, descartando convites para lecionar nos grandes centros, como Paris.

No ano de 1934, Ellul se engajou no movimento personalista⁷, de Emmanuel Mounier, junto com seu grande amigo Bernard Charbonneau. Essa amizade durará longo tempo, dos bancos da escola até a morte. Não podemos dizer o mesmo de seu envolvimento com o movimento de Emmanuel Mounier, fundador da revista *Esprit* em 1932:

Ansioso para não permanecer em uma abordagem livresca, mas de mudar radicalmente a sociedade, Ellul teve o primeiro contato com os membros da SFIO – *Section française de l'internationale socialiste* [Seção Francesa da Internacional Socialista] –, mas desapontou-se por seu carreirismo, já que seus militantes comunistas mais se preocupavam com a linha do partido do que com a hermenêutica marxista. Finalmente, é no seio do movimento personalista encarnado pelas revistas *Esprit et Ordre Nouveau*, que ele encontrou o momento de colocar em prática, no sudoeste da França, o pensamento de Marx e Proudhon.⁸

Em 1937, rompeu com Emanuel Mounier e demitiu-se da revista *Esprit*, que continua a ser, aos seus olhos, uma revista de intelectuais parisienses, enquanto

⁶ TROUDE-CHASTENET, P. Introduction à Jacques Ellul, p.5.

⁷ “Essa corrente de pensamento inconformista busca uma terceira via entre a democracia liberal individualista e o totalitarismo de massas fascista ou comunista: um regime que reabilite a “pessoa”, ou seja, o ser definido por suas relações”. ROGNON, F. (Org.). *Généralités Ellul*, p. 9.

⁸ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul: Anarquista, mas cristão, p.16.

gostaria de fazer dela um verdadeiro movimento de ação revolucionária, capaz de federar grupos locais a viver uma democracia.

No ano de 1937, casou-se com Yvette Lensvelt, com quem teve uma duradoura relação até ao desaparecimento de sua amada, no ano de 1991.⁹ Juntos tiveram quatro filhos: Jean (nascido em 1940), Simon (1941-1947), Yves (nascido em 1945) e Dominique (nascido em 1948).¹⁰

Ellul tratava o seu encontro com Deus e o encontro com aquela que viria a se tornar a sua esposa como as experiências mais significativas da sua vida. Ele considerava que sua esposa Yvette Lensvelt o impulsionou a viver, a se relacionar e a ouvir as pessoas, para além de ser um ávido leitor e intelectual.¹¹

No ano de 1940, foi denunciado por um de seus alunos e demitido pelo governo de Vichy, após ser acusado de criticar o marechal Pétain. Entretanto, o argumento para sua demissão foi atribuído ao fato de ser filho de estrangeiro.¹² Assim, juntou-se ao movimento de *Resistência*. Este movimento não aceitava a submissão do Governo da França ao poder do nazismo que se espalhava:

Viveu durante a guerra na pequena aldeia de Martres, em Gironde, perto da linha de demarcação, criou ovelhas e galinhas, trabalhou a terra, fez documentos falsos e escondeu judeus e combatentes da resistência. Ainda conseguiu dar aulas de Direito clandestinamente e até passar no *agrégation* em 1943 (sob pseudônimo).¹³

Por sua atuação na 2ª Guerra Mundial, abrigando judeus em sua casa e fornecendo suporte à luta de *Resistência* ao avanço nazista, Ellul ganhou o prêmio “Justo entre as Nações”, reconhecimento entregue pelo Comitê Francês em nome do museu *Yad Vashem* em 1981.

⁹ O sociólogo Patrick Troude-Chasteney, maior especialista no pensamento de Jacques Ellul, relata sobre o impacto que tal acontecimento gerou na vida do autor: “Provavelmente não é por acaso que as nossas trocas de ideias tomaram um novo rumo no dia seguinte ao desaparecimento da sua esposa, a 16 de Abril de 1991. A partir dessa data, a vida de Jacques Ellul nunca mais foi a mesma. Enorme foi o seu pesar. Pensei por um momento que ele não seria capaz de superar isso. Ele havia espalhado fotos de sua esposa Yvette em todos os cantos da sala onde recebia seus visitantes. Senti-o tomado, se, não, de remorso, pelo menos pela sensação de que precisava urgentemente testemunhar a importância que ela teve em sua vida. Ele queria me convencer de que não apenas sua esposa havia mudado seu destino, mas que sem ela, ele não teria conseguido realizar seu trabalho.” ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. *À contre-courant*, p.10.

¹⁰ ROGNON, F. (Org.). *Génération Ellul*, p. 5.

¹¹ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. *À contre-courant*, p.187 e 188.

¹² TROUDE-CHASTENET, P. *Introduction à Jacques Ellul*, p.12.

¹³ ROGNON, F. (Org.). *Génération Ellul*, p.5. Traduzimos a citação, exceto o termo *agrégation*, que era um concurso de recrutamento de professores realizado na França.

2.1.2

Ellul e sua participação política

Para Ellul, “a política é o domínio, a esfera dos interesses públicos geridos e representados pelo Estado. [...] é a ação relativa a esta área, a direção do grupo político, a influência que se exerce nesta direção”.¹⁴ Dentro desta ideia de política, Ellul compreende a disputa dos grupos para fornecer pretensas soluções para as questões públicas.

Obviamente, a ação política não está subscrita exclusivamente à política partidária. Entretanto, essa se mostra como um domínio decisivo na configuração da sociedade moderna. Há controvérsias sobre esta última sentença. Ellul se encarregou de denunciar o papel da política no mundo da técnica.

Ellul se definia como um “intelectual ativo”.¹⁵ Além de ser um intelectual, se colocava ativamente na luta pelas causas que entendia serem justas. Foi assim, que no período da *Libération nationale* – luta pelo fim da ocupação militar alemã e do governo autoritário de Vichy – Ellul se tornou secretário-geral da região de Bordeaux. Sua intenção era a de garantir que não fossem cometidos excessos no estabelecimento de uma nova ordem.¹⁶ Neste momento Ellul nutriu certa expectativa em ver uma revolução na França.

Entretanto, sua participação na política foi muito breve:

Após o movimento de *Libération nationale*, Ellul tinha sonhado com a passagem da Ocupação – de acordo com o slogan do movimento *Combat*, “Da resistência à revolução” – assistiu, impotente, ao ressurgimento dos partidos tradicionais e dos poderes econômicos. Para o professor bordelês, nessas condições, a França não merecia o qualificativo de democracia, ou ao menos, ela ilustrava apenas a fórmula de Marx: “A democracia é a capacidade das pessoas de poder escolher a quem estrangular!”.¹⁷

Será por apenas seis meses vice-prefeito de Bordeaux, na equipe municipal resultante da *Resistência*, mas depois se afastará de qualquer responsabilidade político-partidária, e nunca mais participará das eleições: contará com sua breve experiência de gestão municipal para denunciar de forma virulenta a ilusão

¹⁴ ELLUL, J. *L'illusion politique*, p.11.

¹⁵ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. *À contre-courant*, p.48.

¹⁶ TROUDE-CHASTENET, P. *Introduction à Jacques Ellul*, p.13.

¹⁷ TROUDE-CHASTENET, P. *Jacques Ellul: Anarquista, mas cristão*, p.17.

política,¹⁸ mostrando que o poder real está nas mãos de técnicos e dos *experts*, e que, na realidade, os políticos não têm controle sobre nada.¹⁹

Para Ellul, estamos diante de um espetáculo político, propagado pelos meios de comunicação, mas não sabemos ao certo o que de fato acontece na realidade política. Segundo Ellul, a política, sujeita à necessidade técnica, ocupa-se apenas de assuntos efêmeros.²⁰

Ellul dedicou diversos escritos sobre a temática,²¹ convidando os leitores a uma análise crítica da política moderna, dominada pela técnica. Sua crítica é incisiva a esta política encarcerada pela técnica: “a política é a arte de generalizar falsos problemas, dar falsos objetivos e iniciar falsos debates”.²²

Seu afastamento da política não o impediu de atuar ativamente na recuperação de jovens “desajustados” de Pessac (região localizada na grande Bordeaux). Em 1958, Ellul foi procurado pelo educador Yves Charrier. Prestou uma espécie de consultoria para o então educador de um órgão público, que trabalhava com jovens delinquentes. Charrier estava convencido de que não era possível realizar um bom trabalho com estes jovens trancando-os em uma instituição. Deste encontro surgiu o Clube de Prevenção de Pessac, voltado para servir a estes jovens em seus “ambientes naturais”, nas ruas.²³

Jacques Ellul deu suporte jurídico, espiritual, serviu de intermediário entre Charrier e a polícia. Em entrevista concedida à Patrick Troude-Chastenet, Ellul descreve sua atuação:

Ia muito ao clube e eles sabiam que eu era “o chefe”, como diziam. Fui muito bem recebido nesse ambiente de caras muito violentos com quem nunca tive problemas. E então, o mais folclórico, é quando as formas de desajuste mudaram e passamos de Jaquetas Pretas para Híppies e viciados em drogas, alguns deles perguntaram a Charrier se ele não conhecia alguém para explicar a Bíblia para eles. Então, uma vez por semana, eu fazia exegese bíblica diante de cerca de trinta pessoas marginalizadas que me seguiam com muita fidelidade.²⁴

¹⁸ ELLUL, J. *L'illusion politique*. Paris: Pluriel, 1965.

¹⁹ ROGNON, F. (Org.). *Génération Ellul*, p. 5.

²⁰ ELLUL, J. *L'illusion politique*, p.51.

²¹ Patrick Troude-Chastenet indica as obras mais famosas de Ellul sobre a política: “*Présence au monde moderne* [1948], *Fausse Présence au monde moderne* [1963], *L'illusion politique* [1965], *Politique de Dieu, politiques de l'homme* [1966a], *Anarchie et Christianisme* [1988]”. TROUDE-CHASTENET, P. *Introduction à Jacques Ellul*, p.64.

²² ELLUL, J. *La politique moderne*, p.114.

²³ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. *À contre-courant*, p.181.

²⁴ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. *À contre-courant*, p.182.

Jacques Ellul, como intelectual-ativo, nutria esperança de que os jovens, com suas angústias, que se chocavam com uma sociedade complexa, poderiam ter suas energias reorientadas para o bem. O que Ellul e Charrier realizavam era uma “ação preventiva no ambiente natural dos jovens, tanto a nível individual como coletivo. O objetivo era evitar que os jovens caíssem na ladeira escorregadia da delinquência.”²⁵

Ellul atuou no clube até a morte de Charrier, em 1969. O clube continuou seu curso, já que Ellul elegeu Luc Fauconnet como sucessor para tocar o projeto, que passou a atender mais de 300 jovens.

O próprio Ellul assume sua posição singular em relação aos dois polos políticos que permanecem vivos até hoje: “Naturalmente, permaneci à margem política, porque me recusei a subscrever qualquer uma das principais linhas políticas. Talvez esteja relacionado à minha personalidade.”²⁶

Segundo Patrick Troude-Chastenet, a relação de Ellul com a política pode ser resumida em sua essência como um *d'engagement dans le détachement*.²⁷ Ellul entende que “para mudar o regime político, devemos primeiro ‘começar por mudar a vida das pessoas’, na sociedade Moderna a verdadeira luta é espiritual e a dimensão política é secundária”.²⁸ Mais adiante compreenderemos melhor esta afirmação, que sem a devida compreensão do pensamento de Ellul, pode ser confundida como uma fuga da responsabilidade da ação no mundo – posição diametralmente oposta à proposta elluliana.

2.1.3

Anarquista e cristão

Até aqui nos parece bastante evidente a singularidade de Jacques Ellul. Mas, como conciliar a sua inclinação anárquica com a sua fé cristã? Patrick Troude-Chastenet faz o mesmo questionamento, antes de analisar esta dupla inscrição do autor: “sabendo que, de uma parte, os anarquistas rejeitam toda forma de religião e que, de outra parte, os cristãos pregam a obediência ao poder político, como nós podemos ser ao mesmo tempo anarquistas e cristãos?”.²⁹

²⁵ ROUX, P. Jacques Ellul et la création d'Action Jeunesse Pessac, p. 400 e 401.

²⁶ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p.62.

²⁷ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul et la politique, p.34.

²⁸ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul et la politique, p.41.

²⁹ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul: Anarquista, mas cristão, p.13.

Nas Sagradas Escrituras podemos encontrar textos que defendem a obediência às autoridades políticas estabelecidas, como por exemplo, Romanos 13,1-2: “Todo homem se submeta às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus. De modo que aquele que se revolta contra a autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus.”³⁰

Adepto do pensamento dialético – como veremos posteriormente – Ellul não se prende a fórmulas simplistas. Por isso, com bons argumentos defende esta possibilidade, que é, à primeira vista, antagônica. Assim, assume a sua fé cristã no plano ético e a posição anarquista no plano político.³¹

Ellul leu os principais autores anarquistas – especialmente, Proudhon, Bakunin e Kropotkin – em contraposição a Marx. Entretanto, sempre considerou os autores anarquistas “inferiores no plano teórico em relação ao autor de ‘A Ideologia Alemã’.”³² Afirmo o pensador de Bordeaux: “Estou muito próximo desta concepção de revolução e sociedade. Mas os anarquistas não deixaram nenhuma marca intelectual em mim. Trouxeram-me ideias, uma certa corrente de pensamento, mas não ‘formaram’ o meu pensamento”.³³

No ano de 1947, escrevendo na revista semanal protestante *Reforme*, Ellul declarou sua inclinação libertária, ainda, de maneira pontual: “eu afirmo que neste momento, e por algum tempo na França, a anarquia é a única solução possível. Eu não reivindico que seja o sistema do futuro, mas do presente; nem um regime universal, mas local e concreto.”³⁴

Ellul faz questão de colocar que sua posição anarquista não é fixa e para todo o sempre, mas se refere à sociedade moderna. Declara: “na medida em que percebi que o Estado continuava a monopolizar áreas que não eram da sua jurisdição, pensei que os anarquistas tinham razão, não para a eternidade, mas no contexto da sociedade moderna.”³⁵

Ellul se coloca contra toda forma de totalitarismo. Sua oposição a um Estado todo-poderoso – seja este comunista, fascista ou liberal –, sufocante da liberdade

³⁰ Rm 13,1-2.

³¹ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul: Anarquista, mas cristão, p.15.

³² TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul: Anarquista, mas cristão, p.15.

³³ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p.178.

³⁴ ELLUL, J. Propositions louches, N.p.

³⁵ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p.178.

dos indivíduos, e à sacralidade que a ele é atribuída, compõe os argumentos para sua preferência por um outro modelo, a via do anarquismo:

frequentemente salientou que não se opõe ao Estado e à técnica, mas à sua sacralização aqui e agora. É a sua combinação, de forma inédita em toda a história, segundo ele, que nos levou à fonte de alienação e reificação do homem. O Estado-nação tornou-se o poder de coordenação da organização técnica. Não podemos atingir um sem alcançar o outro. Nessas condições, a anarquia constitui uma atitude de resistência face à opressão tecno-estatal.³⁶

Após um longo espaço de tempo em que não publicou textos sobre o tema da anarquia – apesar de ser conhecida a sua relação de cooperação e amizade com os anarquistas – Ellul escreveu um ousado texto em 1974, chamado *Anarchie et christianisme*. Trata-se de um artigo publicado na revista *Contrepoint* e que mais tarde servirá de base para a sua maior obra sobre o tema, o livro homônimo publicado em 1988. Logo na introdução de *Anarchie et christianisme*, Ellul coloca o desafio de tratar do tema:

A questão aqui colocada é tanto mais difícil porque as certezas sobre este assunto estão estabelecidas há muito tempo, de ambos os lados, e nunca foram submetidas ao menor questionamento. Desnecessário será dizer que os anarquistas são hostis a todas as religiões (e o Cristianismo é obviamente classificado nesta categoria), não é menos óbvio que os cristãos piedosos têm horror à anarquia, uma fonte de desordem e negação das autoridades estabelecidas. São estas certezas simples e inquestionáveis que pretendo aqui pôr em causa.³⁷

Ellul se dedicou a ler sobre o tema, não para se justificar, mas para colocar em questão a sua própria sanidade ao perceber que tanto nas Sagradas Escrituras, quanto nos poucos escritos que se aventuraram a colocar esses dois polos em perspectiva, existem elementos suficientes para abalar esta pretensa convicção de indissociabilidade entre cristianismo e anarquia. Ele oferece uma reflexão sobre a Bíblia como possível fonte da anarquia.

Por algum tempo chegou a alimentar a esperança de que uma revolução que derrubasse esta força tecno-estatal seria possível, apesar das condições e espaço de tempo serem muitíssimo limitados. Registrou tal aspiração em sua obra *Changer de révolution* (Mudar de revolução), de 1982. Em sua grande obra *Le bluff*

³⁶ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul: Anarquista, mas cristão. p.18.

³⁷ ELLUL, J. *Anarchie et christianisme*, p.7.

technologique (O blefe tecnológico), de 1988, Ellul parece entregar os pontos: “Agora é tarde demais para mudar o caminho da técnica”.³⁸

O paradoxo é que, apesar de entender que o anarquismo é um dos poucos modelos possíveis para que o poder avassalador da técnica em aliança com o Estado seja contido, Ellul entende que o ser humano moderno não é capaz de viver em uma sociedade sem nenhum tipo de organização ou autoridade. Este ser humano está demasiadamente contaminado para tal e não será como um passo de mágica que estará pronto, pelo simples fato da alteração do modelo político. Ainda assim, Ellul crê na experiência em pequenos grupos.³⁹

É com esta lucidez sobre a realidade desanimadora que se apresentava diante dos seus olhos e, ao mesmo tempo, com uma faísca de esperança sempre presente no coração, que Jacques Ellul mantinha a sua atividade em prol das causas que entendia valer a pena lutar. Anarquia como posição libertária, em oposição ao Estado totalitário.

2.1.4

Jacques Ellul e a Igreja Reformada da França

Ellul, como cristão protestante, foi ativo em sua participação junto à Igreja Reformada da França. De igual modo, a nível europeu, envolveu-se no Conselho Mundial de Igrejas – entre os anos de 1946 e 1951. Ellul discursou na primeira Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, realizado no ano 1948, em Amsterdã. O pensador francês interessava-se pelo tema do ecumenismo, tendo dedicado algumas linhas sobre a necessidade de diálogo entre as igrejas cristãs. Afirma o pensador de Bordeaux:

O ecumenismo se tornou algo muito mais do que a simples reunião de igrejas de diferentes confissões. Representa a necessidade de redescobrir um substrato básico comum que permita reafirmar certos valores sem os quais a humanidade desaparecerá.⁴⁰

Ellul fundou e liderou diversos grupos de estudos bíblicos. Entre os anos de 1946 e 1955, “dirigiu em Bordeaux o primeiro cineclube destinado principalmente

³⁸ ELLUL, J. *Le bluff technologique*, p. 9 e 10.

³⁹ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. *À contre-courant*, p.68.

⁴⁰ ELLUL, J. *Some Reflections on the Ecumenical Movement*, p.382.

a estudantes, fórmula que retomou com os seus paroquianos de Pessac no início dos anos sessenta”.⁴¹ Também integrou o conselho de administração do Centro de Saúde Protestante Bagatelle. A nível local, Ellul deu sua contribuição para além dos bancos da Igreja.

Ellul criticava o afastamento do projeto original de seguimento de Jesus Cristo por parte da Igreja, quando essa se concebe como instituição.⁴² Seu envolvimento com a Igreja Reformada da França estava voltado para a tentativa de tornar a igreja mais ativa na sociedade:

Membro do Sínodo regional das Igrejas Reformadas, foi eleito delegado em 1947 ao Sínodo Nacional da Igreja Reformada da França (IRF). Candidato ao Conselho Nacional da IRF em 1953, foi eleito confortavelmente em 1956 e 1962, antes de ver a sua classificação cair em 1965 e desabar em 1968.⁴³

Ellul frustrou-se ao perceber que pouco conseguiu transformar a Igreja Reformada da França em uma igreja mais atuante social e politicamente. Contudo, conseguiu que a reforma dos estudos teológicos fosse adotada, após debates iniciados no Sínodo de 1973 – ainda que sua aplicação tenha sido um tanto quanto truncada.⁴⁴

Por volta do ano de 1973, renunciou a todos os seus cargos. Apesar das amizades feitas neste período, permaneceu à margem, dentro de uma Igreja que era minoria na França.

2.2

As grandes influências recebidas por Jacques Ellul

Continuando a trilhar um caminho de apresentação de Jacques Ellul, identificaremos as maiores influências para o desenvolvimento do seu pensamento. De antemão, cabe-nos salientar que Ellul se recusou a estar classificado em qualquer escola de pensamento ou ideologia. Estamos falando de um pensador único e original, que resguardou sua liberdade de pensamento acima de tudo.

O pensador de Bordeaux foi de fato um intelectual muito versado em diversos temas. Sua capacidade argumentativa destila uma erudição invejável. Poderíamos

⁴¹ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p.50.

⁴² ELLUL, J. Note problématique sur l'histoire de l'église, p. 298.; ELLUL, J. La subversion du christianisme, Paris, Seuil, 1984, réédition La Table Ronde, 2001.

⁴³ TROUDE-CHASTENET, P. Introduction à Jacques Ellul, p.13.

⁴⁴ ELLUL, J. ; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p.50.

apontar uma lista inumerável de autores citados por Ellul em suas obras – seja para discordar ou apoiar. Faremos, pois, destaques aos autores e fontes que o próprio Ellul reconhece como formadoras de seu pensamento.

Sendo assim, passaremos por algumas influências para a formação pessoal e do pensamento de Ellul: sua relação com a Bíblia Sagrada; a frutífera amizade com Bernard Charbonneau; as análises sociológicas de Karl Marx; a teologia dialética de Karl Barth; os escritos de Søren Kierkegaard.⁴⁵

Sobre os três últimos pensadores destacados na sequência acima – Karl Marx, Karl Barth e Søren Kierkegaard –, cabe-nos ressaltar que a ordem de apresentação não seguiu um critério temporal – quem Ellul conheceu primeiro – ou quantitativo – quem foi o mais citado por Ellul. Apenas objetivou-se elucidar didaticamente a contribuição decisiva de cada um deles, de modo que fique clara a singularidade de cada contribuição e o valor dessa tríplice herança.

Vale a pena salientar que, apesar do reconhecimento por parte de Ellul desta dívida intelectual para com cada autor, o pensador de Bordeaux se mantém livre em relação aos seus “credores”.⁴⁶ Por isso, encontramos diversas críticas aos mesmos em seus trabalhos.

2.2.1

A relação com a Bíblia Sagrada

Ellul teve seu primeiro contato com as Sagradas Escrituras bem cedo, aos sete ou oito anos de idade.⁴⁷ Obviamente, as primeiras leituras não foram bem compreendidas, mas serviram para despertar sua curiosidade. Atraído pelo Livro, o menino questionador buscou sua mãe para sanar suas dúvidas. Sua mãe, o encaminhou para um amigo pastor protestante. O encontro do menino Ellul com o pastor foi deveras frustrante, pois o pastor não soube responder aos seus questionamentos: “Esta história explica completamente minha leitura posterior da Bíblia.”⁴⁸

Convencido de que os adultos não o poderiam ajudar muito, o pequeno Ellul continuou suas leituras da Bíblia, sempre muito intrigado e encantado com as

⁴⁵ ELLUL, J. ; NORDON, D. L’homme à lui-même, p. 23.

⁴⁶ ROGNON, F. Théologie et technique: Introduction, p. 19.

⁴⁷ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p. 117.

⁴⁸ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p. 118.

histórias do povo hebreu e com algumas passagens do Novo Testamento. Ellul credita sua aproximação com o protestantismo a essa sede por compreender as Escrituras Sagradas:

O principal mesmo assim foi minha leitura da Bíblia. Encontrei ali uma espécie de evidência, uma verdade que não encontrei em nenhum outro lugar. E então, no segundo ano de faculdade – continuei a levar uma vida normal – um colega de classe que havia aprendido sobre a fé de minha mãe veio até mim para perguntar se eu queria me juntar ao seu grupo de estudantes protestantes.⁴⁹

E foi lendo as Escrituras que seu processo de conversão se consolidou. Quando tinha aproximadamente 22 anos, Ellul viveu uma experiência marcante ao ler o capítulo 8 da Carta aos Romanos: E foi lendo “o capítulo onde a natureza sofre e suspira nas dores do parto. Ele me deu uma resposta individual e uma resposta coletiva. Vi outra perspectiva que não a de Marx, uma perspectiva além da história, definitiva.”⁵⁰

Toda a obra de Jacques Ellul é permeada por reflexões bíblicas. O autor não apenas cita as Sagradas Escrituras em suas obras, mas dedicou-se à reflexão bíblica como tema central em algumas delas. O teólogo Frédéric Rognon enumera as seguintes:

Le livre de Jonas; Politique de Dieu, politiques de l'homme, dedicada ao segundo livro dos Reis; *Sans feu ni lieu*, sobre o tema da cidade em toda a Escritura; *L'Apocalypse: architecture en mouvement; Conférence sur l'Apocalypse de Jean; La Genèse aujourd'hui; La raison d'être*, dedicado ao livro de Eclesiastes; *Anarchie et christianisme*, dedicado às autoridades políticas e ao Estado nos vários textos bíblicos; *Ce Dieu injuste... ?*, sobre a situação do povo judeu de acordo com Romanos 9 a 11 e, finalmente, *Si tu es le fils de Dieu*, dedicado aos sofrimentos e tentações de Jesus.⁵¹

A centralidade das Escrituras Sagradas em suas obras é apontada por Jacques Ellul de maneira bem categórica:

*Le critère de ma pensée est la révélation biblique; le contenu de ma pensée est la révélation biblique; le point de départ m'est fourni par la révélation biblique; la méthode est la dialectique selon laquelle nous est faite la révélation biblique; et l'objet est la recherche de la signification de la révélation biblique sur l'Éthique.*⁵²

⁴⁹ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p. 98.

⁵⁰ ELLUL, J. A temps et à contretemps, p. 18

⁵¹ ROGNON, F. Jacques Ellul. Une pensée en dialogue, p. 82.

⁵² ELLUL, J. Le Vouloir et le Faire, p. 7. Tradução: “O critério do meu pensamento é a revelação bíblica; o conteúdo do meu pensamento é a revelação bíblica; o ponto de partida me é fornecido pela

Ellul conhecia muito bem as línguas predominantes de composição dos textos originais da Bíblia. Ainda muito jovem, chegou a lecionar grego para ajudar seus pais com as contas de casa. Sua erudição e sagacidade são marcas de um estilo versátil de ler as Escrituras. Conhecedor dos métodos mais utilizados pela exegese bíblica de seu tempo, certa vez, Ellul assumiu sua preferência por interpretações menos convencionais de certas passagens bíblicas, priorizando uma exegese teológica – uma leitura teológica das Escrituras:

Entre a exegese científica e cultural da história de Abraão, ou a interpretação estrutural do texto, e a meditação espiritual de Kierkegaard sobre este mesmo Abraão, é esta última que escolho. Não que eu considere os primeiros falsos e vãos. São certamente precisos e úteis para o jogo da ciência, mas não nos levam nem um passo mais perto do último.⁵³

O pensador de Bordeaux valoriza a pesquisa e o estudo minucioso das Sagradas Escrituras, que, no seu entendimento, tem por missão “denunciar as nossas falsas interpretações de Deus e eliminar aquilo que serve de envoltório à nossa pregação e teologia.”⁵⁴ Ellul não faz uma leitura apologética das Sagradas Escrituras, a qual reconhece como Palavra de Deus. Para Ellul, “a Bíblia não é um livro de respostas, mas de perguntas feitas ao homem por Deus”⁵⁵:

A Bíblia nos faz principalmente três perguntas. Ela nos faz uma pergunta confessional: “Quem vocês dizem que eu sou?”, uma questão ética: “O que você fez com seu irmão?”, e uma questão existencial em relação à nossa busca: “Quem você procura? Somos, portanto, questionados e convidados a dar uma resposta confessional, uma resposta ética e uma resposta existencial, através da palavra e da nossa vida. Caim, por sua vez, recusa-se a responder à pergunta de Deus e, portanto, a assumir as suas “responsabilidades”.⁵⁶

Para Ellul, a Palavra de Deus nos liberta e chama à responsabilidade. Por exemplo, na obra *Le livre de Jonas*, Ellul interpreta a narrativa de maneira não literal, reconhece a verdade bíblica contida no texto, e, ao mesmo tempo, nega a

revelação bíblica; o método é a dialética segundo a qual nos é feita a revelação bíblica; e o objeto é a busca do sentido da revelação bíblica sobre Ética.”

⁵³ ELLUL, J. Sans feu ni lieu, p. 17. Originalmente : « *Entre l'exégèse scientifique, culturelle du récit d'Abraham, ou l'interprétation structurale du texte, et la méditation spirituelle de Kierkegaard sur ce même Abraham, c'est celle-ci que je choisis. Non pas que j'estime les premières fausses et vaines. Elles sont assurément exactes et utiles pour le jeu de la science, mais elles ne font pas avancer d'un pas vers l'ultime.* »

⁵⁴ ELLUL, J. The Ethics of Freedom, p.178.

⁵⁵ TROUDE-CHASTENET, P. Introduction à Jacques Ellul, p.14.

⁵⁶ ROGNON, F. Jacques Ellul. Une pensée en dialogue, p. 83.

realidade histórica do que fora narrado. A dialética entre “realidade” e “verdade” marca o estilo elluliano de compreender os textos sagrados. Importa a verdade revelada através dos signos apresentados na narrativa do livro bíblico de Jonas.⁵⁷

Por exemplo, a leitura de Ellul do Livro de Jonas é cristocêntrica. Para ele, Jonas compõe e representa juntamente como os demais personagens – Davi, Josué etc. – uma faceta do Cristo, que integralmente se encontra plenamente em Jesus de Nazaré.⁵⁸

Ellul sofreu influências intelectuais que marcaram até mesmo a sua maneira de ler a Bíblia. O pensador de Bordeaux é devedor da dialética (barthiana, hegeliana e da marxiana):

Desenvolvi uma abordagem dialética da Bíblia não porque sou um gênio, mas porque a dialética de Hegel e Marx foi revivida e porque o próprio Barth era essencialmente um teólogo dialético. Tudo isso me foi fornecido pelo meio cultural em que me desenvolvi. Meu ambiente cultural também me deu o método crítico que apliquei à Bíblia, o de não considerar o texto como inspirado em cada letra e vírgula.⁵⁹

Mais adiante apresentaremos a importância da dialética para Ellul e as influências de alguns autores no seu pensamento. Não conseguiremos aqui esgotar a relação de Ellul com as Sagradas Escrituras. Mesmo assim, esta breve introdução pode ajudar o leitor a perceber a influência da Bíblia na formação pessoal e na obra do pensador de Bordeaux.

2.2.2

A amizade com Bernard Charbonneau

Jacques Ellul se define como um homem de amizades. Considera que teve muita sorte por ter amigos extraordinários e surpreendentes ao longo da vida.⁶⁰ Uma dessas amizades especiais, que durou cerca de sessenta anos, foi construída com o pensador Bernard Charbonneau (1910-1996).

Eles se conheceram no *Lycée Montaigne*, aproximadamente no final dos anos 1920. Os dois bordelenses, de origens sociais e crenças religiosas diferentes, tinham em comum o “fato de julgarem a política impotente face à influência tecno-

⁵⁷ ELLUL, J. Le livre de Jonas, p.118.

⁵⁸ ROGNON, F. Jacques Ellul. Une pensée en dialogue, p. 84.

⁵⁹ ELLUL, J. In Season, Out of Season, p. 61.

⁶⁰ ELLUL, J. À temps et à contretemps, p.25.

científica: o que Charbonneau chama de ‘*la Grande Mue*’ e Ellul de ‘*la Technique*’, e isto, desde o início da década de 1930.”⁶¹

É verdade que o professor de geografia e história, Charbonneau, foi quem alertou o futuro professor de direito romano para a questão que envolvia a aceleração do dito progresso e a influência que este processo estava submetendo à condição humana. Sem o encontro com Charbonneau, Ellul admite que não seria possível ter descoberto a realidade do fenômeno técnico.⁶² “Ele foi, de certa forma, o gatilho de toda a minha evolução. Sem ele, creio que não teria feito muito e, de qualquer forma, não teria descoberto nada!”⁶³

Convencido por seu amigo – que era formado na escola dos escoteiros – de que a melhor forma de vivenciar de maneira mais concreta a liberdade residia na experiência de confronto direto com a natureza, nos anos 1930 e 1931, passaram a organizar acampamentos na Galícia, nos Pirenéus e no Landes.⁶⁴ Formaram um grupo de aproximadamente dez amigos e conhecidos, e deram origem ao grupo que ficou conhecido como “o grupo de Bordeaux”, dando origem ao personalismo mais gascão (região do Sudoeste da França):⁶⁵

Os dois amigos encarnarão a facção mais individualista, libertária, girondina/regionalista, federalista e sobretudo mais ecológica do movimento personalista dos anos 1930. Para eles, trata-se de desenvolver o gosto pela natureza no sentido concreto do termo, de “manter o homem em contato direto com os seus vizinhos”, de defender a diversidade, de criar centros de vida independentes, mas ligados entre si em forma de redes. Como? Ao organizar acampamentos longe das cidades, e em particular nas montanhas dos Pirenéus, pretendem partilhar este sentimento de natureza que os inspira. O “grupo de Bordeaux” incentiva reuniões regionais e ligações horizontais entre estes pequenos grupos autogeridos. Estes acampamentos na natureza demonstram uma desconfiança no centralismo parisiense e a primeira colocação em prática de um slogan que florescerá: “Pense globalmente, aja localmente”.⁶⁶

Até ao ano de 1937 chegaram a estar filiados à revista *Esprit*. Aproximaram-se dos movimentos inconformistas da década de 1930. Também participaram da revista *Ordre Nouveau* de Arnaud Dandieu e Robert Aron: “Os dois homens aumentam o número de conferências nos grupos Amigos *Esprit* do Sudoeste e

⁶¹ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul et la politique, p.40.

⁶² ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p.14.

⁶³ ELLUL, J. À temps et à contretemps, p.27.

⁶⁴ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p.15.

⁶⁵ MORILLON-BRIÈRE, S. L’influence de Bernard Charbonneau sur la pensée de Jacques Ellul, p. 286.

⁶⁶ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul et la politique, p.40.

trabalham juntos em temas como propaganda, publicidade, mentalidade pré-fascista, ‘perversão liberal’, direito, federalismo,”⁶⁷ entre outros.

Um dos textos mais famosos elaborados por Charbonneau e Jacques Ellul se chama “Diretivas para um manifesto personalista”,⁶⁸ de 1935. Observa-se que “este manifesto de 83 pontos expõe explicitamente – e nestes termos a tese que dará a conhecer Ellul nos Estados Unidos trinta anos depois – a da impotência da política face à supremacia técnica”.⁶⁹

Este manifesto, centrado no princípio da austeridade voluntária, apresenta um “projeto de uma ‘cidade ascética’ centrada no qualitativo, [que] prefigura as teses da ecologia política e radical dos anos 1970 (Illich, Castoriadis, Schumacher, Gorz, Dumont).”⁷⁰ O sociólogo Patrick Troude-Chastenet sublinha o impulso revolucionário impresso no manifesto:

Ellul defendeu, no entanto, desde então, um realismo político “ao nível do terreno” e uma resistência concreta e quotidiana face às “mortes da sociedade atual”: guerra, fascismo, concentração em todas as suas formas (econômica, financeira, política, demográfica) causada pela Tecnologia... Além disso, “é quando a revolução é impossível que ela se torna necessária”, como afirma Denis de Rougement. Esta visão da “revolução necessária” está resumida num texto essencial de 1935 assinado por Ellul e Charbonneau: “Diretivas para um manifesto personalista”.⁷¹

No período que antecedeu a guerra, os amigos continuaram organizando acampamentos com o grupo de Bordeaux, que à época tinham como componentes estudantes que vieram a se tornar proeminentes em suas áreas de atuação. A guerra manteve longe os amigos e, conseqüentemente, interrompeu a atividade do grupo.

Logo após a guerra, contra a vontade e conselho de Charbonneau, Ellul envolveu-se na política. Experiência curta, já antes mencionada. Conseguiram retomar as atividades do Grupo de Bordeaux, realizando acampamentos até o ano de 1950. As atividades foram interrompidas anos depois, com certa frustração por não terem conseguido construir a sociedade revolucionária que almejaram.

⁶⁷ MORILLON-BRIÈRE, S. L’influence de Bernard Charbonneau sur la pensée de Jacques Ellul, p. 287.

⁶⁸ CHARBONNEAU, B.; ELLUL, J. Directives pour un manifeste personnaliste. In: Cahiers Jacques Ellul, "Les années personnalistes", Bordeaux, A.I.J.E., 2004, n. 1, pp. 63-79.

⁶⁹ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul et la politique, p.41.

⁷⁰ MORILLON-BRIÈRE, S. L’influence de Bernard Charbonneau sur la pensée de Jacques Ellul, p. 287.

⁷¹ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul et la politique, p.41.

Entretanto, os dois amigos não pararam os seus trabalhos conjuntos, como relata o historiador Sébastien Morillon-Brière:

Em 1972 e 1973, porém, dirigiram universidades de verão sobre ação ambiental em Boucau, a casa da família Charbonneau (em Saint-Pé-de-Léren), e Charbonneau liderou Ellul na criação do Comitê de Defesa da Costa da Aquitânia, que constituiu uma das primeiras grandes ações ambientalistas de resistência aos projetos de desenvolvimento do Estado, na década de 1970. Foram membros fundadores da associação europeia ECOROPA em 1973. Em 1982, ainda com a cumplicidade de Ellul, Charbonneau criou também o *Groupe du Chêne*, um grupo de reflexão que visa a desafiar o mundo ambientalista no processo de estruturação no plano político. Estas ações conjuntas são a encarnação de um diálogo intelectual frutífero, do qual os seus trabalhos são testemunhas. [...] Seus campos de investigação, abrangendo os aspectos noutros lugares, ele tem a certeza cada vez mais clara de ter uma vocação pessoal a cumprir: a de lutar contra a destruição da natureza numa sociedade em processo de totalização.⁷²

Ellul, em entrevista ao sociólogo Patrick Troude-Chastenet, confessa que antes de tomar alguma atitude sempre pensava o que Charbonneau, seu amigo agnóstico de moral irretocável,⁷³ poderia lhe dizer:

Cada vez que penso ou faço alguma coisa, pergunto-me o que Bernard irá pensar ou dizer-me sobre isso, embora saiba que a sua crítica será sempre inesperada e nova. [...] E quando eu sei que ele discorda de algo que eu faço, me sinto menos seguro, pois, cada vez que ele criticou um dos meus compromissos, tive que reconhecer que ele tinha razão.⁷⁴

Bernard Charbonneau foi o grande influenciador do pensamento ecológico de Jacques Ellul, relação que podemos encontrar retratada em obra recente de Frédéric Rognon.⁷⁵ Alguns especialistas reconhecem Jacques Ellul como precursor da ecologia política e do decrescimento, tais como o economista francês, Serge Latouche e o sociólogo especialista no pensamento de Jacques Ellul, Patrick Troude-Chastenet.⁷⁶

⁷² MORILLON-BRIÈRE, S. L'influence de Bernard Charbonneau sur la pensée de Jacques Ellul, p. 288.

⁷³ ELLUL, J. À temps et à contretemps, p.32.

⁷⁴ ELLUL, J. À temps et à contretemps, p.26.

⁷⁵ ROGNON, F. Le défi de la non-puissance: L'écologie de Jacques Ellul et Bernard Charbonneau. Lyon: Éditions Olivétan, 2020.

⁷⁶ TROUDE-CHASTENET, P. Les racines libertaires de l'écologie politique. Paris: L'échappée, 2023. ; TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul, pionnier de la décroissance. Le Point, 25/09/2017. ; LATOUCHE, S. Jacques Ellul : contre le totalitarisme technicien. Les précurseurs de la décroissance. Paris-FR : Le Passager Clandestin, 2013.

2.2.3

As análises sociológicas de Karl Marx

O pensador de Bordeaux reconhece ser devedor intelectual de três autores: Karl Barth, Søren Kierkegaard e Karl Marx. De Marx, Ellul recebeu uma primeira visão de mundo, uma análise da situação geral como nunca tinha visto antes: “No domínio político ou social, para a compreensão dos fenômenos econômicos, certamente Marx foi o despertador e me forneceu um instrumento”.⁷⁷

Jacques Ellul teve contato com os escritos de Karl Marx em sua juventude, durante um curso ministrado na Faculdade de Bordeaux, no ano de 1929, pelo professor de economia política, Joseph Benzacar.⁷⁸

Aquele era um momento muito difícil para a sua família, pois seu pai estava desempregado. Ellul encontrou uma explicação possível na leitura sociológica do autor de *Das Kapital*: “que injustiça terrível que um homem desta qualidade se encontre nesta situação. Por sua análise do capitalismo e suas crises, Marx me proporcionou uma explicação para o drama vivido por meu pai”.⁷⁹

Depois da leitura de *O Capital*, o intelectual de Bordeaux leu toda a obra de Marx. Entretanto, decepcionou-se quando esteve em contato com “trabalhadores comunistas que se revelaram mais preocupados com a linha do Partido do que com a hermenêutica marxista.”⁸⁰ Para a surpresa de Ellul, eles desconheciam a obra completa de Marx, apenas se agarravam ao *Manifesto Comunista* (1848).

Não satisfeito em conhecer Marx pelo olhar de autores marxistas ou de cristãos marxistas, Ellul desenvolveu uma leitura própria da obra do sociólogo. Ellul vivia um certo dilema entre a leitura das Sagradas Escrituras e as obras de Marx. Conseguiu uma maneira de conciliar as duas coisas, não descartando uma para assumir a outra, pois sabia do alcance e das limitações das duas fontes. Ellul falou um pouco desta relação entre as duas fontes em sua vida, durante a conhecida entrevista à Madeleine Garrigou-Lagrange:

Na verdade, o Cristianismo não me parecia de forma alguma uma explicação do mundo. Não se pode esquecer que naquela época o principal debate entre os cristãos centrava-se na salvação, a do indivíduo. Foi uma questão puramente pessoal. Mas foi nesta área da questão pessoal que achei que Marx falhava. Ele poderia explicar-

⁷⁷ ROGNON, F. Jacques Ellul. Une pensée en dialogue, p. 213.

⁷⁸ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p. 124.

⁷⁹ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p. 91.

⁸⁰ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p. 17.

me a minha situação, mas não a minha condição humana, a minha natureza mortal, a minha capacidade de sofrer ou de amar, ou a minha relação com os outros. Basicamente, não fiquei satisfeito com a explicação de Marx. Então, tendo essa opção de consultar a Bíblia, eu a leio de vez em quando, ao mesmo tempo que várias outras coisas.⁸¹

Ellul não via motivos ou razão para abandonar as análises de Marx sobre a economia e a sociedade, somente porque se tornou cristão.⁸² As opiniões de Marx sobre Deus e religião não o podiam abalar, pois sua experiência pessoal de fé refutavam o pensador. Esta dupla inscrição de Ellul funciona da seguinte maneira:

Marx trouxe-me uma certa maneira de “ver” os problemas políticos, econômicos e sociais – um método de interpretação, uma sociologia. Portanto, não parecia impossível utilizar isto, começando pela fé cristã. Não pude aceitar a opinião de que deveria haver uma fé cristã sem consequências sociais e políticas. Por outro lado, porém, vi claramente que não se poderia deduzir diretamente dos textos bíblicos consequências políticas ou sociais válidas para a nossa época. Pareceu-me que o método de Karl Marx era superior a todos os que encontrei em outros lugares.⁸³

O elo com o pensamento sociológico de Marx estava feito. Em contrapartida, Ellul rompeu com os marxistas:

Eu descreveria isso mais como uma ruptura com a ideologia do marxismo. Uma ruptura com o tipo de marxismo que afirma ser o objetivo e a chave de tudo. Por outro lado, concordo plenamente com um marxismo que oferece um método de interpretação – uma das melhores interpretações, na verdade, creio que a melhor – do mundo dos séculos XIX e XX. Também concordo com um marxismo que oferece alguma oportunidade para ação política. Ao mesmo tempo, reconheço os perigos do marxismo que já estavam presentes nos escritos de Marx.⁸⁴

A rejeição de Ellul por todo tipo de dogmatização do pensamento de Marx o afastou tanto dos marxistas, quanto do partido comunista. Para Ellul, estes grupos estavam mais preocupados com a linha do partido do que com a hermenêutica marxista.⁸⁵ Esta sacralização de uma proposta que contém suas limitações e dificuldades pode levar à corrupção do interior humano. Esta postura faz de Ellul um marxiólogo, um especialista do pensamento de Karl Marx, mas não necessariamente um marxista.⁸⁶

⁸¹ ELLUL, J. In *Season, Out of Season*, p. 14 e 15.

⁸² ELLUL, J. *Perspectives*, p.11-12.

⁸³ HOLLOWAY, J. Y. *Introducing Jacques Ellul*, p.5.

⁸⁴ ELLUL, J. In *Season, Out of Season*, p. 61.

⁸⁵ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. *À contre-courant*, p. 17.

⁸⁶ ELLUL, J. *La Pensée Marxiste*, p. 11.

O pensador de Bordeaux entende que em alguns pontos faz-se possível uma interpelação dos escritos de Marx à fé cristã. A denúncia das injustiças sociais, a opção pelos pobres, a articulação rigorosa – e necessária – entre teoria e *práxis*, o compromisso comunitário e o interesse pela vida concreta podem ser pontos que o cristianismo precisa revisitar.⁸⁷ Ellul considera que o cristianismo traiu a Revelação quando negligenciou os pontos antes enumerados. Marx, sem querer, colocou os cristãos em situação desconfortável: “*Marx ramène les chrétiens à la vérité révélée*”.⁸⁸

Ellul chegou a afirmar que *la technique* está para ele, assim como o capital está para Marx. Para o intelectual girondino, se Marx vivesse em seu tempo não seria a questão do capital que o ocuparia, mas a questão do fenômeno técnico.⁸⁹

Ellul escreveu algumas obras sobre o pensamento de Karl Marx⁹⁰ e lecionou um curso sobre Marx por alguns anos – de 1947 a 1979, provavelmente o primeiro curso sobre o pensamento de Marx na França – no Instituto de Estudos Políticos de Bordeaux.⁹¹

Provavelmente a maior contribuição de Marx para Ellul seja o pensamento dialético aplicado à realidade – o que difere da dialética hegeliana.⁹² Sobre este importante ponto – a dialética elluliana – dedicaremos uma seção neste capítulo.

⁸⁷ ELLUL, J. L'idéologie marxiste chrétienne, p. 11-16.

⁸⁸ ELLUL, J. L'idéologie marxiste chrétienne, p. 15. Tradução: “Marx conduz os cristãos de volta à verdade revelada”.

⁸⁹ GREENMAN, J.P. (Et, al). Understanding Jacques Ellul, p. 22.

⁹⁰ Dentre elas: ELLUL, J. La pensée marxiste. Cours professé à l'Institut d'études politiques de Bordeaux de 1947 à 1979, Paris, La Table Ronde (coll. Contretemps), 2003.; ELLUL, J. L'idéologie marxiste chrétienne. Que fait-on de l'Évangile ? (1979), Paris, La Table Ronde (coll. La petite Vermillon), 2006.

⁹¹ ELLUL, J. In Season, Out of Season, p. 160.

⁹² Acompanho a análise de David C. Menninger: “*Marx's differences with Hegel are very precise, then. One cannot simply acquire an abstract conception of dialectic and expect to gain any real liberation as a consequence or to have any real effect on the world as it happens to exist. Solely as an idea, dialectic for Marx is nothing but a plaything of the intellect and will soon find itself losing even its intellectual integrity by entering its 'mystified form'. Thus the revolutionary potential of the idea can be aborted, that is, trapped in the realm of mystification. At that point, its only possible connection to reality is subordinately symbolic. It 'transfigures and glorifies', but changes nothing. Marx's insistence on ideas having their root in material reality is certainly understandable in light of this problem of mystification. His attempt to locate the dialectic in history itself was anything but intellectual gymnastics; he felt it was his only option for safeguarding the idea as a tool for the mind's true understanding. This was his stepping-stone to the creation of a science, and, beyond that, to 'critical and revolutionary'.* MENNINGER, D. C. Marx in the Social Thought of Jacques Ellul, p.22-23. IN.: CHRISTIANS, C. G.; VAN HOOK, J. M. (Org.). Jacques Ellul: Interpretive Essays. California-US: University of Illinois Press, 1981.

2.2.4

A Teologia Dialética de Karl Barth

Jacques Ellul reconhece a grande influência teológica de Karl Barth para o seu pensamento.⁹³ Aos 22 anos Jacques Ellul conheceu as obras do teólogo suíço – classificado por ele como o maior teólogo do século XX.⁹⁴ Barth foi responsável por uma espécie de “desbloqueio” em seu pensamento teológico na juventude. Naquele momento, entre as primeiras três décadas do século XX, os jovens estavam entre as posições ortodoxas da Igreja Protestante (fiéis ao calvinismo) e os liberais (que apoiavam os novos métodos exegético-científicos). Barth trouxe novo vigor, uma terceira via que não se inscrevia em nenhum dos dois lados, mas, ao mesmo tempo, valorizava o que cada perspectiva podia contribuir para um repensar da teologia.

Ellul faz referência explícita a Karl Barth em diversos dos seus escritos, como por exemplo, em sua monumental obra *Étique de la Liberté* (1976). Em diversos pontos, Ellul acompanha o pensamento de Barth. Não obstante a toda admiração, em outros temas, Ellul mantém uma distância crítica do grande mestre suíço. Se na oposição entre Revelação e Religião,⁹⁵ Ellul concorda totalmente com Barth, o pensador de Bordeaux não faz o mesmo com os ensinamentos sobre prática social do teólogo suíço.⁹⁶

Não interessa à nossa pesquisa identificar cada temática em que o pensamento teológico de Ellul se aproxima de Barth. As concordâncias certamente são maiores do que as discordâncias. Nossa intenção é iluminar o principal ponto de influência barthiana que serviu de base para Ellul construir sua própria perspectiva. O sociólogo Patrick Troude-Chastenot bem resume o que queremos destacar nesta seção:

⁹³ VIALLANEIX, N. *Écoute Kierkegaard. Essai sur la communication de la parole*, p. II.

⁹⁴ ELLUL, J. *Conférence sur l'Apocalypse de Jean*, p. 23.

⁹⁵ “A Revelação designa o movimento descendente pelo qual Deus, por sua própria iniciativa, se dá a conhecer aos homens, a religião, aos olhos de Barth e, portanto, de Ellul, é o movimento oposto, ascendente, pela qual os homens se esforçam por ascender a Deus pelas suas próprias forças e, assim, construir um deus à sua medida, à sua imagem. A religião é, portanto, semelhante a um empreendimento puramente humano de autojustificação e autossantificação. Jacques Ellul enxerta neste par antitético o par “fé/crença que lhe corresponde termo por termo; a fé é a recepção confiante da Revelação, enquanto a crença é uma questão de representações religiosas.” ROGNON, F. Jacques Ellul. *Une pensée en dialogue*, p. 235-271.

⁹⁶ BROMILEY, G. W. *Barth's Influence on Jacques Ellul*, p.33.

Quando observamos um mundo como ele é, um Deus de amor e poder parece ser uma contradição em termos. Mas Ellul tem uma bela forma de mostrar que não é Deus, mas o próprio homem, quem faz o mal. Um Deus que forçaria o homem a fazer o bem implicaria em um homem-robô, precisamente o contrário da concepção elluliana de liberdade inspirada por Karl Barth. O grande teólogo protestante tem de fato ajudado a pensar dialeticamente a obediência do homem livre em relação ao Deus livre, que é a ideia central da mensagem bíblica: a livre determinação da criatura dentro da livre decisão do Criador.⁹⁷

É a dialética barthiana que nos interessa aqui como ponto de influência. Já vimos como a dialética materialista de Marx tem um papel importante no pensamento de Ellul. Veremos posteriormente como a dialética kierkegaardiana também colaborou para que Ellul desenvolvesse sua maneira de pensar – e viver.

Ellul tem a questão da liberdade como central em sua obra. Chegou a afirmar: “Nada do que fiz, experimentei, pensei, pode ser compreendido se não o referirmos à liberdade”.⁹⁸ A tensão dialética destacada por Barth entre a liberdade de Deus e a liberdade dos seres humanos marca profundamente o pensamento de Jacques Ellul:

Nada caracteriza mais fortemente a pessoa humana do que a sua ligação com Deus. Esta ligação não se assemelha de forma alguma a uma união mágica com um *numen*, com uma força superior a serviço da qual o homem se torna escravo do cosmos ou se imagina (e as duas coisas muitas vezes andam juntas!) como sendo ele próprio o mestre feiticeiro do universo. É uma ligação totalmente gratuita, mas também e, portanto, total. Está comprovado pelo fato de que o homem Jesus reconheceu e possuiu em Deus aquele que é “nosso Pai celeste”. É assim que Deus é, para ele, o ser “perfeito” que tem autoridade. Jesus não escapa às exigências deste Deus, mas está inteiramente sujeito a ele. Ele lhe obedece. Não se trata de qualquer submissão a qualquer destino ou a uma regra erigida arbitrariamente. Trata-se da obediência de um indivíduo aprovado pelo próprio Deus, usando sua livre benevolência, e que, por estar atemorizado ao máximo pela majestade divina, torna-se perfeitamente disponível. Trata-se da obediência do homem livre ao Deus livre. E é por isso que é uma obediência justa.⁹⁹

⁹⁷ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul: Anarquista, mas cristão, p.14-15.

⁹⁸ ELLUL, J. À temps et à contretemps, p.162.

⁹⁹ BARTH, K. *Dogmatique*, p. 54. Ellul explica a oposição: “*Rien ne caractérise plus fortement la personne humaine que son lien avec Dieu. Ce lien ne ressemble en rien à quelque union magique avec un numen, avec une force supérieure au service de laquelle l’homme devient l’esclave du cosmos ou s’imagine (et les deux choses vont souvent ensemble!) être lui-même le maître-sorcier de l’univers. Il s’agit d’un lien tout à fait libre mais aussi et par là total. Il s’établit par le fait que l’homme Jésus a reconnu et possède en Dieu celui qui est “notre Père céleste”. C’est ainsi que Dieu est pour lui l’être “parfait” qui fait autorité. Jésus ne se soustrait pas à l’exigence de ce Dieu, mais il lui est entièrement soumis. Il lui obéit. Il ne s’agit pas de n’importe quelle soumission à un destin quelconque ou à une règle arbitrairement érigée. Il s’agit de l’obéissance d’un individu agréé par Dieu lui-même, usant de sa libre bienveillance, et qui parce qu’il est effrayé au plus haut point par la majesté divine, devient parfaitement disponible. Il s’agit de l’obéissance de l’homme libre à l’égard du Dieu libre. Et c’est pourquoi il s’agit d’une juste obéissance.*”

Barth contribuiu também destacando os paradoxos teológicos e contradições presentes na vida cristã:

Ao longo de sua obra, Barth destacou contradições e paradoxos teológicos. Ele também trabalhou para demonstrar que no Cristianismo todos os aspectos da realidade são levados em consideração. Além disso, cada aspecto está relacionado com todos os outros aspectos: opostos aparentes, tais como fé e razão, impossibilidade e possibilidade, separação e reconciliação, são todos vistos como aspectos dinâmicos e inter-relacionados do todo no Cristianismo.¹⁰⁰

Serão estes paradoxos e contradições que estarão presentes na reflexão teológica de Ellul quando na formulação de *Présence au Monde Moderne*, de 1948, obra que nos servirá de suporte à proposta de uma Ética do não-poder.

2.2.5

Os escritos de Søren Kierkegaard

Søren Kierkegaard (1813-1855), filósofo dinamarquês, será a nossa última influência ao pensamento de Ellul destacada nesta seção. Segundo o teólogo Frédéric Rognon, Kierkegaard foi o pensador que mais influenciou o pensamento de Ellul.¹⁰¹ Certamente, o pensador dinamarquês influenciou diversos outros importantes pensadores, tais como: Heidegger, Paul Ricoeur, Bultmann, Karl Barth, entre outros. Por isso, Rognon diz que, provavelmente, Jacques Ellul foi o menos famoso e mais fiel à herança kierkegaardiana.¹⁰²

Jacques Ellul reconhece a influência singular de Søren Kierkegaard para o desenvolvimento do seu pensamento:

Todos os filósofos sempre me pareceram fora da realidade. Eles estavam apenas em suas cabeças. (...) Kierkegaard agarrou-me porque falou ao meu ser. De repente, percebi que havia um mundo de distância entre o funcionamento puramente intelectual e a reflexão integrada na vida. Tive uma paixão por Kierkegaard que guardei durante toda a minha vida.¹⁰³

O autor dinamarquês interpela Ellul de maneira profunda. A admiração de Ellul pelo pensador dinamarquês, num primeiro instante, está colocada da seguinte maneira:

¹⁰⁰ VAN VLEET, J. E. *Dialectical Theology and Jacques Ellul*, p.23.

¹⁰¹ ROGNON, F. *Ellul lecteur de Kierkegaard*, p.1183.

¹⁰² ROGNON, F. *Ellul lecteur de Kierkegaard*, p.1183.

¹⁰³ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. *Entretiens avec Jacques Ellul*, p. 122.

Minha relação com Kierkegaard não tem nada comparável. Aqui, estou apenas ouvindo. Não procuro imitar ou aplicar métodos ou conceitos. Sou devolvido a mim mesmo por um espelho que faz brilhar pensamentos, contradições, exigências, presença para a vida e presença para a morte. Voltei a mim mesmo, mas não mais parecido com o que eu era antes de ler este ou aquele texto. Interpelado. Colocado contra a parede, por uma relação singular que me proíbe qualquer fuga. Eu escuto. Não estou discutindo o pensamento de Kierkegaard, mas sinto-me obrigado a responder, a responder a alguém que não seja o próprio Kierkegaard.¹⁰⁴

Outro ponto de destaque para Ellul é a radicalidade com que Kierkegaard exprime a sua fé, colocando o seguimento incondicional de Jesus Cristo contra qualquer conformismo com o mundo:

Não há, tanto para o dinamarquês quanto para o bordelês, continuidade entre a ação do homem e o Reino de Deus. Tal como Kierkegaard, Jacques Ellul polemizará duramente em relação aos valores da sociedade, quer se trate da tecnologia, da política, da economia, ou mesmo da religião que não é, segundo ele, a vontade de Deus, mas a divinização do homem.¹⁰⁵

Será o *salto de fé*, o mergulho do ser humano na relação com o Absoluto, sem nenhuma garantia, que livrará o ser humano do absurdo deste mundo. Uma relação única, excepcional e irreduzível entre um ser único e seu Senhor. Ellul também concorda com a representação de Deus em Kierkegaard. O paradoxal Totalmente-Outro, Incondicionado, é ao mesmo tempo o Totalmente-Próximo, acompanhando o ser humano durante toda a sua existência.¹⁰⁶

As biografias de Kierkegaard e Ellul não traçam um paralelo, mas se entrecruzam. Apesar de os dois autores desconfiarem da política, serem ávidos críticos de suas igrejas locais em seu afastamento das Sagradas Escrituras, os dois tomaram posições diferentes. O dinamarquês recusou fazer parte da igreja dinamarquesa, ou de assumir qualquer cargo público – muito menos na política. Os dois objetivaram dar testemunho contra o que se tornara a Igreja, a política do seu tempo.

Ellul, assim como Kierkegaard, utilizou a Bíblia como grande fonte de argumento contra a realidade social que se apresentou diante dos seus olhos. Ambos recorreram à Bíblia como fonte libertadora. É o que Ellul observa em Søren: Ele recorreu “à revelação em Jesus Cristo, isto é, recolocando a realidade da operação

¹⁰⁴ VIALLANEIX, N. Ecoute Kierkegaard, p.II-III.

¹⁰⁵ ROGNON, F. Ellul lecteur de Kierkegaard, p.1184.

¹⁰⁶ ROGNON, F. Ellul lecteur de Kierkegaard, p.1184.

intelectual que empreendeu a liberdade de ação de alguém mais poderoso que ele.”¹⁰⁷

Poderíamos enumerar outros pontos de convergência entre Ellul e Kierkegaard.¹⁰⁸ Entretanto, parece-nos mais proveitoso destacar mais uma vez a dialética, agora com uma contribuição essencial do pensador dinamarquês. Como destaca Rognon, “Kierkegaard e Ellul unem-se no desenvolvimento de uma dialética existencial concreta, e não intelectual, que não pode, portanto, ser sistematizada.”¹⁰⁹

Ellul acompanha o pensador dinamarquês quando se recusa a sistematizar a dialética:

Recuso-me a apresentar os meus pensamentos na forma de teoria e de forma sistemática. Crio um todo dialético aberto e não fechado e tenho o cuidado de não apresentar soluções do todo, respostas a problemas, questões teóricas para o futuro: se o fizesse, também contribuiria para a totalização técnica.¹¹⁰

A obra de Kierkegaard combina reflexões filosóficas e textos românticos, utilizando diversos pseudônimos, além de textos religiosos escritos em seu próprio nome. Há uma relação entre seu trabalho estético e religioso, com uma arquitetura cuidadosamente arranjada. De igual modo, Ellul arquitetou dialeticamente as duas faces de sua obra completa. Esta arquitetura será explanada no próximo ponto de nossa pesquisa.

2.3

Um autor em dois registros: sociológico e teológico

Apesar de Jacques Ellul ter desenvolvido seu pensamento em diversas temáticas – principalmente sobre a temática da técnica moderna, do direito, da propaganda, da política, da revolução, da ecologia entre outros – podemos dividir a sua obra em dois âmbitos principais: o sociológico e o teológico. A correspondência

¹⁰⁷ ELLUL, J. L'espérance oubliée, p. 59.

¹⁰⁸ Tais como o paralelo entre os conceitos de liberdade humana, esperança e amor. Indicamos a leitura da obra: ROGNON, F. Ellul lecteur de Kierkegaard: La réception de l'œuvre kierkegaardienne dans la pensée de Jacques Ellul. Revista Portuguesa de Filosofia. 64(2/4):1181-1206, 2008.

¹⁰⁹ ROGNON, F. Ellul lecteur de Kierkegaard, p.1186.

¹¹⁰ ELLUL, J. Le système technicien, p. 210.

entre estes dois registros se dá de maneira dialética. Sua obra deve ser compreendida com o pano de fundo da defesa da liberdade humana, questão central no autor.¹¹¹

O pensador Ivan Illich certa vez comentou a contribuição de Jacques Ellul:

Alguns de nós o leram (Ellul) como um grande comentador da Bíblia; outros, como um filósofo da tecnologia. Mas poucos o viram como o homem que desafiou simultaneamente as reflexões do filósofo e do crente. Ele lembra o filósofo da tecnologia, que estuda fenômenos patentes, observáveis, para estar consciente da possibilidade de seu tema ser terrível demais para ser compreendido apenas pela razão. E ele leva o crente a aprofundar sua fé bíblica e sua esperança escatológica em face de duas verdades desconfortáveis e perturbadoras [...] [da] técnica moderna e suas consequências maléficas [e da] subversão do Evangelho – sua transformação em uma ideologia chamada Cristianismo.¹¹²

Com aproximadamente sessenta livros e mais de mil artigos publicados ao longo de sua vida, Ellul, provocativamente, afirma ter escrito apenas um livro. Esta manobra provocativa tem por intenção afirmar a necessidade de conhecer os dois registros para que se compreenda integralmente o sentido do seu pensamento. Ellul dá pistas disto: “Este ponto é fundamental para mim, pois sempre pensei que deve haver uma relação dialética entre o livro sociológico e o livro teológico. Ler um sem o outro não é possível.”¹¹³

Entretanto, esta correspondência não é referida explicitamente em suas obras. É preciso ser um leitor atento para observar tal articulação. Por isso, nesta seção, buscaremos explorar a relação dialética entre os dois registros, para, nos próximos capítulos mergulharmos no tema central da sociologia de Ellul e apontarmos a possível resposta teológica no autor. Trata-se, respectivamente, da questão da técnica moderna (capítulo III) e da proposta de uma Ética do Não-poder (capítulo IV).

Esta seção será dividida em três partes: as obras sociológicas de Jacques Ellul (2.3.1); as obras teológicas de Jacques Ellul (2.3.2); e a dialética nas obras de Ellul (2.3.3).

Ellul afirmou: “descrevo um mundo sem saída, com a convicção de que Deus acompanha o homem em toda a sua história”.¹¹⁴ Nosso objetivo é fazer com que

¹¹¹ ELLUL, J. À temps et à contretemps, p.162.

¹¹² ILLICH, I. An Address to ‘Master Jacques’, p.16.

¹¹³ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p. 184.

¹¹⁴ TROUDE-CHASTENET, P. Entretiens avec Jacques Ellul, p. 40.

esta declaração paradoxal de Jacques Ellul faça ainda mais sentido ao pensarmos no papel de cada um dos registros e de sua estreita relação.

2.3.1

As obras sociológicas de Jacques Ellul

Ellul buscou construir suas análises sociológicas de maneira rigorosa, assim como aprendeu e ensinou em seus cursos na Faculdade de Ciências Políticas de Bordeaux. Quando questionado sobre a possibilidade da sua fé ou visão religiosa ter afetado as suas análises, Ellul foi categórico em dizer que fora treinado em uma disciplina rigorosa de leitura e crítica de textos, por isso, apesar de qualquer possível condicionamento, seu trabalho é cuidadoso em evitar uma obediência ideológica.¹¹⁵

Seu estilo de escrita e desenvolvimento do pensamento traz muitas referências da teologia. Até mesmo nos seus escritos filosóficos, sociológicos e históricos, esta marca está presente. Entretanto, sua fé ou sua reflexão teológica não condiciona suas análises sociopolíticas. Esta característica dá conta de fazer jus ao fato de se tratar de um autor dotado de grande erudição e capacidade intelectual. Jacques Ellul fora um polímata.

Antes de destacarmos as obras e assuntos que se subscrevem ao conjunto do registro sociológico de Ellul, lembraremos um acontecimento que resume bem o perigo da leitura parcial da obra do pensador de Bordeaux. Utilizaremos os relatos do sociólogo Patrick Troude-Chastenot, em sua *Introduction à Jacques Ellul*, de 1994, e de Jacob E. Van Vleet, em *Dialectical Theology and Jacques Ellul*, de 2014. O acontecimento referido foi o de um caso policial envolvendo um professor de matemática, ocorrido nos Estados Unidos da América, após a morte de Jacques Ellul:

Em 3 de abril de 1996, Theodore Kaczynski foi preso em sua cabana perto de Lincoln, Montana, por assassinar três pessoas e ferir onze. Nas entrevistas pré-julgamento, Kaczynski reconheceu a imensa influência de Ellul no seu pensamento, juntamente com a sua reverência por Ellul.¹¹⁶

Foram aproximadamente dezoito anos de busca e trabalho investigativo do *Federal Bureau of Investigation* (FBI) para descobrir a identidade de “Unabomber”, pseudônimo do criminoso. Sobre a mente por detrás dos crimes sabia-se que

¹¹⁵ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENOT, P. À contre-courant, p. 184.

¹¹⁶ VAN VLEET, J. E. *Dialectical Theology and Jacques Ellul*, p.7.

“Unabomber” conhecia as obras de Jacques Ellul sobre a sociedade técnica: “Em cartas aos jornais e em trabalhos intitulados *Industrial Society and Its Future*, o “Unabomber” usou uma quantidade incomum do vocabulário de Ellul.”¹¹⁷ No início dos anos 1960, a publicação da tradução em inglês do livro *La technique ou l'enjeu du siècle* (1954) chegara à América do Norte, gozando de ótima recepção de influentes autores – como, por exemplo, Aldous Huxley. Essa obra de Jacques “se tornará a ‘bíblia’ do neo-ludita Theodore Kaczynski”.¹¹⁸

O fato curioso é que ao revistar a cabana de “Unabomber”, o FBI descobriu uma impressionante biblioteca, contendo diversas obras de Jacques Ellul, sendo que “nenhuma das obras teológicas de Ellul foi encontrada, apenas o seu trabalho filosófico e sociológico relativo à tecnologia.”¹¹⁹

Não entraremos aqui nas questões psicológicas ou patológicas que impulsionaram o professor Theodore Kaczynski a cometer tais crimes. O que nos instiga é o fato de tal criminoso se apoiar nas reflexões sociológicas de Jacques Ellul para embasar seu pensamento fatalista. O erro interpretativo de Theodore Kaczynski é comum: ler parcialmente a obra do pensador de Bordeaux. Como observa Willem H. Vanderburg, ex-aluno de Ellul e especialista em seu pensamento:

Infelizmente, grande parte do dom intelectual que Ellul nos deixou foi recebido como exclusivamente teológico ou como sociológico e histórico. Poucas pessoas compreendem a relação essencial entre as duas abordagens, que sustentou a iconoclastia de Ellul e a luta pela liberdade em resposta a um amor revelado.¹²⁰

Não queremos firmar nosso ponto de reflexão tendo como base um acontecimento isolado. Se Theodore Kaczynski tivesse considerado os diversos registros da obra de Jacques Ellul, saberia que a solução para a situação sociológica descrita em *La technique ou l'enjeu du siècle* (1954) passa longe da violência. Como o autor de *Contre les violents* (1972), que para além da não violência, defende uma proposta de *non-puissance*, poderia legitimar tais atos? Quantas atrocidades

¹¹⁷ VAN VLEET, J. E. *Dialectical Theology and Jacques Ellul*, p.7.

¹¹⁸ TROUDE-CHASTENET, P. *Introduction à Jacques Ellul*, p.17.

¹¹⁹ VAN VLEET, J. E. *Dialectical Theology and Jacques Ellul*, p.7.

¹²⁰ VANDERBURG, W. H. *The Essential Connection Between the Two Parts of the Work of Jacques Ellul*, p.546. Originalmente: “Unfortunately, much of the intellectual gift Ellul has left us has been received either as exclusively theological or as sociological and historical. Few people understand the essential relationship between the two approaches, which sustained Ellul’s iconoclasm and struggle for freedom in response to a revealed love.”

foram cometidas por pessoas e/ou grupos que usaram textos bíblicos isolados como referência ao longo da história, sendo que a mensagem do Evangelho claramente condena os atos cometidos?

Saindo da esfera da radicalidade, outros erros ou injustiças podem ser cometidos quando se faz uma leitura parcial de uma obra. Foi lendo parcialmente as obras de Ellul que alguns autores da discussão sobre a técnica classificaram-nas como “fatalistas”, “deterministas”, “tecnofóbicas”, “sem soluções aos problemas levantados” – caso de Lewis Mumford e Andrew Feenberg. Perderam o complemento essencial para compreender o trabalho sociológico de Jacques Ellul.

Não levar em consideração o trabalho teológico de Ellul e sua *interrelation*¹²¹ com suas obras sociológicas pode ser um erro fatal. Para evitarmos tal equívoco, apresentaremos aqui as principais obras que compõem o conjunto sociológico de Ellul e suas respectivas temáticas e problemáticas apontadas. Mas não pare a leitura por aqui. Na próxima seção apontaremos como se dá a interrelação entre as obras sociológicas e teológicas.

Sobre o tema da crítica da técnica, Ellul escreveu três grandes obras – e diversos outros artigos. O seu *tripé tecnológico* é composto por: *La technique ou l'enjeu du siècle* (1954); *Le système technicien* (1977); e *Le bluff technologique* (1987).¹²² As três obras dão conta de mostrar como a técnica moderna assumiu um status completamente diferente em relação aos outros períodos históricos, reconfigurando a sociedade segundo a sua lógica de máxima eficácia. Sua descrição do impacto da técnica moderna é de fato catastrófica e abrange todos os segmentos que compõem a realidade social.

À questão da política moderna, dominada pela técnica, Jacques Ellul dedicou diversos artigos e uma obra, em especial. Trata-se de *L'illusion politique* (1965). Este livro possui uma correlação de mais fácil associação com outro texto que compõe o *corpus* teológico elluliano.

Sobre a *Propaganda* como artifício de propagação da *lógica técnica*, Ellul escreveu a obra *Propagandes* (1962). Este é um dos temas bem desenvolvidos por Ellul. Sua obra *Histoire de la propagande*, de 1967, faz um apanhado da trajetória

¹²¹ A escolha pela palavra “interrelação” em detrimento da palavra “correspondência” está no fato das obras teológicas não serem respostas diretas aos textos sociológicos, mas reflexões que entrecruzam estes temas. ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. *À contre-courant*, p. 184.

¹²² Obras originais em francês, mas com boas traduções para a língua inglesa.

desta que se tornou uma técnica de manutenção de poder, em grande parte do domínio do Estado e dos poderosos. A obra *La parole humiliée* (1981), denuncia o rebaixamento do valor da palavra em relação à imagem na sociedade moderna.

O tema da Revolução ganhou bastante destaque na reflexão sociológica de Ellul. Neste tema podemos apontar três obras de destaque: *Autopsie de la Révolution* (1969); *De la Révolution aux révoltes* (1971); e *Changer de Révolution: L'inéluctable prolétariat* (1982). Em linhas gerais, o tema da revolução social em Ellul vem como questionamento da possibilidade de ser efetivada uma revolução como propôs Marx diante da nova configuração social, e, se esta revolução social ainda seria de fato uma via de solução.

Segundo nossa avaliação, Ellul não acompanha o conceito marxista de revolução. Sua posição é mais personalista. Para o pensador de Bordeaux, a mudança da estrutura social não é capaz de mudar o ser humano e sua condição interior – o que por si só já seria um novo problema para a nova estrutura social que se faria após a quebra, a ruptura nas classes. Ellul advoga por uma mudança interior, em cada indivíduo,¹²³ partindo para a formação de grupos pequenos: “queria uma revolução sem violência, sem uniformes, sem estandartes ou bandeiras, baseada no carácter exemplar de pequenos grupos voluntários que, passo a passo, contaminariam toda a sociedade, como um vírus benéfico”.¹²⁴ E esta mudança interior pode acontecer no ato de conversão do ser humano à verdade divina.

Por exemplo, quando Ellul assume uma convicção pessoal, como no caso da conclusão de *Changer de Révolution: L'inéluctable prolétariat* (1982), de maneira honesta, indica sua esperança: “Eu creio (e agora é questão de fé explícita). Eu creio que, definitivamente, apenas a Revelação de Deus em Jesus Cristo poderia fornecer ao mesmo tempo a alavanca e o ponto de apoio”.¹²⁵ Primeiro, e sem condicionamentos, uma análise sociopolítica completa da sociedade moderna. Esta é a conclusão de Ellul após atestar a impossibilidade de haver uma revolução social significativa pelo mero impulso do desdobramento histórico.

Talvez o leitor pudesse se perguntar: “Uma resposta teológica para um problema sociológico? Não estariam corretos aqueles que acusaram a análise sociológica de Ellul de estar condicionada a suas convicções de fé?” Ellul

¹²³ TROUDE-CHASTENTE, P. Les racines libertaires de l'écologie politique, p.33.

¹²⁴ TROUDE-CHASTENTE, P. Les racines libertaires de l'écologie politique, p.43.

¹²⁵ ELLUL, J. Mudar de revolução, p. 278.

defenderia a importância de cada um dos registros e a seriedade com que buscou estabelecer esta relação:

Cada parte do meu trabalho tem igual importância e cada uma está tão livre quanto possível da contaminação da outra. Como sociólogo, tenho de ser realista e científico, utilizando métodos exatos, embora neste aspecto tenha travado batalhas metodológicas e tive de contestar certos métodos. Como teólogo, tenho de ser igualmente intransigente, apresentando uma interpretação da revelação que seja tão rigorosa quanto possível, e não fazendo nenhuma concessão ao espírito da época.¹²⁶

Outra observação importante está na arquitetura da obra completa de Ellul. Perceba que à maioria dos grandes temas dentro deste *corpus* sociológico, Ellul dedica um “tripé”: três obras de referência para uma exposição completa da sua proposta. Trata-se de um estilo próprio de análise complementar. As obras subsequentes não se desfazem das construções anteriores, mas servem de ampliação e atualização.

Ficaremos por aqui na apresentação geral deste registro sociológico por entendermos ser suficiente para firmar nosso ponto: os temas sociológicos levantados por Ellul estão interrelacionados com o registro teológico. Alguns outros temas aparecem recorrentemente em Ellul: a questão do dinheiro, a arte na sociedade moderna, a questão da violência, do poder do Estado. Sigamos nosso empreendimento.

2.3.2

As obras teológicas de Jacques Ellul

Antes de apresentarmos o quadro geral do registro teológico de Ellul, precisamos levantar uma questão que aparecerá logo quando começarmos a explorar a crítica da técnica no autor: se todas as coisas estão envolvidas pela técnica e por sua lógica, não estaria a teologia – como produto da reflexão de seres humanos socialmente formados – também subjugada pela técnica? Como a reflexão teológica pode escapar das amarras técnicas e ao mesmo tempo servir de solução concreta? Entendemos de outra forma. Tal impulso teológico serve como uma fonte não condicionada pela lógica dominante da sociedade técnica, uma via transcendente que toca a realidade concreta:

¹²⁶ ELLUL, J. What I believe?, p. 44.

Se o sistema técnico é totalitário, então este fator deve existir fora dele. Mas só o que é transcendente pode ser exterior a ele. Para mim, na situação concreta em que a técnica nos colocou, o transcendente é uma condição essencial da continuação da vida, do desenrolar da história e da mera existência do ser humano como tal. Mas esse transcendente não pode ser autossuficiente e desconhecido. Tem que ser algo que nos seja revelado se quisermos estar motivados e lançar-nos num movimento dialético apesar da autonomia e universalidade da técnica.¹²⁷

A proposta de Ellul precisa ser clareada para evitar mal-entendidos. É a partir da reflexão teológica que o autor vai buscar uma solução para o dilema da existência humana na modernidade. Já se pode prever que o fazer teológico de Ellul necessariamente não se coloca como uma receita de sucesso, o *the best one way*, ou a maior forma eficaz de combate à técnica. Se assim fosse, estaria usando da própria lógica de máxima eficácia, ou seja, fazendo o jogo do “inimigo” e com as regras por ele estabelecidas.

Assim como as suas análises sociopolíticas, as obras teológicas de Ellul são carregadas de uma crítica afiada. Sobre os teólogos de seu tempo, que não perceberam o condicionamento imposto pela técnica ao fazer teológico, Ellul diz: “Já os critiquei suficientemente em outros lugares. Em outras palavras, permanecemos na maior pobreza devido à falta de análise da Técnica e à falta de uma nova reflexão teológica”.¹²⁸

Sobre esta tensão entre *technique* e teologia, que é o tema de interesse de nossa tese, Frédéric Rognon distingue Ellul das três habituais posições teológicas frente à técnica:

Ele se distingue de três posições teológicas em relação à tecnologia: neutralidade (a tecnologia é adiáfora, categoria na qual coloca a orientação barthiana), pessimismo (a tecnologia é pecado) e otimismo (a tecnologia é a vontade de Deus). Obviamente, o caminho é muito estreito entre estas três posturas. A única alternativa teológica relevante e credível à indiferença, à tecnofobia e à tecnofilia consiste na construção de uma teologia que, enraizada na revelação bíblica, leve em conta o fenômeno técnico pelo que ele é: não um elemento neutro que possa ser usado para o bem ou para o mal, dependendo do nível de consciência ética; não é um poder satânico, pecaminoso por natureza; mas também não é um meio dado por Deus ao homem para que ele possa contribuir e completar o seu trabalho criativo. A técnica é ambivalente em si, definitivamente nunca podemos dissociar os seus efeitos benéficos e os seus efeitos destrutivos. A tecnologia não é fruto do pecado, mas produto da situação em que o pecado colocou o homem, ou seja, o reino da necessidade. A tecnologia é o novo ambiente do homem, que substituiu o ambiente natural, e a partir do qual só podemos dar um passo atrás confiando numa alavanca transcendente externa ao sistema técnico. A tecnologia é a nova sacralidade do

¹²⁷ ELLUL, J. *Ce que Je Crois*, p. 63.

¹²⁸ ELLUL, J. *Théologie et technique* bibliographie, p.82.

homem, da qual somos todos devotos idólatras, desde que não procedamos à sua vigorosa profanação. Estes são os pressupostos teológicos que Jacques Ellul assume para abrir a obra de uma teologia inovadora, fiel à sua fonte bíblica e plenamente encarnada nas realidades mais contemporâneas, as da condição técnica do homem moderno.¹²⁹

Para não anteciparmos outras características e descrições do que seria a técnica moderna para Ellul, tema que o próximo capítulo explorará, sigamos com a apresentação das principais obras teológicas de Ellul e sua relação com os escritos sociológicos.

A produção teológica de Ellul é vasta. Dentro deste registro teológico temos obras voltadas para as reflexões bíblicas e teológicas ou éticas, estudos dedicados a determinados livros do Antigo e do Novo Testamento (Gênesis, II Reis, Eclesiastes, livro de Jonas, Os Evangelhos, o Apocalipse de João), além de diversos temas relacionados à vida cristã – liberdade, oração, esperança, dinheiro, violência, entre outros.¹³⁰

O tema da liberdade ganha uma monumental obra em três tomos: *Ethique de la Liberté, tome I, II et III*. Estas obras estão em tensão dialética com a obra mais famosa sobre a crítica da técnica, *La technique ou l'enjeu du siècle*. Assim como, *L'espérance oubliée* (1972) com *Le système technicien* (1977).

De igual modo, *Politique de Dieu, politiques de l'homme* (1966) mantém uma relação dialética com *L'Illusion politique* (1965).¹³¹ Se esta relação dialética for desprezada, o erro de fazer uma leitura parcial da proposta de Ellul será cometido, impossibilitando uma maior compreensão do pensamento do autor. É preciso considerar a interrelação entre os dois registros ellulianos, assim como o autor recomenda:

É certo que só se pode compreender plenamente meus livros de sociologia através de uma afirmação de fé. Por outro lado, não se pode dar conteúdo aos meus livros teológicos sem pensar neles como escritos para este mundo, porque ambos são escritos à luz escatológica da salvação e reconciliação finais.¹³²

A análise de Patrick Troude-Chastenet sobre a relação entre as análises sociológicas e a via teológica em Ellul é simplesmente cirúrgica:

¹²⁹ ROGNON, F. *Théologie et technique*: Introduction, p. 19.

¹³⁰ TROUDE-CHASTENET, P. *Introduction à Jacques Ellul*, p.15.

¹³¹ TROUDE-CHASTENET, P. *Introduction à Jacques Ellul*, p.14.

¹³² ELLUL, J.; GARRIGOU-LAGRAGE, M. *A temps et à contretemps*, p. 182.

Para cada problema analisado, apesar de uma sociologia intransigente das determinações e dos condicionamentos que dominam o homem moderno, o cristão escapa ao niilismo desesperador através da sua fé e da sua certeza de ser livre apesar de tudo. É por isso que Jacques Ellul considera que não escreveu livros, mas um único livro, cada um dos quais é um capítulo.¹³³

Outras obras importantes são: *Présence au monde moderne: problèmes de la civilisation post-chrétienne* (1948); *Le Livre de Jonas* (1952); *L'homme et l'argent* (1954); *Le vouloir et le faire* (1964); *Les chrétiens et l'Etat* (1967); *L'impossible prière*. (1971); *Contre les violents* (1972); *L'Apocalypse: architecture en mouvement* (1975); *La foi au prix du doute: encore quarante jours* (1980); *La subversion du Christianisme* (1984); *Anarchie et christianisme* (1988); *Si tu es le Fils de Dieu* (1991), entre outras.

Outros muitos artigos teológicos foram publicados por Ellul. Alguns deles já apareceram citados em nossa tese e outros servirão de apoio aos próximos capítulos. Por agora, cabe-nos reforçar este jogo dialético estabelecido por Ellul. Sem uma parte parece que ficamos sem resposta ou abertura. Sem a outra parte perdemos o elemento da encarnação. Ainda sobre a dialética nas obras de Ellul, dedicaremos o último ponto deste capítulo, para enfatizar esta característica vital para a compreensão do pensamento do autor.

2.3.3

A Dialética nas obras de Ellul

O tema da dialética apareceu bastante até aqui. Vimos como a dialética marxista influenciou o pensamento de Ellul. De igual modo, Ellul recebeu influência da teologia dialética de Karl Barth e de Kierkegaard. Seria então a dialética elluliana uma mistura das dialéticas que o influenciaram? De modo algum. Ellul, como sempre, assume um estilo próprio.

[a dialética] aparece como um confronto fundamental entre a análise sociológica e o conhecimento espiritual. A situação básica da vida cristã – estar no mundo, mas não ser parte dele – representa para Ellul uma condição dialética tão pura quanto se poderia imaginar. Por um lado, comprometer-se com a fé é decidir que o pensamento, a vida e o coração “não são controlados pelo mundo e não dependem do mundo, pois pertencem a outro Mestre”. Por outro lado, não há como escapar à realidade sociológica, especialmente na situação atual, que é “mais penetrante, mais esmagadora, mais exigente do que nunca”. Este conflito torna-se ainda mais

¹³³ TROUDE-CHASTENET, P. Introduction à Jacques Ellul, p.15.

pungente pela afirmação de Ellul de que nenhuma síntese ou resolução é realmente possível. A fé não conquistará e vencerá os caminhos do mundo; não funcionará para ajustar o estado de pecado inerente ao mundo.¹³⁴

A fé é essencial para resistir à tendência desintegradora do mundo moderno. E o dilema assim se faz: “por um lado, é-nos impossível tornar o mundo menos pecaminoso; por outro lado, é impossível para nós aceitarmos-lo como é.”¹³⁵

Esta maneira dialética de se ver a realidade do cristão no mundo, pode nos ajudar a sair do dilema “ou...ou”. Uma visão dualista na qual só há espaço para um dos elementos opostos. A vida é mais complexa e acontece em meio às contradições paradoxalmente subsistentes.

Sobre este aspecto da dialética elluliana, Patrick Troude-Chastenet comenta:

A sua dialética entre o mundo e a Revelação, entre o pessimismo e a esperança, entre o combate e a escatologia oferece uma formidável caixa de ferramentas para quem quer fazer história, pelo menos não mais suportá-la ou seguir caminhos ilusórios ou ativismo partidário. Neste sentido, Jacques Ellul abriu um caminho pós-moderno para o eticista, o publicista e o teólogo cuja expressão será encontrada nomeadamente em *Le Vouloir et le Faire* (1964), os dois primeiros volumes de *Ethique de la Liberté*.¹³⁶

Ellul adverte: não se pode perder de vista que a “esperança é o elo entre as duas partes do que escrevo, que se correspondem numa espécie de jogo dialético em que a esperança é o ponto de crise e de resultado.”¹³⁷ Como cristão, a esperança escatológica interpela a desoladora constatação da realidade social na qual se dá a experiência humana.

O pensador de Bordeaux construiu a sua obra assim como observou a realidade. No autor, a dialética não é uma maneira de acessar uma verdade específica, nem mesmo uma clássica relação entre tese e antítese. A dialética não é uma técnica elluliana para apologeticamente convencer seus leitores. Ellul parte de uma convicção, uma herança de pensamentos brilhantes que o ajudaram a perceber sua presença, tanto na realidade social, quanto na revelação bíblica:

a dialética não opera simplesmente entre as duas partes do meu trabalho, mas também funciona como um duplo elemento: por um lado, como aquilo que permite

¹³⁴ MENNINGER, D. C., Marx in the social thought of Jacques Ellul, p. 29.

¹³⁵ MENNINGER, D. C., Marx in the social thought of Jacques Ellul, p. 30.

¹³⁶ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p. 48.

¹³⁷ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p. 91.

a compreensão de algumas das minhas posições, e por outro como a minha convicção muito profunda relativamente à situação atual.¹³⁸

Sem perder de vista o caminho interpretativo apresentado neste capítulo, seguiremos o rumo da nossa proposta, agora, refletindo sobre a tecnocracia, o problema da técnica moderna tão trabalhada por Jacques Ellul e denunciada pela *Laudato Si'* (2015) e *Laudate Deum* (2023), do papa Francisco.

¹³⁸ ELLUL, J. *Ce que Je Crois*, p. 62.

3

Jacques Ellul e a questão da técnica moderna

Após realizarmos uma introdução a Jacques Ellul, dedicaremos a segunda parte de desenvolvimento do nosso trabalho ao tema que é central no pensador bordelense: a crítica da técnica moderna. Faremos o seguinte itinerário: apresentaremos a importância do tema para os nossos dias, partindo da carta encíclica *Laudato Si'* (2015) e da exortação apostólica *Laudate Deum* (2023), do papa Francisco, como fontes atuais para a questão da tecnocracia.

Em seguida faremos uma exposição do pensamento elluliano sobre a questão da técnica moderna, tendo como maior suporte as três obras mais importantes do autor sobre o tema da crítica da técnica: *La technique ou l'enjeu du siècle* (1954); *Le système technicien* (1977); e *Le bluff technologique* (1987).¹³⁹ Nossa reflexão sobre o tema trará conceitos próprios do autor, assim como as características assinaladas por Ellul que o fizeram cunhar o seu tempo como a *Sociedade da Técnica*.

Por fim, veremos como o *fenômeno técnico* trouxe consequências marcantes para todas as áreas da vida. Em especial, refletiremos sobre a sua relação direta com a crise ecológica.

3.1

A crítica ao paradigma tecnocrático na *Laudato Si'* e na *Laudate Deum*

A carta encíclica *Laudato Si'*: *sobre o cuidado da casa comum*, do papa Francisco, desde a sua publicação em 2015, vem ganhando destaque no debate em torno das questões ecológicas. Os diversos subtemas apresentados na carta que compõem a reflexão sobre a crise socioecológica estão sendo trabalhados em artigos, livros, colóquios, seminários, congressos, grupos de aplicação das propostas da carta. Sua recepção ultrapassou os limites do campo cristão e religioso, podendo ser encontrada em debate nas mais diversas áreas de conhecimento. De fato, a *Laudato Si'* atingiu um alcance global.

¹³⁹ Obras originais em francês, mas com boas traduções para a língua inglesa: ELLUL, J. *La technique ou l'enjeu du siècle*. Paris: Economica, 2008; ELLUL, J. *Le Système technicien*. Paris, Calmann-Lévy, 1977; ELLUL, J. *Le Bluff technologique*, Hachette, Paris, 1987.

Entretanto, é possível que entre os temas transversais que aparecem constantemente na carta do papa, “a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia”¹⁴⁰ seja o menos trabalhado – principalmente na teologia, constatação que resulta da nossa pesquisa por fontes externas que derivam desta temática da carta.¹⁴¹

Não obstante a este fato, a tão esperada continuação da *Laudato Si'* – a “*Laudato Si'* II”, como especularam alguns – veio a ser publicada no dia 4 de outubro de 2023, dia que se celebra São Francisco. Veio em forma de exortação apostólica. A *Laudate Deum*, que tem como tema central a crise climática, trouxe a questão da tecnocracia com muita ênfase e aprofundamentos. Mais uma vez, o papa dedicou um capítulo inteiro à questão da técnica.

Sabedores de que o papa Francisco teve suporte de especialistas das áreas diversas na construção das análises sociológicas, tanto da *Laudato Si'*,¹⁴² quanto da *Laudate Deum*, vemos com muita força no nosso tempo a influência da lógica técnica e suas consequências.

Na *Laudato Si'*, o papa Francisco aponta como raiz humana da crise ecológica – no Capítulo III¹⁴³ – a globalização do paradigma tecnocrático, suas consequências para o ser humano e para o meio ambiente. Na carta, além de recorrer aos documentos da Igreja Católica – documentos conciliares, de concílios episcopais e contribuições dos papas que o antecederam –, Francisco apoia-se no pensamento do teólogo católico-romano, Romano Guardini.

Do parágrafo 101 ao 105, primeiros cinco parágrafos dedicados exclusivamente à questão do paradigma tecnocrático, o papa reconhece os progressos alcançados pela técnica, assim como denuncia os perigos que o poder da técnica, quando mal orientado, pode causar:

Basta lembrar as bombas atômicas lançadas em pleno século XX, bem como a grande exibição de tecnologia ostentada pelo nazismo, o comunismo e outros regimes totalitários e que serviu para o extermínio de milhões de pessoas, sem esquecer que hoje a guerra dispõe de instrumentos cada vez mais mortíferos. Nas

¹⁴⁰ LS 16.

¹⁴¹ Por exemplo, há apenas uma tese de doutorado em teologia da PUC-Rio sobre a temática da tecnocracia: LÓPES, J. M. A. M. Ecoteologia e tecnocracia: a ressignificação do kérigma cristão à luz do diálogo com Hans Jonas. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Teologia, 2019.

¹⁴² LS 7.

¹⁴³ LS 101 a 136.

mãos de quem está e pode chegar a estar tanto poder? É tremendamente arriscado que resida numa pequena parte da humanidade.¹⁴⁴

A relação entre técnica e poder é levantada aqui. O aumento das possibilidades, o alargamento dos limites e fronteiras do humano, ao invés de favorecer-nos, configurou-se, em maior parte, como um maior domínio daqueles que detêm estas potencialidades – principalmente econômica – sobre o gênero humano. Estamos em perigo, como alerta Francisco à luz de Guardini: “O homem moderno não foi educado para o reto uso do poder”.¹⁴⁵ O que poderia ser libertador, tornou-se a maior fonte de aprisionamento.

A constatação do papa Francisco é facilmente observável ao nosso redor. Basta ler as notícias de hoje. O ser humano está nu diante do poder da técnica, “talvez disponha de mecanismos superficiais, mas podemos afirmar que carece de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o contenham dentro de um lúcido domínio de si”.¹⁴⁶

O domínio da técnica se globalizou, tornando-se um paradigma “homogêneo e unidimensional”.¹⁴⁷ O que isso quer dizer?

Isso significa dizer que uma “categoria central” para a compreensão do mundo em que estamos inseridos e da posição do homem de hoje diante da realidade em seu todo é precisamente a técnica moderna: “A vida passa a ser uma rendição às circunstâncias condicionadas pela técnica, entendida como recurso principal para interpretar a existência” (110). Dessa forma, a essência histórica da técnica moderna só pode ser interpretada adequadamente a partir da compreensão de mundo e de ser humano que caracteriza a cultura moderna, onde a técnica não é simplesmente um fenômeno importante entre outros ou um setor específico, mas seu “elemento determinante”.¹⁴⁸

Já não mais uma característica como as outras, a técnica, como apontara Ellul muito tempo antes, se tornou o elemento determinante da nossa realidade. Agora, depois de uma trajetória maior e das decepções históricas, “é preciso reconhecer que os produtos da técnica não são neutros.”¹⁴⁹

¹⁴⁴ LS 104.

¹⁴⁵ LS 105.

¹⁴⁶ LS 105.

¹⁴⁷ LS 106.

¹⁴⁸ OLIVEIRA, M. A. O paradigma tecnocrático, p. 129-130.

¹⁴⁹ LS 107.

O afã pelo domínio de todas as coisas nos fez escravos da técnica. A liberdade genuína fora impossibilitada pelo “exclusivismo da lógica tecnocrática”.¹⁵⁰ Um paradoxo da modernidade: o ser humano se colocou no centro e ali fora aprisionado. O paradigma tecnocrático é antropocêntrico: “Quando o ser humano se coloca no centro, acaba dando prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo.”¹⁵¹ O dilema está posto: “Não é possível frenar a criatividade humana. [...] ao mesmo tempo, não se pode deixar de considerar os objetivos, os efeitos, o contexto e os limites éticos de tal atividade humana que é uma forma de poder com grandes riscos”.¹⁵² Afinal de contas, tudo pode ser considerado legítimo, já que a técnica ignora os princípios éticos.

O papa Francisco faz o alerta para o necessário respeito aos limites e uma proposta de freio ético – objetivo de nossa tese. Usando uma metáfora elluliana, sabemos que este carro vai parar de uma forma ou de outra, interrompendo a viagem bruscamente ao bater no muro ou encontraremos uma maneira de reduzir a insana velocidade com que o vemos atingir por meio da destruição das condições de vida na Terra.¹⁵³

Na *Laudate Deum*, o papa Francisco retoma a crítica ao paradigma tecnocrático após oito anos que a LS foi publicada. Antes de pensarmos nas consequências ecológicas, refletiremos como o papa entende a questão da tecnocracia nesta exortação.

Primeiramente, Francisco propõe que o paradigma tecnocrático continua sua trajetória crescente, absorvendo toda a realidade em sua lógica. O papa o define como “um modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, que contradiz a realidade até o ponto de arruiná-la.”¹⁵⁴ A ilusão técnica é pensar que a verdade e o bem podem brotar automaticamente da técnica. Assim passando para a ideia de que é possível um crescimento infinito ou ilimitado.¹⁵⁵

Enquanto novas maneiras de expansão do poder surgem, caso da inteligência artificial, o poder cada vez mais se distribui de maneira desigual, o que se configura

¹⁵⁰ LS 108

¹⁵¹ LS 122

¹⁵² LS 131.

¹⁵³ ELLUL, J. *Croissance zéro ?*, Np.

¹⁵⁴ LD 20.

¹⁵⁵ LD 20.

como grande injustiça e tremendo perigo para o gênero humano.¹⁵⁶ E o perigo está posto da seguinte maneira:

Aumentar para além de toda a imaginação o poder do homem, para o qual a realidade não humana é um mero recurso ao seu serviço. Tudo o que existe deixa de ser uma dádiva que se deve apreciar, valorizar e cuidar, para se tornar um escravo, uma vítima de todo e qualquer capricho da mente humana e das suas capacidades.¹⁵⁷

Na *Laudate Deum* o papa Francisco reforça a necessidade de repensarmos nossa relação com o poder e o que chamamos de progresso.¹⁵⁸ E o apelo é de que “é preciso lucidez e honestidade para reconhecer a tempo que o nosso poder e o progresso que geramos estão a virar-se contra nós mesmos”.¹⁵⁹

A questão ética também aparece na *Laudate Deum* como aspecto decisivo a ser recuperado. Principalmente por conta da manipulação da verdade, que, através do *marketing* – Ellul prefere o termo “propaganda” – e da propagação de informações falsas, influencia a opinião pública para a manutenção do status atual.¹⁶⁰

A crítica de Francisco é contundente e assertiva. Seja pela vida no e do planeta, ou pela crise climática que nos assola, o primeiro papa latino-americano se tornou uma voz que clama do deserto.

Na última parte deste capítulo nós entraremos nas consequências da tecnocracia. Voltaremos à *Laudate Deum* e à *Laudato Si'* para dialogar com a proposta elluliana. Neste tópico de nossa pesquisa, esperamos ter demonstrado a importância e a atualidade do tema que fora amplamente trabalhado por Jacques Ellul. Seguiremos, então, aprofundando a nossa compreensão deste fenômeno que vem assolando a humanidade. Agora, apresentaremos o pensamento de Jacques Ellul sobre a técnica moderna.

3.2

A crítica da técnica em Jacques Ellul

¹⁵⁶ LD 23.

¹⁵⁷ LD 22.

¹⁵⁸ LD 25.

¹⁵⁹ LD 28.

¹⁶⁰ LD 29.

Nosso autor trouxe grande contribuição para a crítica da técnica, principalmente com a sua obra *La technique ou l'enjeu du siècle*, de 1954, considerada a obra de maior magnitude do pensador de Bordeaux. Nesta obra o autor revela uma mudança de natureza da *técnica* na modernidade, configurando um novo tempo.

Jacques Ellul é classificado por alguns autores como um pensador subscrito ao *determinismo tecnológico*, pois suas análises sociológicas fazem alusão “à ideia de que a tecnologia constitui uma força que governa, de algum modo, a sociedade e dirige seu rumo.”¹⁶¹ Como veremos, tal classificação nos parece assertiva, dado que o autor não compreende a técnica como neutra em relação ao ser humano, mas autônoma, não mais uma atividade que se encontra sob o controle humano – o oposto é verdadeiro. Ellul vê a técnica como um fenômeno sociológico. Ao mesmo tempo, quando o acusam de fatalista, parecem desconsiderar – ou desconhecer – o elo entre sua visão sociológica e suas obras teológicas, como explicitamos anteriormente.

O determinismo da crítica de Ellul não é fatalista, onde não há possibilidades de solução. De maneira eloquente, a crítica de Ellul deve ser compreendida como uma advertência – talvez, profética – de que a nossa sociedade não vai bem e que precisamos fazer algo urgente para reverter tal situação. A inércia humana manterá o curso natural da catástrofe. Em sua principal obra sobre a técnica, Jacques Ellul assim aborda a situação:

Haverá a tentação de usar a palavra fatalismo em conexão com os fenômenos descritos neste livro. O leitor pode sentir-se inclinado a dizer que, se tudo acontecer como é afirmado no livro, o homem ficará totalmente impotente, incapaz de preservar a sua liberdade pessoal ou de mudar o curso dos acontecimentos. Mais uma vez, penso que a questão está mal colocada. Eu inverteria os termos e diria: se o homem – se cada um de nós – abdica das suas responsabilidades em relação aos valores; se cada um de nós se limita a levar uma existência trivial em uma civilização tecnológica, com maior adaptação e sucesso crescente como seus objetivos únicos; se nem sequer considerarmos a possibilidade de fazer uma posição contra esses determinantes, então tudo acontecerá como eu descrevi, e os determinantes serão transformados em inevitabilidades.¹⁶²

Outra situação preliminar importante reside na questão da tradução do termo *técnica*, principalmente nas obras que foram traduzidas para a língua inglesa. Ellul

¹⁶¹ CUPANI, A. Filosofia da Tecnologia, p.201.

¹⁶² ELLUL, J. The Technological Society, p. XXIX.

prefere o termo francês *technique*, apesar do termo *technologie* ser o mais utilizado nessa língua pelos autores na metade do século XX. Na recepção à sua obra nos países anglofônicos, o termo foi traduzido por *technology* – em língua portuguesa “tecnologia” – o que pode causar certa confusão. O termo tecnologia está embebido de um certo otimismo, colocado no sentido de um avanço, que carrega certa positividade *a priori*. Entretanto, Ellul não imprime esta positividade no termo.

Ao mesmo tempo, quando se fala em tecnologia nos remetemos aos aparelhos, objetos tecnológicos, *grosso modo*, às máquinas. Jacques Ellul entende a *technique* de maneira muito mais abrangente. A técnica moderna se desgarrou do objeto, ela é independente. Por isso, quando nos referirmos à técnica moderna, estaremos fazendo menção à *technique* e não à tecnologia.

O que seguirá nesta parte do nosso trabalho é uma exposição do pensamento do autor sobre a técnica moderna, amparado pelas suas três principais obras – *La technique ou l'enjeu du siècle* (1954) – e suas traduções para a língua portuguesa (1964) e para a língua inglesa (1964); *Le système technicien* (1977); e *Le bluff technologique* (1987) – além de alguns escritos complementares do autor.

3.2.1.

O conceito de técnica moderna segundo Jacques Ellul

Logo no início de sua principal obra sobre a técnica, Ellul aponta para a ignorância em relação à questão da técnica e do perigo que decorre desta falta de conhecimento sobre a problemática: “Nenhum fato social, humano, espiritual, tem, no mundo moderno, tanta importância quanto o fato técnico. Nenhum domínio, no entanto, é mais mal conhecido.”¹⁶³ Como pode um fato tão importante ser desconhecido para o seu tempo? Não havia trabalhos voltados para esta reflexão? O que ocorre, segundo Ellul, é que mesmo os autores especialistas na temática não tomaram total consciência da dimensão da questão. Apesar de suas obras trabalharem aspectos da técnica moderna, não se davam conta das nuances mais importantes.

Por isso, Jacques Ellul faz uma análise das definições apresentadas por outros pensadores da temática, na tentativa de demonstrar que a maioria dos autores negligenciou o fato de que a natureza da técnica se alterou na Modernidade, e que,

¹⁶³ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 1.

a técnica não mais está colocada em uma ou em outra atividade humana, mas se faz presente em todos os setores e em todas as áreas da vida humana.

Quando pensamos em técnica, além de vir à nossa mente a questão da tecnologia, é possível que automaticamente pensemos nas máquinas. O autor vai apontar a associação exclusiva entre a técnica e a máquina – a ideia de que a técnica e a máquina são praticamente a mesma coisa – como um equívoco contido até mesmo nas definições de técnica de alguns autores:

Trata-se de um atraso, costumeiro nos intelectuais, que consideram as coisas deste tempo idênticas às formas passadas. Enfim, a técnica teve efetivamente seu ponto de partida na existência da máquina. É bem verdade que é a partir da mecânica que todo o resto se desenvolve. É bem verdade que sem a máquina o mundo da técnica não existiria. Mas, explicar assim tal situação de modo algum a legitima. Ora, é incontestavelmente errôneo incidir nessa confusão, tanto mais quanto geralmente leva a acreditar que, encontrando-se a máquina na origem e no centro do problema técnico, ocupar-se da máquina é indiretamente ocupar-se de todo o problema. Esse é um erro ainda mais grave. A técnica assumiu agora autonomia quase completa em relação à máquina, e esta ficou muito atrás de sua prole.¹⁶⁴

Percebamos que Ellul não despreza a relação técnica/máquina, entretanto, nos propõe uma mudança significativa. Continua evidente que a máquina em si possui certa técnica, enquanto a máquina, em grande parte, “fornece o tipo ideal da aplicação técnica”¹⁶⁵ e, ao mesmo tempo, pode ser vista como aplicação técnica em estado puro. Outra identificação possível está no fato da máquina gerar um ambiente artificial, nas palavras de Ellul, “inumano”.¹⁶⁶ De todo jeito, a máquina não é nem mesmo o aspecto mais decisivo e importante da técnica moderna, pois tal questão sobrepuja a ação produtiva ou industrial. A máquina é um objeto não-social. Por isso, na Modernidade é a técnica que vai posicionar a máquina, tornando-a social e sociável.¹⁶⁷

Mas, afinal de contas, como Jacques Ellul define a técnica? Por *técnica moderna* Jacques Ellul compreende: “a totalidade dos métodos racionalmente alcançados e com eficiência absoluta (para um dado estágio de desenvolvimento) em todos os campos da atividade humana”.¹⁶⁸

¹⁶⁴ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 2.

¹⁶⁵ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 2.

¹⁶⁶ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 3.

¹⁶⁷ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 4.

¹⁶⁸ ELLUL, J. La technique ou l'enjeu du siècle, p. xxv.

Esta definição, à qual precisaremos retornar algumas vezes, contém todos os elementos essenciais para pensar a técnica segundo o autor. Se fizemos o exercício de colocar em contraste com outras definições, notaremos como a proposta de Ellul abarca a totalidade dos campos que estão colocados apenas em parte pelos demais. Vejamos, pois, esta compilação de definições feitas por Alberto Cupani:

“Fabricação e uso de artefatos” (MITCHAM, 1994); “uma forma de conhecimento humano” endereçada a “criar uma realidade conforme nossos propósitos” (SKOLIMOWSKI, 1983); “conhecimento que funciona, *know-how*” (JARVIE, 1983); “implementações práticas da inteligência” (FERRÉ, 1995); “a humanidade trabalhando [*at work*]” (PITT, 2000); colocação da Natureza à disposição do homem como recurso (HEIDEGGER, 1997); “o campo de conhecimento relativo ao projeto de artefatos e à planificação da sua realização, operação, ajustamento, manutenção e monitoramento, à luz de conhecimento científico” (BUNGE, 1985c); o modo de vida próprio da Modernidade (BORGSMANN, 1984); “a totalidade dos métodos a que se chega racionalmente e que tem eficiência absoluta (para um dado estágio do desenvolvimento) em todo campo de atividade humana” (ELLUL, 1964, grifo do autor); “a estrutura material da Modernidade” (FEENBERG, 2002).¹⁶⁹

É certo que Ellul vai comportar na técnica a ideia de que para além de um movimento – de uma ação humana concreta – ela pode ser uma operação mental, realizada na esfera intelectual. De igual maneira, assimilará a ideia de ser um *know-how* (saber como), só que mais voltada para um *best one way*¹⁷⁰ (a melhor maneira), sempre buscando a *máxima eficácia*. Tanto a ideia da técnica como ferramenta que é utilizada pelo ser humano – como na definição de Heidegger supracitada – de maneira a intermediar sua relação com o meio ambiente, quanto a criação da realidade pelo intermédio da técnica – definição de Skolimowski –, evidenciam que não há nestas definições uma distinção clara entre a técnica dos primeiros humanos habitantes da Terra e a técnica na Modernidade.

Tal questão é levantada por Ellul, ao observar que alguns autores não fazem uma distinção clara entre a atividade técnica que se realizava em outras épocas e o *fenômeno técnico* que se estabeleceu na Modernidade. Por isso, Jacques Ellul vai nos trazer um apanhado histórico para firmar o seu ponto: a técnica moderna, ganha novos contornos e significados nunca vividos na história.

Antes de perfazermos o caminho histórico da técnica proposto por Ellul, lançaremos luz sobre uma ideia que precisa ser clareada para uma melhor

¹⁶⁹ CUPANI, A. Filosofia da Tecnologia, p.15-16.

¹⁷⁰ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 21.

compreensão da contribuição do autor. Faz-se necessário distinguir a *operação técnica* do *fenômeno técnico*.

3.2.2.

A Operação técnica e o Fenômeno técnico

Como já dissemos, para nos aproximarmos um pouco mais da definição de Ellul sobre a técnica, precisaremos compreender bem a diferença entre a *operação técnica* e o *fenômeno técnico*. Isto porque a proposta de Ellul pretende destacar um padrão que governa todas as técnicas, ao mesmo tempo em que existem técnicas e técnicas.

Por exemplo, como poderemos dizer que a técnica do nado *crawl*, da natação, é a mesma coisa do que a técnica da produção de chocolates? As duas podem ser distinguidas enquanto atividades técnicas, se assemelhando enquanto *operação técnica*, pois esta segunda caracteriza-se por englobar “todo trabalho feito com certo método, tendo em vista atingir um resultado”.¹⁷¹ Tanto uma quanto a outra busca atingir algum resultado específico.

O *fenômeno técnico*, por sua vez, apresenta maior complexidade do que a operação técnica. Podemos começar indicando que o *fenômeno técnico* é o resultado do somatório de uma dupla intervenção na operação técnica: “a da consciência e a da razão”.¹⁷² Esta dupla intervenção realizará a passagem de uma técnica espontânea, que se encontrava em domínio experimental, para uma técnica raciocinada, voltada para o domínio das ideias claras, voluntárias.¹⁷³

Quais consequências esta dupla intervenção trará para a operação técnica? Sobre a intervenção da razão, Ellul nos explica da seguinte maneira:

De um lado, surge a convicção de que outros meios podem ser encontrados, a razão sacode as tradições pragmatistas e cria novos métodos de trabalho, novos utensílios, examina racionalmente as possibilidades de uma experimentação mais extensa, mais móvel. A razão multiplica, por consequência, as operações técnicas com uma grande diversificação, mas opera também em sentido inverso: a razão mede os resultados, leva em conta esse fim preciso da técnica que é a eficácia. Registra o que cada meio inventado é capaz de fornecer, e, entre os meios que põe à disposição da operação técnica, faz uma escolha, opera uma discriminação para reter o meio mais eficaz, mais adaptado ao fim procurado, o que permitirá reduzir os meios a um só: o que é

¹⁷¹ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 19.

¹⁷² ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 19.

¹⁷³ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 20.

efetivamente mais eficaz. Esse é o aspecto mais nítido da razão em seu aspecto técnico.¹⁷⁴

Aqui aparece um elemento fundamental sobre a *technique*: a busca pela máxima eficácia. Lembremo-nos de parte da definição elluliana: “a totalidade dos métodos a que se chega **racionalmente e que têm eficiência absoluta...**”¹⁷⁵ (grifo nosso). Este será o critério da técnica moderna, que não obedecerá a nenhum outro, senão o da máxima eficácia em todos os campos e atividades humanas.

Outro papel fundamental exerce a intervenção da tomada de consciência:

Faz aparecer claramente aos olhos de todos os homens as vantagens da técnica e o que graças a ela se pôde fazer em determinado domínio. Toma-se consciência de possibilidades. O que tem imediatamente por corolário a tendência a aplicar os métodos e a abrir o mesmo campo de ação em domínios nos quais o trabalho está ainda entregue ao acaso, ao pragmatismo e ao instinto. A tomada de consciência produz, portanto, uma rápida e quase universal extensão da técnica. Vemos, pois, que essa dupla intervenção no mundo técnico, que produz o fenômeno técnico, pode resumir-se na “procura do melhor meio em todos os domínios”. É esse ‘*best one way*’ que é, a rigor, o meio técnico e é o acúmulo desses meios que produz uma civilização técnica.¹⁷⁶

A tomada de consciência dá conta de firmar o *imperativo técnico* da máxima eficácia, tornando a escolha automática pelo melhor meio. Não escapará deste imperativo a operação técnica de embarque de passageiros ao voo de ponte-aérea Rio de Janeiro/São Paulo. De igual modo, não se desvencilhará a técnica de fazer suco de laranja espremendo a fruta. Ambas as operações técnicas terão a mesma máxima. Retomaremos este ponto mais adiante, ainda neste capítulo.

Por ora, cabe-nos salientar que por desdobramento lógico se desenvolverá uma ciência dos meios, ou seja, os especialistas na eficácia específica de cada atividade humana. Com isso, todos os domínios estarão cobertos por este imperativo técnico, sem necessariamente cobrar o esforço individual em desenvolver o meio mais eficaz. Este estará dado.

Na Modernidade, podemos observar claramente tal fenômeno, principalmente em três setores de ação da técnica moderna que despontaram com ainda mais evidência: a *técnica econômica*, a *técnica da organização* e a *técnica do homem*. Respectivamente, a primeira dá conta da subordinação à produção; a

¹⁷⁴ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 21.

¹⁷⁵ ELLUL, J. La technique ou l'enjeu du siècle, p. xxv.

¹⁷⁶ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 21.

segunda refere-se às grandes massas, do próprio Estado e dos setores administrativos; a terceira dá conta de uma diversidade de atividades realizadas tendo como alvo o próprio ser humano: “desde a medicina, a genética, até a propaganda, passando pelas técnicas ditas pedagógicas, a orientação profissional, a publicidade etc. Aqui, o próprio homem é o objeto da técnica”.¹⁷⁷

Não confundamos. Nunca será exaustivo alertar. Por técnica, Ellul refere-se sempre à ideia de produção, fazer eficaz, racional. A *techné* distingue-se de *tecnologia*, enquanto a segunda comportar a ideia de utilização da técnica ou discurso sobre ela.

Agora sim. Passaremos para a trajetória da técnica até sua brusca virada, o surto tecnológico que ocorreu no início do século XIX.

3.2.3

O percurso da técnica até a virada moderna

O pensador de Bordeaux vai apresentar sinteticamente um apanhado histórico que terá como início a reflexão sobre as características da técnica primitiva e seguirá até o final do século XVIII. Neste empreendimento, passará pela Grécia antiga, por Roma, pela relação entre cristianismo e a técnica – do século IV ao séc. XV – e pelo séc. XVI. Antes de seguirmos para as características da técnica, apresentaremos em separado o ponto de virada tecnológica e os elementos que contribuíram para este novo momento.

É preciso dizer que o intento de Ellul não era o de fazer história da técnica, nem mesmo de listar todas as técnicas surgidas e desenvolvidas nestes períodos da história. Ele recorre à história para caracterizar a técnica em cada período, a atitude das civilizações diante dela. Sem esta exposição, seria impossível provar sua tese de que a técnica moderna apresenta características antes nunca vistas. Por ser um fato social, cada período traz consigo sua maneira de lidar com a técnica. Ellul focalizará os fatos sociais. Esta aproximação metodológica indica sua vertente sociológica:

Não nego a existência da ação individual ou de alguma esfera interna de liberdade. Afirmo apenas que estes não são discerníveis ao nível mais geral da análise e que os atos ou ideias do indivíduo não exercem aqui e agora qualquer influência sobre os mecanismos sociais, políticos ou econômicos. Ao fazer esta afirmação, assumo

¹⁷⁷ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 22.

explicitamente uma posição partidária numa disputa entre escolas de sociologia. Para mim, o sociológico não consiste na adição e combinação de ações individuais. Acredito que existe uma realidade sociológica coletiva, que é independente do indivíduo. A meu ver, as decisões individuais são sempre tomadas no quadro desta realidade sociológica, ela própria pré-existente e mais ou menos determinante. Procurei simplesmente descrever a técnica como uma realidade sociológica. Estamos a lidar com mecanismos coletivos, com relações entre movimentos coletivos e com modificações de estruturas políticas ou econômicas.¹⁷⁸

Os estudos sobre técnica primitiva nos confirmam que a atividade técnica é a primeira atividade dos seres humanos.¹⁷⁹ Não é difícil imaginar o cenário: o ser humano precisa de recursos, já que é um dos seres mais frágeis de um ambiente que não está totalmente pronto para acolhê-lo em uma vida segura. Imagine como este ser humano era pressionado de todos os lados. Cercado por perigos que o colocam em risco até mesmo para garantir alimentos necessários à sua sobrevivência.¹⁸⁰

É a partir da necessidade que surgem as técnicas da caça, da pesca etc. Entretanto, permanece o mistério: O que há na origem desta atitude? O que inspirou a invenção? Seria a imitação de componentes da natureza, uma escolha consciente entre um elemento e outro? Ou obra do acaso? Pensamos aqui para além da necessidade.

Na realidade, permanecemos diante do enigma da primeira atividade do homem. E não é inútil assinalar esse caráter misterioso, tanto quanto a aparição da vida; cada uma dessas operações elementares supõe tamanha distância entre o ato técnico e o instinto, que de fato permanece, diante de nós, uma aura mística em torno do que disso resultou. Nossa moderna adoração da técnica é um derivado dessa ancestral adoração do homem em face do caráter misterioso e maravilhoso da obra de suas mãos.¹⁸¹

¹⁷⁸ ELLUL, J. *La technique ou l'enjeu du siècle*, p. xxviii.

¹⁷⁹ ELLUL, J. *A Técnica e o desafio do século*, p. 23.

¹⁸⁰ Sobre este tópico, Ellul oferece interessante reflexão sobre a importância da função simbólica do ser humano para agir o mundo. Mais adiante, vai propor que esta função primordial e própria do ser humano está se perdendo por consequência da técnica moderna: “O primeiro ponto a enfatizar é a aptidão do homem para se engajar em determinada atividade, domínio da natureza graças à função simbólica. Se ele estiver apenas numa relação física direta com seu ambiente natural, ele estará completamente desarmado. Os estudiosos tentaram explicar a sobrevivência e a dominação do homem pela utilização e fabricação de ferramentas, mas o que não perceberam é que, para efetuar a transformação de um pedaço de pau apanhado por acaso em um utensílio, é necessário que o pedaço de pau se torne diferente de um simples pedaço de madeira e seja simbolizado como alguma outra coisa. O bastão utilizado pelo homem deixa de ser apenas um pedaço de madeira e passa a ser, por exemplo, um cacetete. A função de simbolização precede a fabricação da ferramenta e é isso que permite desenvolver a concepção de uma ferramenta ou de uma arma; o homem torna-se capaz de dominar a natureza simbolizando-a. Se imaginarmos o ‘homem lançado no mundo’ num ambiente material simples, ele é a mais débil das criaturas e será necessariamente vencido. Além disso, ele reconhece esta vulnerabilidade.” ELLUL, J. *Symbolic function, technology and Society*, p.208-209.

¹⁸¹ ELLUL, J. *A Técnica e o desafio do século*, p. 24.

Neste primeiro momento, a técnica tomará dois caminhos diferentes: o do *homo faber*, na ação concreta do ser humano; e um caminho espiritual em certa medida, com a *magia*. Aqui, Ellul propõe uma ideia novidadeira em certo ponto, já que a *magia* não é comumente classificada como uma técnica. Ellul defende a ideia de que a magia oferece todos os elementos que compõem a ação técnica.

A magia é a busca do ser humano de alcançar certo resultado de ordem espiritual, através de uma forma determinada. Essa característica que confere tal fixação faz da magia uma técnica. A magia é utilizada para intermediar a relação entre uma potência e o ser humano, para mover ou manipular a divindade em favor de um propósito específico. Para os primeiros seres humanos, seja para sua proteção ou para assimilar o que para ele ainda é estranho, a magia é uma técnica importante.

Entretanto, esta técnica está extremamente delimitada ao grupo humano que a criou e desenvolveu. Neste primeiro momento, não estamos falando de um mundo conectado, global e de trocas constantes. A técnica mágica integra a cultura de cada povo de maneira singular e única. É uma técnica que transita e se transfere para as gerações de um mesmo grupo social.

Passando para um próximo estágio, chegamos à reflexão sobre a técnica na Grécia antiga. Primeiramente, Ellul reabilita o Oriente em relação à questão da técnica, contrapondo-se ao que é dito costumeiramente:

“o espírito oriental estaria voltado para a mística e não teve ação concreta, ao passo que o Ocidental estaria todo inteiro voltado para o saber-fazer, para a ação, logo para a técnica.” Na realidade, verificamos que o Oriental está na origem de toda a ação, outrora e primitivamente técnica no sentido corrente, logo espiritual e mágica.¹⁸²

No entanto, foram os gregos que impulsionaram o pensamento científico e desenvolveram uma atividade científica coerente. Entretanto, “produz-se um fenômeno que ainda surpreende a história: a separação quase total entre ciência e a técnica”.¹⁸³ Os gregos não tinham como finalidade científica a aplicação, mas era a contemplação que se buscava.

Aqui encontramos a virtude grega suprema, *εγπάτεια* (autocontrole). A rejeição da técnica foi uma atividade deliberada e positiva que envolveu autodomínio, reconhecimento do destino e aplicação de uma determinada concepção de vida. Somente as técnicas mais modestas eram permitidas – aquelas que respondessem

¹⁸² ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 28.

¹⁸³ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 28.

diretamente às necessidades materiais, de tal forma que essas necessidades não prevalecessem.¹⁸⁴

A aplicação da pesquisa científica não era tratada como digna da inteligência. Exemplos como o de Arquimedes são isolados. Ainda assim, a “máquina construída para demonstrar a exatidão do cálculo devia ser destruída.”¹⁸⁵

É certo que houve um momento, mais precisamente na idade do ouro na Grécia do séc. V antes de Cristo, que certo desenvolvimento – rapidamente contido – foi realizado. Outrossim, é bem verdade que a Grécia recorreu muito mais à técnica oriental, pois não soube conectar o saber desenvolvido em torno da razão das coisas com o “saber-fazer”, uma aplicação prática em vista de um fim determinado.¹⁸⁶

Em suma, de forma consciente, os gregos fizeram um esforço de redução da influência da técnica e de criação de meios. Não buscaram aplicação técnica do pensamento científico. Este, por sua vez, estava voltado para uma concepção de vida, ligado à sabedoria: “A grande preocupação dos gregos era o equilíbrio, a harmonia e a moderação; portanto, resistiram ferozmente à força desenfreada inerente à técnica e rejeitaram-na devido às suas potencialidades.”¹⁸⁷ Por razão semelhante, a magia também não ganhou impulso nesta civilização.

Com o Império romano, “a técnica social encontra-se, nesse momento, na infância”¹⁸⁸. Ellul faz alguma menção a outras civilizações, entretanto, Roma apresenta uma organização dotada de certa técnica organizacional:

Sem dúvida, houve esforços de organização e as tentativas de certos Faraós ou do Império persa não são totalmente desprezíveis. Todavia, deve-se reconhecer que essas organizações só se mantêm pela polícia. É o contrário da organização social. O que se mantém pela coação demonstra a ausência de técnica política, administrativa e jurídica, razão pela qual os grandes Impérios são pouco importantes em nosso domínio. E, correlativamente, o exército, mesmo entre os Caldeus, que haviam levado mais longe a arte de guerra, não é senão uma tropa bastante inorgânica cujo objetivo é a pilhagem e que não aplica técnica social. O exército de Alexandre aplica uma verdadeira estratégia, mas quase exclusivamente militar, que não possui implicações e fundamentos sociológicos: não é a expressão de um povo, mas de um Estado e, nesse sentido, não nos diz respeito pois carece, por isso mesmo, de corpo técnico.¹⁸⁹

¹⁸⁴ ELLUL, J. *The Technological Society*, p. 29.

¹⁸⁵ ELLUL, J. *A Técnica e o desafio do século*, p. 29.

¹⁸⁶ ELLUL, J. *A Técnica e o desafio do século*, p. 29.

¹⁸⁷ ELLUL, J. *The Technological Society*, p. 30.

¹⁸⁸ ELLUL, J. *A Técnica e o desafio do século*, p. 30.

¹⁸⁹ ELLUL, J. *A Técnica e o desafio do século*, p. 30 e 31.

Roma apresenta “uma espécie de perfeição da técnica social, tanto civil quanto militar. Tudo se prende ao direito romano, em suas formas múltiplas, públicas e privadas”.¹⁹⁰ O que caracteriza a técnica deste momento – século II antes de Cristo ao século II depois de Cristo – “é uma visão exata da situação concreta, que se procura utilizar com o mínimo possível de meios.”¹⁹¹

Impõe-se uma disciplina de utilizar o mínimo de meios para a aplicação da técnica administrativa e judiciária. Este é um fenômeno consciente, pois, naquele momento, a proliferação dos muitos meios evidenciava um enfraquecimento tecnológico. Era preciso abarcar cada situação da vida concreta, aperfeiçoando os meios vigentes.

Outro elemento importante desta organização é a busca por um “equilíbrio entre o fator puramente técnico e o fator humano”.¹⁹² Não se tratava aí de excluir o humano, eliminando sua responsabilidade e iniciativa. Antes, de criar ocasião propícia para que este se afirmasse. Este panorama mudará no séc. III, quando a técnica jurídica vai buscar penetrar cada compartimento, tornando tudo previsível e a tudo regulamentando, o que ocasionará certo engessamento da ação humana.¹⁹³

Esta técnica jurídica está voltada para a *coerência interna da sociedade*. Seu objetivo é o fortalecer a organização, sua finalidade é bem precisa.¹⁹⁴ De igual modo, esta técnica está voltada para a *continuidade*, com paciência aperfeiçoada. Este elemento da continuidade confere um fenômeno novo. Diferentemente dos gregos, a *capacidade de aplicabilidade* em Roma se apresenta com tamanha envergadura. Um conhecimento impressionante da aplicação. Seu sistema jurídico é aplicável em todo o Império. Entretanto, não houve significativo crescimento das técnicas materiais. Por exemplo, os utensílios e armamentos não evoluem.¹⁹⁵

O próximo momento a ser analisado por Ellul compreende o período entre os séculos IV e o XIV, o chamado período cristão, no qual o domínio da Igreja Católica Apostólica Romana se estabeleceu no Ocidente.

¹⁹⁰ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 31.

¹⁹¹ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 31.

¹⁹² ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 31.

¹⁹³ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 31 e 32.

¹⁹⁴ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 32.

¹⁹⁵ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 33.

Como introduzimos anteriormente, há certo equívoco em classificar como produto de comportamento cultural o ideário de que o Oriente era passivo, que desprezava a ação; e o Ocidente, ativo, conquistador. Recordo que a Grécia em seu período clássico quando teve necessidade de desenvolver sua indústria, recorre ao Oriente. O que dizer das conquistas do Islã do séc. VII? Ellul nos adverte: “Devemos, pois, desconfiar das generalizações que transformam uma questão de circunstância em uma questão de temperamento ou religião”.¹⁹⁶

Dos séculos IV ao X, ocorre um quase desaparecimento da técnica romana, exatamente no período de estabelecimento da religião católica. Os cristãos deste tempo desprezavam a atividade jurídica e apresentavam total desinteresse pela atividade prática. Obras como a de *Civitas Dei*, de Santo Agostinho, são dedicadas a justificar os cristãos daquele tempo. Seu interesse não era a organização ou Estado, está alhures.¹⁹⁷

Ellul propõe que o progresso técnico depende de um *espírito técnico*, ou seja, é preciso que a lógica técnica esteja internalizada na civilização. Portanto, o desinteresse técnico deste período se torna um impeditivo. Vai ser somente no contato com o Oriente que certo impulso ao movimento técnico se dará no Ocidente deste tempo: “a princípio, por intermédio dos judeus e dos venezianos, em seguida pelas Cruzadas”.¹⁹⁸ Ainda assim, certo mimetismo apresentava-se, exceto na arte, que estava atrelada em grande medida à religião.

Existe, porém, um sopro de criação técnica na Idade Média. Estaria em uma técnica intelectual: a Escolástica. Ellul entende que o balanço histórico da Escolástica não foi positivo, dado, que enquanto técnica, mais limitou os brilhantes pensadores que dela se serviram, do que lhes alavancou a reflexão.¹⁹⁹

Dois argumentos se apresentam no campo teológico como colaboradores para este momento técnico – já que do ponto de vista técnico só vemos uma regressão: a supressão do escravagismo e a dessacralização da natureza, ambos realizados pelo cristianismo. Ellul faz ressalvas a estes argumentos, dado que “houve, na realidade, muito maiores progressos técnicos nas civilizações que conheciam a escravidão, como o Egito, do que em outras nas quais ela era praticamente desconhecida, como

¹⁹⁶ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 34.

¹⁹⁷ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 35.

¹⁹⁸ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 36.

¹⁹⁹ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 36.

Israel”.²⁰⁰ Foi preciso mais de sete séculos para se ver progresso técnico após o período das grandes emancipações. O segundo argumento é parcialmente verdadeiro. Sim, o cristianismo dessacralizou a natureza, mas isto não contribuiu significativamente para a técnica:

O fato de ser a natureza o lugar de forças espirituais dá origem, somente, a uma técnica particular da qual já falamos: a magia. Um dos propósitos da magia é precisamente tornar os deuses propícios à ação prática ou pôr os poderes a serviço da técnica material. A representação de uma natureza habitada pelos deuses foi, ao contrário, fator altamente favorável às técnicas; não a todas às aplicações, mas às próprias técnicas. Os tabus não incidiam senão em aplicações concretas, casuisticamente determinadas. Mas o homem sentiu-se justificado para agir pelo reforço favorável que lhe traziam os deuses da natureza: o Cristianismo, ao contrário, lhe retira essa justificação.²⁰¹

As travas morais impostas por este Cristianismo medieval prevaleceram em relação ao avanço técnico: o luxo era condenado, assim com o apego ao dinheiro e tudo que estava em oposição à *Civitas Dei*. Houve também o período da *fuga mundi*, da eremitagem. A convicção escatológica de que o mundo estaria para findar em breve trouxe mais preocupação com os fins últimos do que em relação ao período presente, este intermediário.

Nada escapa ao juízo moral, onde a pergunta sobre o que é justo diante de Deus se torna o critério principal. Sendo assim, só há aplicação de invenções que obedeçam aos critérios morais de justiça. A técnica está subjugada a tal crivo. Essas barreiras serão abaladas sob impacto e influência do “Renascimento, humanismo, e do Estado autoritário” e a “técnica receberá, com certo atraso histórico, seu impulso decisivo”.²⁰²

Jacques Ellul destaca a falta de avanço técnico nas diversas áreas no período entre os séculos XVI e XVIII. Somente o domínio da mecânica que apresentará certa técnica. Apresentar-se-á no período até o início do séc. XVIII, uma técnica caracterizada pela “ausência de raciocínio sobre a ação, de racionalização e de preocupação de eficácia”.²⁰³ Características essas que se distanciam sobremaneira da definição elluliana de técnica moderna.

²⁰⁰ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 37.

²⁰¹ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 38.

²⁰² ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 39.

²⁰³ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 39.

O pensador de Bordeaux vê mais progresso técnico no século XV do que no seguinte:

A imprensa, a bússola, a pólvora de canhão (ainda imitada do Oriente) datam do século XV. Não devemos, sem dúvida, minimizar essas invenções que, para Wiener, “constituem o lugar geométrico de uma revolução industrial que precedeu a revolução industrial principal”. Esse autor, aliás, situa de modo notável as principais invenções dessa época em sua relação com a navegação, cujas exigências teriam sido a mola principal dessa pesquisa. Mas, ao lado dessas grandes invenções, observamos durante esse período uma multidão de descobertas e de novas aplicações no que se refere aos bancos, aos armamentos, às máquinas, à arquitetura (descoberta do novo sistema da cúpula, aplicado em Santa-Maria-das-Flores), à agricultura, ao mobiliário. O século XV, além disso, é notável por uma quantidade de manuais técnicos, na Alemanha do Sul, na Itália do Norte, escritos no começo, impressos e difundidos ao final do século, e que manifestam um interesse coletivo por esses problemas, uma intenção técnica preocupando os homens. Já se pôde dizer que as viagens são uma consequência e não uma causa desse progresso técnico. Esse impulso, no entanto, amortece durante o século XVI, que se torna cada vez mais pobre em técnica e essa queda prossegue no século XVII e no começo do século XVIII.²⁰⁴

A técnica financeira, a escrita científica, o plano político e administrativo – e os demais domínios – carecem do impulso pela *única melhor forma de fazer*, obedecendo a uma organização menos excludente e rigorosa, mais dada ao universal e geral do que ao específico. Por exemplo, os livros apresentavam uma imensidão de reflexões sem uma ordem sequencial, sem busca por provas. Os intelectuais estavam voltados para a capacidade de versar sobre o máximo de temas possíveis, não havendo uma procura “de um conhecimento eficaz”, mas de “uma explicação global dos fenômenos”.²⁰⁵

O que se convencionou chamar Revolução Industrial, Ellul compreende como um aspecto da revolução tecnológica. Segundo o autor, esse período de grande evolução das máquinas e dos meios de produção está circunscrito ao fenômeno de aplicação técnica em todos os domínios da existência.²⁰⁶ A segunda metade do século XVIII vai trazer os elementos necessários para a virada moderna da técnica.

O que este momento apresentará de diferente, digamos, em relação ao *espírito técnico* necessário para que o *imperativo técnico* seja instaurado? Quais são os elementos preparatórios que não estavam presentes nos momentos históricos antes analisados? Por que veremos um século XIX com aplicação em grande escala de

²⁰⁴ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 40.

²⁰⁵ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 41.

²⁰⁶ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 44.

invenções que são datadas dos séculos precedentes? Ellul elencará cinco elementos essenciais para esta virada.

Antes de elencarmos os elementos que agiram conjuntamente para um novo momento, cabe-nos mencionar que alguns sinais de transformação brotaram. Por exemplo, no campo das ciências, nota-se que a nova tônica é a aplicação com sentido de utilidade.

O cientista toma consciência, seja de uma nova matéria-prima que é preciso utilizar, seja de uma nova necessidade humana à qual é preciso atender: orienta então deliberadamente sua pesquisa no sentido de uma descoberta científica com aplicação técnica. [...] O que distingue esse período, é precisamente o fato de que a aplicação se faz com um sentido de utilidade e que logo a ciência não terá mais razão de ser do que essa aplicação.²⁰⁷

Assim como as ciências, o campo filosófico do século XVIII estava voltado para as aplicações técnicas: a filosofia neste momento é “naturalista e quer não só conhecer, mas explorar a natureza. É utilitária e pragmática. Trata-se de facilitar a vida dos homens, de proporcionar-lhes mais conforto e simplificar seu trabalho”.²⁰⁸ Ellul, entretanto, não aponta a filosofia como principal força motriz para o progresso técnico – como faz a maioria dos historiadores da técnica: “as ideias não bastam para explicar a extraordinária mobilização de todas as forças humanas no século XIX. Desempenharam seu papel, mas não o principal.”²⁰⁹

O clima favorável ao progresso técnico fora construído pelo otimismo que reinou no século XVIII. Este estado de espírito permitiu “o progresso dos costumes, o abrandamento do estado de guerra, o sentimento crescente de solidariedade, certo encanto da vida acrescido pela melhoria das condições de existência em quase todas as classes”.²¹⁰

Aqui temos a atmosfera necessária para dar início ao mito do progresso, que tem sua raiz na convicção de que as pesquisas, as ciências trariam como resultado a justiça e a felicidade. Portanto, o grande fenômeno de mudança de atitude de toda a civilização dá o *start* para os diversos acontecimentos que se relacionam com este *espírito* do momento, apontando o diagnóstico da mudança: um Estado mais autônomo, decorrente da Revolução Francesa; a racionalização do direito,

²⁰⁷ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 47.

²⁰⁸ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 47.

²⁰⁹ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 48.

²¹⁰ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 48.

extinguindo as fontes as mais espontâneas – os costumes, por exemplo; grande trabalho de racionalização e unificação em todas as partes. Estes exemplos apontam para um novo momento que, aparentemente, conferirá ao ser humano o domínio da realidade. Em síntese, Ellul coloca o anseio deste novo momento da seguinte forma:

Poder-se-ia dizer que a técnica é a tradução do empenho dos homens em dominar as coisas pela razão. Tornar contábil o que é subconsciente, quantitativo o que é qualitativo, assinalar com um traço bem nítido os contornos da luz projetada no tumulto da natureza, agarrar esse caos e nele pôr ordem.²¹¹

Pois bem, veremos os cinco fenômenos que, segundo Jacques Ellul, agiram simultaneamente para que uma virada técnica acontecesse na modernidade. Assim Ellul os elenca: “o desfecho de uma longa experiência técnica, o crescimento demográfico, a aptidão do meio econômico, a plasticidade do meio social interior, o aparecimento de uma clara intenção técnica.”²¹²

Ellul aponta que um “complexo tecnológico”, um conjunto constituído pela série de invenções parcelares, após uma longa experiência de aproximadamente dez séculos, sem que grandes catástrofes sociais fossem observadas. Toda invenção tem sua genealogia, carrega consigo elementos de uma invenção precedente e já aponta caminhos para uma invenção posterior. Se até o século XVIII este acúmulo de experiências técnicas não serviu para fazer uma virada social, a resposta está no fato do meio social ainda não estar completamente favorável.²¹³ Esta espécie de “incubação coletiva” se apresenta como fator importante. Pois assim que todos os elementos necessários para esta virada estiverem postos, um acervo técnico estará à disposição para conduzir o próximo momento.

A expansão demográfica ofereceu o elemento humano necessário para a virada técnica, pois forneceu o mercado, acrescentando uma gama de necessidades que precisavam ser supridas e satisfeitas em larga escala. O desenvolvimento técnico seria então o provedor necessário para dar conta desta nova demanda.

O meio econômico passa a apresentar, ao mesmo tempo, duas características contraditórias: “deve ser ao mesmo tempo estável e estar em mudança”:

A estabilidade concerne às bases da vida econômica, de tal modo que a pesquisa primária técnica possa concentrar-se em objetos e situações bem definidos. Mas, ao mesmo tempo, esse meio econômico deve estar apto para grandes mudanças, de

²¹¹ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 45.

²¹² ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 49.

²¹³ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 50.

modo que as invenções técnicas tenham a possibilidade de inserir-se no concreto, e que a pesquisa seja estimulada, ao passo que a rigidez econômica implica uma regularidade de hábitos que embota a faculdade de invenção. Ora, se nos referimos aos estudos sobre a economia da segunda metade do século XVIII, verificamos que apresentam exatamente essas duas características contraditórias.²¹⁴

Faltarão ao século XVII alguns aspectos de abertura à técnica. O meio social mais maleável e aberto à propagação da técnica tal como se apresentará no século XVIII é, provavelmente, a característica mais decisiva para a virada técnica. Dois fatos importantes são observados neste momento: o desaparecimento dos tabus sociais e o desaparecimento dos grupos sociais naturais.²¹⁵

Os tabus sociais desta sociedade europeia do século XVII estão divididos em duas naturezas: os tabus oriundos da religião, que dão conta da construção de uma moral específica; os tabus sociológicos, que asseguravam a convicção de uma hierarquia social estabelecida.

Sobre o primeiro aspecto, podemos notar que aquela moral popular estabelecida pelo Cristianismo do século XVII construiu certos tabus que impediam a transformação da ordem natural estabelecida. De igual modo, a hierarquia social estabelecida, passa a ser colocada em questão. A Revolução de 1798 é um grande exemplo do que Ellul está a apontar.

Em síntese, Ellul enumera tais transformações que conferiram certa atomização da sociedade:

Criação de novas religiões, afirmação do materialismo filosófico, supressão das hierarquias, regicídios, luta contra o clero. Esses fatos agem poderosamente sobre a consciência popular e contribuem para destruir a crença nesses tabus. Ora, no mesmo momento, é o segundo acontecimento acima indicado, assistimos à luta sistemática contra todos os grupos naturais, a pretexto de defesa do indivíduo; luta contra as corporações, contra as comunas e o federalismo (os Girondinos), luta contra as ordens religiosas, luta contra as liberdades parlamentares, universitárias, hospitalares: não há liberdade dos grupos, mas apenas do indivíduo isolado. Mas, luta também contra a família: é certo que a legislação revolucionária provocou a destruição da família, já fortemente abalada pela filosofia e pelos ardores do século XVIII. As leis sobre o divórcio, as sucessões, a autoridade paterna, são ruinosas para o grupo em proveito do indivíduo. Apesar de todos esses passos atrás, o trabalho feito não pode ser reparado.²¹⁶

²¹⁴ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 50.

²¹⁵ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 51.

²¹⁶ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 52 e 53.

É esta sociedade maleável que vai criar condições para o estabelecimento do domínio técnico. Mas antes, um último fator é observado por Jacques Ellul como decisivo: o *interesse* ou a *clara intenção técnica*.

O que se vê no século XVIII como *clara intenção técnica* que não encontramos em outros momentos da história é a “visão precisa das possibilidades da técnica, a vontade de atingir seus objetivos, a aplicação em todos os domínios, a adesão de todos à evidência desse objetivo. É isso que constitui a clara intenção técnica.”²¹⁷

Em nome da eficácia e do interesse industrial, passa-se a buscar este “*best one way*”, a melhor maneira de se fazer, que regerá a máxima de todos os domínios, incluindo o científico. Será o *interesse* que moverá a consciência técnica.

Estado, indivíduo, burguesia e classe operária; todos se reúnem em torno da técnica – apesar dos seus interesses divergentes, será a técnica o meio para atingir seus objetivos. A técnica é o “x” da questão.

Para o Estado, a técnica política, industrial, militar e jurídica. A burguesia, que vê a possibilidade de exploração do momento para ganhar dinheiro por meio da técnica. As classes operárias não mais veem a técnica como inimiga, mas como caminho de liberdade por meio do progresso técnico e consequente desmoronamento do capitalismo e da burguesia. Para este último grupo, seus exploradores capitalistas – e não a técnica – são seus inimigos.

Primeiramente, na França e na Inglaterra, para depois atingir a totalidade do Ocidente. O percurso da revolução técnica estabelece a busca pela máxima eficácia em todas as relações. Este fenômeno se torna global, totalizador e um grande perigo para o ser humano – mas poucos puderam se atentar para suas consequências.

O pensador de Bordeaux, além de apresentar as condições para esta virada, dissecou a técnica moderna e aponta as características que a distinguem da atividade técnica de outros tempos.

3.2.4.

As características da técnica moderna segundo Ellul

Jacques Ellul propõe uma mirada nos caracteres extrínsecos da técnica para que possamos determinar se há diferença de fato entre as técnicas tradicionais e a

²¹⁷ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 54.

técnica moderna. Para o autor, é preciso observar a relação entre o fenômeno técnico e a sociedade, “a situação da técnica na sociedade”.²¹⁸

Pensando, primeiramente, nas técnicas tradicionais e nas civilizações anteriores à Moderna, pode-se sublinhar algumas características que despontam desta relação. Ellul indica que as técnicas eram aplicadas em domínios limitados na sociedade. Assim como sublinha que existia uma grande limitação dos meios técnicos e quase nenhum aperfeiçoamento destes meios. Por vezes, a habilidade de quem fazia uso de uma técnica era o que diferenciava o uso, pois os utensílios não estavam submetidos à lógica da máxima eficácia. Sobre este último ponto, já podemos assinalar que a técnica moderna busca reduzir ao máximo estes fatores que variam de ser humano para ser humano.

Outra importante característica era a localidade das técnicas até o período anterior ao século XVIII. Sua propagação era sempre muito lenta. Podemos inferir, então, que os fenômenos técnicos estavam isolados do movimento geral da técnica. Ellul nos lembra que as barreiras geográficas não eram os únicos empecilhos para a transmissão, mas o fato de que cada técnica local trazia consigo uma impressão cultural, marca de dada civilização, o que pode ser um grande obstáculo para a assimilação por parte de outro grupo.²¹⁹ Sendo assim, existiam técnicas diversas para atingir os mesmos fins, sem que uma ou outra fosse excluída pelo critério da hierarquia da eficácia.

Uma das características mais importantes era que, ao contrário da fase moderna da técnica, havia uma submissão da técnica ao ser humano. A técnica era o meio para atingir certo objetivo. Ela não apresentava dificuldades de adaptação por parte do ser humano, pois fazia parte da vida da civilização, da cultura.

Os critérios estéticos ainda eram muito determinantes para a técnica. O belo fazia frente ao critério da racionalidade ou eficácia. Ainda podemos apontar, segundo Ellul, diversos outros condicionamentos que concorriam para o desenvolvimento de uma técnica específica, como, por exemplo, o prazer do artesão e a gloriola do usuário ao utilizar-se da técnica.²²⁰

O século XIX vai conhecer a técnica que obedece exclusivamente ao critério da racionalidade e à máxima eficácia. A artificialidade será um caráter notório a

²¹⁸ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 66.

²¹⁹ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 71.

²²⁰ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 75.

todos, opondo a técnica ao natural. Este segundo fato causará consequências ao meio ambiente, tema que interessa à nossa pesquisa e será abordado no curso de nossa tese.

Além da *racionalidade* e da *artificialidade*, Ellul aponta, mais enfaticamente, cinco caracteres da técnica moderna que, segundo a sua avaliação, provam a mudança da relação antes estabelecida entre indivíduo, civilização e a técnica. São elas: o automatismo da escolha técnica; o autocrescimento; a unicidade (ou inescapabilidade); o universalismo técnico; e a autonomia da técnica.

O *automatismo da escolha técnica* apresenta-se como fator excludente, garantindo a manutenção da opção puramente técnica. Segundo Ellul, “O automatismo consiste em que a orientação e as escolhas técnicas se efetuam por si mesmas”.²²¹ Desta afirmação podemos observar pelo menos dois fenômenos: é a técnica que opera a escolha, não os seres humanos; a atividade técnica se encarrega de eliminar a atividade não-técnica.

Cada vez mais a lógica técnica faz vigorar sua influência, impondo-se contra qualquer outro argumento. A escolha está feita *a priori*. Quando o ser humano pensa que está fazendo uma escolha consciente, se engana, pois está apenas confirmando o domínio da técnica, que por ele já está sacralizada. A sociedade está tão convicta da superioridade da técnica em seu afã da máxima eficácia que não resta outra opção senão a técnica.

Tendo como critério a máxima eficiência, a escolha se impõe por uma questão de ordem, assim como o número dois (2) é maior do que o número um (1). Não há escolha entre dois ou três métodos técnicos: um se impõe fatalmente porque seus resultados são quantificados, mensurados, evidentes e, portanto, se tornam indiscutíveis.

Quando a escolha pela técnica automaticamente se impõe, a técnica elimina qualquer meio não-técnico: “não há, pois, nenhuma liberdade de escolha. Encontramo-nos, atualmente, na fase da evolução histórica de eliminação de tudo aquilo que não é técnico”.²²² Revela-se o caráter excludente da técnica moderna: até que se alcance a máxima eficiência (perfeição), ela vai eliminando tudo que tem menos força.

²²¹ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 83.

²²² ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 87.

Ellul denuncia o fascínio que todas as pessoas na sociedade moderna têm pela técnica. A certeza da superioridade da técnica e o otimismo em relação ao seu alcance orientam todos os esforços para a direção do progresso técnico. Sendo assim, a técnica segue sua marcha por consequência do esforço de cada um. A técnica moderna “progride por minúsculos aperfeiçoamentos que se adicionam indefinidamente até formar uma multidão de condições novas que permitem um passo decisivo”.²²³ O *autocrescimento* se dá pelo esforço comum e inconsciente de todos em função da técnica. Com isso, o fator decisivo não está mais nas mãos de um gênio solitário que descobre algo completamente novo em sua pesquisa particular. O fator decisivo “é a soma de pormenores aperfeiçoando o conjunto”.²²⁴

O ser humano não é completamente dispensável no processo de (auto)crescimento da técnica, entretanto, seu papel fora reduzido. Ele não consegue mais ser o protagonista do progresso técnico. Este se dá quase “sem intervenção decisiva” do ser humano.²²⁵ Sua função se assemelha a de um registrador “dos efeitos, dos resultados obtidos por diversas técnicas.”²²⁶

Ellul afirma que existe um *princípio de combinação das técnicas* que provoca este autocrescimento, podendo ser formulado de duas maneiras: a primeira é que em uma civilização técnica o progresso técnico é irreversível; e a segunda, que o progresso técnico tende a efetuar-se, de acordo com uma progressão geométrica – e não uma progressão aritmética.²²⁷

Percebe-se facilmente que na sociedade técnica, na qual todos estão voltados para o progresso técnico, não se faz necessário ao indivíduo ter o domínio de toda a operação técnica para que a coesão da combinação das técnicas se estabeleça. Este processo ocorre “naturalmente”:

O que estabelece o vínculo entre as ações parcelares dos homens, entre suas incoerências, o que coordena e racionaliza, não é mais o homem, mas as leis internas da técnica: não é mais a mão que apreende o feixe de meios, nem o cérebro que sintetiza as causas; somente a unicidade intrínseca da técnica assegura a coesão entre os meios e as ações dos homens: esse reino lhe pertence, força cega, mais clarividente do que a maior inteligência humana.²²⁸

²²³ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 89.

²²⁴ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 89.

²²⁵ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 96.

²²⁶ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 83.

²²⁷ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 94.

²²⁸ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 97.

Ninguém, de fato, tem o controle ou dita a marcha do crescimento da técnica, nem mesmo os consumidores ou produtores: isso é imposto ao ser humano pela necessidade técnica da produção.²²⁹ Esta afirmação traz consequências que precisam ser observadas. Refletiremos posteriormente sobre este ponto.

O progresso técnico é imprevisível. Não podemos prever com antecedência quando, qual e onde surgirá uma nova invenção técnica. O que sabemos e podemos afirmar, é que, ao olharmos para a história da técnica até aqui: o que temos hoje, o chamado “nível atual” será suplantado por algo novo, que consigo trará inconvenientes e necessidades de soluções aos problemas que se apresentarão posteriormente. O que segue é que um novo nível de progresso é reclamado, exigindo ainda um próximo nível sucessivamente. Estabelece-se um processo de autocrescimento *ad eternum*.

O que poderá frear este processo? No caso dos países mais poderosos, nada – já que este crescimento carece de recursos materiais e/ou dinheiro. Quanto mais a técnica avança, mais recursos são despendidos, sejam estes recursos materiais ou humanos.

Antecipo, resumidamente, que a *unicidade da técnica* moderna consiste na impossibilidade de distinção entre a técnica e uso que se faz dela. O ser da técnica moderna consiste na utilização da técnica, no seu uso único e exclusivo.

As necessidades e os modos de ação de cada uma dessas técnicas combinam-se de modo a formar um todo, cada parte apoiando, reforçando a outra, e constituindo um fenômeno coordenado do qual é impossível retirar um elemento. É, pois, uma ilusão (perfeitamente compreensível, aliás) essa esperança de suprimir o aspecto “mau” da técnica, conservando o “bom”, é não ter compreendido o que é o fenômeno técnico.²³⁰

Portanto, não se pode dissociar o uso “bom” ou “mau” da técnica. Há apenas um uso técnico – racional e voltado para a máxima eficácia – que corresponde à sua lógica e regra. O “ser” da técnica não obedece a nenhum critério outro, não se deixa julgar por critérios morais, estéticos ou religiosos. O que se estabelece é uma nova moral, a moral técnica, que é completamente independente.

²²⁹ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 96.

²³⁰ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 114.

A técnica, uma vez inventada, será utilizada até atingir sua máxima potência. Ainda mais: rapidamente será encontrada uma aplicação, já que custa caro e deve dar retorno.²³¹ Como consequência desta lógica, não se pode esperar que uma técnica sirva apenas como um meio positivo ou bom.

Como vimos anteriormente, o conjunto da técnica forma uma totalidade. Esta totalidade formada por cada parte interligada se torna indivisível.

Jacques Ellul inclui o *universalismo* como característica da técnica moderna. Tal característica se apresenta de duas maneiras: geograficamente e qualitativamente.²³²

A primeira, facilmente observável pela atual globalização, dá conta do fato de que a técnica alcançou de maneira progressiva cada país, um a um. Apesar dos estágios diferentes, todos estão encantados pela técnica. Até mesmo os países considerados menos desenvolvidos reivindicam e almejam um estágio mais avançado de tecnicização. Sendo assim, a área de ação da técnica moderna se tornou o mundo inteiro.²³³

Por qualitativo, observa-se o fato de a técnica ser totalitária, impondo a racionalidade instrumental e a máxima eficácia a qualquer cultura. O que se pode observar é um desmoronamento das culturas tradicionais – no sentido sociológico. A técnica moderna se expande e “invade” as demais culturas, comumente, através da guerra, do comércio, dos produtos de consumo e da exportação dos técnicos.

Essa invasão não produz apenas uma simples adição de novos valores a valores antigos, não funde uma nova matéria em uma forma que subsiste. Não se põe vinho novo em odres velhos; os velhos odres estão estourando. Essas velhas civilizações desmoronam em contato com a técnica. Isso se manifesta em todas as formas possíveis.²³⁴

A invasão técnica se dá pela imposição dos países mais poderosos, causando impactos em todos os setores. Assim, forma-se uma civilização técnica:

A fórmula é exata, e é preciso avaliar sua importância: civilização técnica, isso significa que nossa civilização é construída pela técnica (faz parte da civilização unicamente o que é objeto de técnica), que é construída para a técnica (tudo o que

²³¹ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 109.

²³² ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 119.

²³³ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 119.

²³⁴ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 123.

está nessa civilização deve servir a um fim técnico), que é exclusivamente técnica (exclui tudo o que não o é ou o reduz à sua forma técnica).²³⁵

Isso se verifica de várias maneiras: desaparecimento das responsabilidades, das autonomias funcionais, das espontaneidades sociológicas, ausência de contatos entre os meios técnicos e os meios humanos.²³⁶

A técnica se efetiva universalmente porque ela cria as rupturas e, ao mesmo tempo, se faz o único elo entre os seres humanos.

E a técnica, estabelecendo assim as rupturas, refaz as pontes necessárias; é a ponte acima das especializações, pois cria um tipo de homem que se multiplica, em toda parte e sempre semelhante ao seu reflexo, pelo canal de suas técnicas, e se fala e se ouve a si mesmo, obedecendo aos menores sinais do aparelho, confiando na mesma obediência do outro.

A técnica é agora o laço entre esses homens. É por seu intermédio que se comunicam, sejam quais forem suas línguas, suas crenças, suas raças; é realmente, para a vida e para a morte, a linguagem universal que supre todas as deficiências e separações. E isso mostra a razão desse grande impulso da técnica na direção do universal.²³⁷

Além de universal e a tudo englobar, a técnica é *autônoma*. Ela se desenvolve independente de qualquer lei, seja de qualquer natureza. A técnica é dotada de uma espécie de força própria. Por isso, só obedece às leis que ela própria estabelece.

Então seria a técnica autônoma em relação ao fator econômico, político, moral? Certamente. Pensado do último aspecto da pergunta para o primeiro, a técnica se coloca em um patamar superior, não aceitando ser julgada por ninguém. Sendo assim, a moral não exerce poder sobre ela, que está acima do bem e do mal.

Sendo assim, não são mais os fatores externos que condicionam a técnica, são as suas próprias necessidades internas que determinam as regras do jogo. A técnica não depende de nada porque se tornou uma realidade em si, independente de uma ação geradora ou acontecimento.

Pensando sociologicamente, a técnica é sacrílega, pois o mundo do humano é material e espiritual, e, já que a técnica não se dobra a ninguém, ela mesma se torna sagrada: o meio e o fim.

²³⁵ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 129.

²³⁶ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 128.

²³⁷ ELLUL, J. A Técnica e o desafio do século, p. 134.

Com tudo que foi dito até aqui, temos um panorama. Mas ainda queremos dizer uma palavra: ambivalência. Esta que é uma característica vital para entendermos o progresso técnico.

Quando o papa Francisco afirma que é preciso notar que os produtos da técnica não são neutros,²³⁸ está concordando com o pensamento de Ellul. Aqui, por produto da técnica, entendemos ser uma menção ao progresso técnico, aquilo que a técnica produz e que se convencionou chamar “progresso”. Existe uma longa discussão sobre este carácter da técnica, pois alguns autores defendiam a ideia de que a técnica não é boa (ou positiva) nem má (ou negativa), mas o uso que se dá a ela pode pender para um polo ou outro.

Se esta foi uma verdade em outras épocas, julgo ter sido suficientemente desmentida esta posição ao expormos o pensamento de Ellul sobre a técnica moderna. A ambivalência dá conta do fato de que a técnica necessariamente carrega um fator positivo e o negativo.

Por exemplo, quando os automóveis foram criados, como fator positivo podemos apontar o tempo que foi reduzido nos trajetos e, ao mesmo tempo, a elevação do índice de acidentes fatais, a poluição gerada, a falta de espaço – vagas de estacionamento – nas cidades que não foram planejadas para receber o novo produto da técnica. Se formos fazer este exercício, ficaremos eternamente apontando a ambivalência de cada produto da técnica.

Ellul levanta quatro pontos que caracterizam a ambivalência do progresso técnico: todo progresso técnico deve ser pago; o progresso técnico levanta mais problemas do que resolve; os efeitos nocivos do progresso técnico são inseparáveis dos efeitos favoráveis; todo progresso técnico envolve uma grande série de efeitos imprevisíveis.²³⁹

Quando Ellul afirma que todo progresso é pago, está dizendo que há um preço a se pagar e nem sempre é da mesma natureza. Com isso, ainda que seja muito difícil medir exatamente o bônus e o ônus, certamente haverá algum preço a ser pago: “é de fato difícil apreciar o valor que aparece em relação àqueles que desaparecem porque não são da mesma natureza e não têm como medir. Mas não

²³⁸ LS 107.

²³⁹ ELLUL, J. *Réflexions sur l’ambivalence du progrès technique*, p. 1-4.

devemos deixar-nos cair na armadilha, nem da necessidade, nem da possibilidade de medidas exatas nesta área.”²⁴⁰

Para otimizarmos os pontos facilmente observáveis e inter-relacionáveis, pensemos três características de uma só vez. Imagine se ao implementar um novo método automático de cobrança nos estacionamento, não mais realizadas por humanos, de maneira manual e com mão-de-obra mais cara, pensou-se na avalanche de consequências negativas que esta nova técnica – dita mais eficaz – poderia causar.

Milhares de desempregados, pois poucos seriam recolocados neste mesmo setor. Com isso, famílias desamparadas e sem condições de custear o básico da vida. Em apenas um movimento, o progresso técnico levanta problemas. Sendo assim, os efeitos nocivos se mostram inseparáveis dos positivos e, em muitos casos, efeitos imprevisíveis deste desalojamento em massa podem surgir, como por exemplo, episódios de violência.

Ou seja, “todo progresso técnico tem três tipos de efeitos: efeitos desejados, efeitos previsíveis e imprevisíveis”.²⁴¹ Disto não podemos escapar. Partick Troude-Chastenet faz um comentário que bem sintetiza esse ponto de reflexão:

O progresso técnico é caracterizado pela sua ambivalência e não pela sua ambiguidade. A técnica é ambivalente porque liberta tanto quanto aliena. Cria problemas assim que os resolve e aumenta por si só através das soluções que oferece. Falar de autocrescimento significa que, no contexto de uma sociedade técnica, todos os problemas humanos são transformados em problemas técnicos e que a tecnologia cria novos problemas para os quais tentaremos sistematicamente fornecer soluções técnicas. A invenção do plástico, por exemplo, e a tentativa de resolver a questão da reciclagem de embalagens através de instalações de incineração geradoras de dioxinas mostra perfeitamente que todo o progresso técnico tem de ser pago. Os seus efeitos negativos são inseparáveis dos seus efeitos positivos, e este progresso inclui sempre uma parte significativa de efeitos imprevisíveis... Quem poderia prever, antes do 11 de Setembro de 2001, que os aviões comerciais poderiam ser transformados em máquinas de guerra?²⁴²

Seguiremos para o final deste capítulo, onde refletiremos sobre as consequências advindas do fenômeno técnico moderno e de sua lógica dominante, especialmente para a questão ecológica.

²⁴⁰ ELLUL, J. *Réflexions sur l’ambivalence du progrès technique*, p.3.

²⁴¹ ELLUL, J. *Réflexions sur l’ambivalence du progrès technique*, p.4.

²⁴² TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul et la politique, p.43

3.3

A tecnocracia e suas consequências ecológicas

Primeiramente, será preciso salientar que esta seção poderia ganhar uma extensão muito maior não fosse a delimitação de nosso tema. Ao propormos a reflexão sobre as consequências ecológicas do dito fenômeno técnico, da tecnocracia – para usar a linguagem da *Laudate Deum* e da *Laudato Si'* –, após afirmarmos que a técnica moderna é globalizante, uniformizadora e compreende todos os domínios da realidade, soaria reducionista apontar somente os resultados de uma área específica.

De todo jeito, passaremos bem brevemente pelas consequências nos demais campos que compõem a realidade social. Tais como, o político e o Estado, como sublinha Chastenet à luz do pensamento político de Ellul:

Numa sociedade técnica, a soberania popular é apenas um mito e o sufrágio universal revela-se incapaz de selecionar bons governantes e controlar a sua ação. É tão ilusório acreditar no controlo do povo sobre os seus representantes como naquele exercido pelos governantes eleitos sobre a administração e os especialistas. O Estado técnico é por natureza totalitário, independentemente da sua forma jurídico-institucional e da sua cobertura político-ideológica. À noite todos os gatos são cinzentos!²⁴³

Logo no início da trajetória de Ellul, nos anos chamados personalistas, já podemos ver sua percepção sobre domínio da técnica em todas as áreas da atividade humana:

O meio de alcançar a concentração é a técnica, não o processo industrial, mas o processo geral. Técnica intelectual: fixação de uma inteligência oficial por princípios imutáveis (Faculdades, arquivos, museus). Técnica econômica: construção de uma técnica financeira que se tornou tirânica pela inevitabilidade econômica (desenvolvimento da economia por si só, ciência autônoma, fora da vontade humana). Técnica política: uma das primeiras áreas alcançadas pela técnica (diplomacia, antigas regras do parlamentarismo etc.). Técnica jurídica: através de codificações nefastas. Técnica mecânica, através de um intenso desenvolvimento da máquina, sem consideração das reais necessidades do homem, apenas porque, no início, foi estabelecido o princípio da excelência da máquina.²⁴⁴

Retomando os conceitos. A lógica técnica do nosso tempo respeita apenas o critério da máxima eficácia, a qual entoa um mantra: “tudo o que for tecnicamente

²⁴³ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul et la politique, p.47.

²⁴⁴ ELLUL, J. CHARBONNEAU, B. Directives pour un manifeste personnaliste, p. 67

possível será necessariamente alcançado”. Em todas as áreas a lógica da máxima eficácia vigora.

Qual seria então a consequência, no campo político, dessa busca pela máxima eficácia? Patrick Troude-Chastenet nos responde:

Na sociedade técnica, a política é uma questão do Necessário e do Efêmero. Os que estão no poder agitam-se para manter a aparência de uma iniciativa na verdade abandonada aos especialistas. Com sotaque muito weberiano, Ellul estigmatiza a evacuação da política pela ação burocrática. Ele constata a inversão do modelo democrático de uma administração sujeita à autoridade dos governantes eleitos, agora tendo a eficiência como único critério de legitimação. A sociedade técnica também implica uma confusão entre o político e o social. Tudo é política, mas a política é apenas uma ilusão! A política substituiu a religião, o Estado moderno tomou o lugar de Deus!²⁴⁵

E neste culto à técnica, Ellul faz questão de deixar claro: “Não é a tecnologia que nos escraviza, mas sim o sagrado transferido para a tecnologia.”²⁴⁶ Este novo status da técnica que perverte a relação do ser humano com ela mesma. A técnica possuiu o Estado, que só pode agir e exercer o seu domínio por meio dela, assim como a política, que nada faz senão por seu intermédio. Ellul não prega um apolitismo ilusório, o que pretende é destacar “as virtudes da resistência pessoal face ao Leviatã. Para o homem, existir é resistir! Devemos, portanto, desenvolver “tensões”, uma das palavras-chave do discurso personalista, encorajar tensões contra todas as tentativas de integração social”.²⁴⁷

Por isso uma tecnocracia. Em suma, o ser humano tornou-se instrumento dos seus instrumentos.

Aqui o ponto nevrálgico: por mais que se proclame um antropocentrismo moderno, se o ser humano que está no centro, não está no controle, quão perigoso é o nosso tempo! Hoje vivemos uma era geológica na qual a atividade humana vem causando as transformações mais radicais ao meio ambiente, colocando em risco a vida do planeta.²⁴⁸ O Antropoceno pode ser sentido por todos nós, principalmente pelas consequências climáticas muito bem descritas na *Laudate Deum*.

²⁴⁵ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul et la politique, p.46

²⁴⁶ ELLUL, J. Les nouveaux possédés, p. 259.

²⁴⁷ TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul et la politique, p.49.

²⁴⁸ ROCKSTRÖM, J. (Et. Al), A safe operating space for humanity, p. 472.

A Laudato Si' conclui que a raiz da crise ecológica é antropológica.²⁴⁹ Ou seja, a crise ecológica resulta do domínio da lógica técnica sobre os seres-humanos, que, feridos em sua liberdade de decidir, estão colocados a serviço de uma máxima destrutiva.

Daí o pano de fundo da obra de Ellul ser a questão da liberdade humana.²⁵⁰ Para Jacques Ellul, o primeiro dever do ser humano é o de dizer “não”.²⁵¹ Mas, só pode dizer “não” para as amarras da tecnocracia aquele que enxerga a sua condição real, se reconhece como prisioneiro e proclama a sua liberdade. Aí reside o drama moderno: o ser humano é socializado, recebe uma educação e um horizonte de sentido que estão dominados pela técnica. Sua formação pessoal já o configura para normalizar o absurdo. Sua criatividade está castrada,²⁵² pois na realidade que ele conhece não há salvação que possa enxergar. As lentes que recebeu só lhe possibilita enxergar o que a técnica permite.

É possível que o leitor já tenha notado onde desembocará a reflexão proposta neste ponto. Mas antes de revelá-la explicitamente, veremos alguns dos efeitos destrutivos causados pelo nosso estilo de vida dominado pela técnica.

Na *Laudato Si'* a crise climática global é apontada com bastante ênfase:

Mas é possível verificar que certas mudanças climáticas, induzidas pelo homem, aumentam significativamente a probabilidade de fenômenos extremos mais frequentes e mais intensos. Pois, sempre que a temperatura global aumenta 0,5 grau centígrado, sabe-se que aumentam também a intensidade e a frequência de fortes chuvas e inundações nalgumas áreas, graves secas noutras, de calor extremo nalgumas regiões e fortes nevascas ainda noutras. Se até agora podíamos ter vagas de calor algumas vezes no ano, que aconteceria se a temperatura global aumentasse 1,5 graus centígrados, de que, aliás, estamos perto? Tais vagas de calor serão muito mais frequentes e mais intensas. Se se superarem os 2 graus, as calotes glaciares da Groelândia e de grande parte da Antártida derreter-se-ão completamente, com consequências enormes e muito graves para todos.²⁵³

Não podemos perder de vista que todos nós sofremos as consequências, mas ainda mais vulneráveis estão os mais pobres. O papa ainda enumera uma série de consequências oriundas da ação humana:

²⁴⁹ LS 101.

²⁵⁰ ELLUL, J. *À temps et à contretemps*, p.162.

²⁵¹ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. *À contre-courant*, p. 75.

²⁵² ELLUL, J. *Symbolic function, technology and society*, p.210.

²⁵³ LS 5.

A concentração na atmosfera dos gases com efeito estufa, que causam o aquecimento global, manteve-se estável até ao século XIX: abaixo das 300 partes por milhão em volume. Mas a meados daquele século, em coincidência com o progresso industrial, as emissões começaram a aumentar. Nos últimos cinquenta anos, o aumento sofreu uma forte aceleração, como atesta o observatório de Mauna Loa que efetua, desde 1958, medições diárias do dióxido de carbono. Estava eu a escrever a *Laudato Si'*, quando se atingiu o máximo histórico – 400 partes por milhão – chegando, em junho de 2023, a 423 partes por milhão. Considerando o total líquido das emissões desde 1850, mais de 42% ocorreram depois de 1990. Ao mesmo tempo notamos que, nos últimos cinquenta anos, a temperatura aumentou a uma velocidade inédita, sem precedentes nos últimos dois mil anos. No referido período, a tendência foi um aquecimento de 0,15 graus centígrados por decênio, o dobro do registado nos últimos 150 anos. De 1850 até hoje, a temperatura global aumentou 1,1 graus centígrados, fenómeno que se amplifica nas áreas polares. A este ritmo, é possível que, dentro de dez anos, tenhamos alcançado o limite máximo global de 1,5 graus centígrados. O aumento não se verificou apenas na superfície terrestre, mas também a vários quilómetros de altura na atmosfera, na superfície dos oceanos e mesmo a centenas de metros de profundidade. Isto aumentou também a acidificação dos mares e reduziu os seus níveis de oxigénio. Os glaciares retraem-se, a cobertura de neve diminui e o nível do mar aumenta constantemente.²⁵⁴

Como salientamos anteriormente, o papa Francisco recebeu suporte de especialistas das mais diversas áreas para arquitetar as análises da crise socioecológica descrita na *Laudato Si'*.

A situação é muito preocupante, dos nove indicativos apontados como limites que não devemos ultrapassar para que a vida como conhecemos na Terra não seja colocada em risco, três já foram irreversivelmente comprometidos. Estes, os três primeiros da lista que segue: alterações climáticas; taxa de perda de biodiversidade (terrestre e marinha); interferência com o nitrogénio e ciclos de fósforo; esgotamento do ozônio estratosférico; acidificação do oceano; uso global de água doce; mudança no uso da terra; poluição química; e carga de aerossol atmosférico.²⁵⁵

Como nosso trabalho respeita os limites de reflexão que a nossa formação é capaz de produzir, nos manteremos no horizonte da teologia para propormos uma via de solução para o dilema do ser humano na sociedade da técnica. Ao pensarmos sobre a raiz humana da crise ecológica, um conceito extremamente rico e originalmente elluliano impulsionou a nossa proposta: *la Éthique de la non-puissance*.

²⁵⁴ LD 11 e 12.

²⁵⁵ ROCKSTRÖM, J. (Et. Al), A safe operating space for humanity, p. 473.

Dedicaremos o último capítulo de nossa tese à construção de uma proposta vigorosa de superação das amarras da tecnocracia, e, por consequência, de libertação do ser humano. Nosso objetivo não é o de oferecer mais uma técnica eficaz contra a própria lógica técnica. Objetivamos oferecer uma posição à contracorrente. O desafio está posto por Jacques Ellul:

O desafio à nossa própria existência hoje colocado pela ciência e pela tecnologia só pode ser enfrentado com base numa renovação espiritual, na descoberta de uma nova base para a vida humana [...] Nomeadamente, com base na escolha do não-poder e na prática da liberdade.²⁵⁶

Vejamos como o pensador de Bordeaux pode nos ajudar em meio a esta crise geral na qual estamos submersos.

²⁵⁶ ELLUL, J. *Technology and the Gospel*, p. 177.

4

A proposta da Ética do não-poder de Jacques Ellul

Após realizarmos no capítulo anterior um percurso sobre a crítica da técnica moderna em Jacques Ellul – tema central e mais conhecido de sua obra – e defendermos a pertinência desta questão nos nossos dias, chegamos ao que entendemos ser o “coração” desta tese. Trata-se da resposta teológica do autor para as questões sociológicas apontadas por sua crítica da técnica moderna. Como características marcantes do pensador de Bordeaux, a originalidade e a liberdade de seu pensamento serão notórias também neste capítulo.

A *Éthique de la non-puissance* (Ética do não-poder) é mais do que um conceito original de Jacques Ellul: é um chamado, uma proposta de *práxis* correspondente ao testemunho autêntico de Jesus Cristo. Ellul propõe que esse chamado, destinado aos cristãos, está presente ao longo de toda Sagrada Escritura. Sendo assim, objetivamos neste capítulo apresentar a proposta elluliana da Ética do não-poder como atitude-chave para a superação das amarras da Tecnocracia. O capítulo está dividido em três partes: o conceito de Ética do não-poder (4.1); a Ética do não-poder como contribuição ecoteológica (4.2); a Ética do não-poder em diálogo com a *Laudato Si'* e com a *Laudate Deum* (4.3).

A primeira parte dará conta da apresentação e os aprofundamentos sobre a *Éthique de la non-puissance*. Neste ponto sublinharemos o potencial positivo da reflexão teológica de Ellul, que não se prende a uma abordagem livresca, distante do solo da vida humana, mas pretende servir de impulso para a presença do cristão no mundo da tecnocracia.

Por fim, veremos como a Ética do não-poder se coloca em oposição às lógicas perniciosas que ainda vigoram em nosso tempo. Buscaremos fazer a ligação entre a proposta elluliana e questão da crise ecológica. A Ética do não-poder apresentar-se-á como um conceito cristão ecológico por excelência no pensamento de Jacques Ellul, como observou Frédéric Rognon: “*La non-puissance est l’attitude écologiste chrétienne par excellence, puisqu’elle se choisit par fidélité au Christ.*”²⁵⁷

²⁵⁷ ROGNON, F. *Le défi de la non-puissance*, p.299. Tradução: “O não-poder é a atitude ambientalista cristã por excelência, pois é escolhida pela fidelidade a Cristo.”

Na última parte do capítulo, mais uma vez a carta encíclica *Laudato Si'* (2015) nos servirá como obra de referência, assim como a exortação apostólica *Laudate Deum* (2023). Nossa ideia é promover o diálogo entre a proposta elluliana de uma *Éthique de la non-puissance* e as duas obras do papa Francisco, intuindo que deste encontro poderá nascer uma vigorosa e atual proposta ecoteológica.

4.1.

O conceito de Ética do não-poder

Diante do Sistema Técnico descrito por Ellul, qual alternativa o ser humano pode ter para se desvencilhar das amarras da *technique*? Ainda há esperança de uma vida livre dentro da Sociedade Técnica? Como vimos anteriormente, para Jacques Ellul o Sistema Técnico engloba, domina e subjuga todas as instâncias da realidade concreta. Não há quem – ou o que – escape desta realidade.

O próprio pensador de Bordeaux afirma que sua obra descreve “um mundo sem saída, com a convicção de que Deus acompanha o homem ao longo da sua história.”²⁵⁸ Portanto, para Ellul, a transcendência apresenta uma possibilidade de ser na realidade, uma fonte externa, não dominada e condicionada pela técnica.

A solução estaria colocada na presença dialética do cristão na sociedade: “a palavra de Deus só pode ser proclamada por alguém que se coloca fora ‘do mundo’ enquanto permanece no próprio âmago do questionamento que se desenrola dentro dele.”²⁵⁹

Ellul propõe então três tensões dialéticas com três termos cada, que estão colocadas em relação dialética entre elas mesmas. A primeira é colocada em relação e com ênfase no sentimento que se deve carregar, o de *l'espoir, du désespoir et de l'espérance*;²⁶⁰ a segunda, que faz mais referência à ação, atitude diante do desafio moderno é colocada nos termos *de l'engagement, du désengagement, et du dégageement (ou de l'engagement dégage), d'autre part*.²⁶¹ E a terceira dialética concerne à relação entre *la puissance, l'impuissance et la non-puissance*.²⁶²

²⁵⁸ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p. 94.

²⁵⁹ ELLUL, J. Living Faith, p. 276-277.

²⁶⁰ Entendemos que esta dialética contém um jogo de palavras que funciona melhor no francês, língua original. Uma tentativa livre de tradução, seria: esperança, desesperança e esperançar.

²⁶¹ Possível tradução: engajamento, desengajamento e engajamento desengajado.

²⁶² ROGNON, F. Le défi de la non-puissance, p. 296.

O teólogo Frédéric Rognon explica a terceira dialética proposta por Ellul: “*La puissance est la capacité de faire quelque chose. L'impuissance est l'incapacité de faire cette chose. Et la non-puissance est la capacité de la faire, et le choix de ne pas la faire*”.²⁶³ É sobre esta renúncia consciente que queremos tratar.

Há que se colocar em posição antagônica em relação ao poder que a técnica moderna exerce sobre o todo:

Ao longo da sua vida, tentou encarnar a sua concepção cristã de *Présence au monde moderne* (1948), tão distante dos católicos fundamentalistas como dos teólogos da libertação dos anos 1960. Investido de uma missão profética, o cristão, em completa ruptura com todos os aspectos sociais, conformismos, traz para hoje o poder da escatologia. Esta esperança de um regresso de Cristo coloca o crente em uma situação revolucionária porque ele não pode aceitar o mundo como ele é, nem o tornar menos pecaminoso.²⁶⁴

Como já salientamos, há uma relação dialética entre *La technique ou l'enjeu du siècle* (1954) e *Présence au monde moderne* (1948). Entretanto, o que encontramos de proposta teológica neste momento do pensamento de Ellul são indícios de uma concepção que se completará apenas no final da vida de Ellul. Ao menos, os seus escritos que antecedem o artigo *Technology and the Gospel* (1977), não traziam explicitamente um chamado à *non-puissance*. O tema da não-violência já estava lá nas suas reflexões; a necessidade de impor limites à técnica também; a urgência de uma revolução foi debatida constantemente. A *Éthique de la non-puissance* é um conceito original de Jacques Ellul, que florescerá na sua maturidade enquanto pensador.

Para apresentarmos esta proposta usaremos como base as obras *Technology and the Gospel* (1977), *Changer de Révolution: L'inéluctable prolétariat* (1982), *Si tu es le Fils de Dieu* (1991), *Théologie et Technique: Pour une éthique de la non-puissance* (obra póstuma publicada em 2014, contendo escritos até então desconhecidos), além de artigos e entrevistas de Ellul.

Nossa reflexão passará pela raiz teológica da *non-puissance*, depois pelo debate em torno da não-violência. Na primeira parte refletiremos sobre a opção de Jesus pelo não-poder e sobre a mensagem bíblica que faz referência a esta posição.

²⁶³ “Poder é a capacidade de fazer algo. Impotência é a incapacidade de fazer aquilo. E o não-poder é a capacidade de fazer e a escolha de não o fazer”. ROGNON, F. *Le défi de la non-puissance*, p. 296.

²⁶⁴ TROUDE-CHASTENET, P. *Introduction à Jacques Ellul*, p.14.

A segunda parte trará um conceito-chave contido na *non-puissance*: a superação da não-violência.

4.1.1

A raiz teológica da Ética do não-poder

Começaremos nossa seção a partir da essência da *Éthique de la non-puissance*, a interpretação de Ellul sobre o testemunho de Jesus Cristo. Partiremos da obra que entendemos ser a maior referência no tema: *Si tu es le Fils de Dieu* (1991).²⁶⁵ Esta obra de Jacques Ellul pretende refletir sobre a humanidade de Jesus Cristo, principalmente a partir das tentações e sofrimentos aos quais foi submetido ao longo de sua experiência humana.

Ellul faz a sua interpretação dos episódios apresentados nas Escrituras Sagradas que revelam as opções feitas por Jesus Cristo diante dos sofrimentos e tentações, propondo, de maneira original, que Jesus venceu tais adversidades sem recorrer ao – ilimitado – poder que estava à sua disposição.

Ellul pensa diferente de algumas propostas teológicas. Para o pensador de Bordeaux, não se deve dissociar a natureza humana e divina de Jesus Cristo, de modo a invalidar sua experiência real de sofrimento e tentação enquanto ser humano e, de igual modo, não desconsiderar a tentação sofrida por Deus – proposição polêmica que apresentaremos posteriormente. Tal tentativa de se livrar “elegantemente do problema”²⁶⁶ foi empreendida por alguns teólogos quando na elaboração teórica do Jesus da História e o Cristo da Fé:

Deixamos o Cristo da Fé, o Messias, o Filho de Deus, que faz milagres, Ressurreto. Tudo isto talvez não seja falso para a fé (mas em todo caso, inventado por ela e para ela), mas não poderia ser incorporado pela história, ou seja, não pode fazer parte, de fato, da vida de Jesus, pois trata-se aí de fatos que não são constatáveis pelo método histórico e que são inverossímeis do ponto de vista da razão. Pois a História pode constatar somente fatos razoáveis. Pressupostos obrigatórios. Quanto ao Cristo da fé – que não se rejeitaria, certamente –, ele parece ter sido uma invenção de Paulo, que utilizou o personagem de Jesus. Logo, podemos deixá-lo aos crentes. Prestemos atenção ao fato que encontramos aqui uma teoria bastante antiga, renovada em seu vocabulário, aquela do velho “liberalismo-racionalismo”. Agora, é a história. E não

²⁶⁵ Quando nossa citação não estiver na língua original, partirá da ótima tradução para a língua portuguesa: *Se és o Filho de Deus: descubra a verdadeira natureza de Jesus Cristo*. [tradução Luiz Fernando Medeiros de Carvalho; Ana Amélia Brasileiro Medeiros Silva]. Brasília, DF: Palavra, 2011.

²⁶⁶ ELLUL, J. *Se és o Filho de Deus*, p. 13.

mais a racionalidade, que é o árbitro, mas trata-se da mesma coisa: separar Jesus e o Cristo.²⁶⁷

Ellul ressalta que confessamos facilmente que Jesus foi “plenamente um homem e plenamente Deus”,²⁶⁸ ao mesmo tempo em que somos tentados a aumentar um ou outro aspecto. O pensador de Bordeaux nos chama a atenção para o *Credo Niceno-Constantinopolitano*:

“Ele sofreu sob Pôncio Pilatos” (logo, ele sofreu somente sob Pôncio Pilatos!), depois: “Ele foi crucificado”. Entretanto, o texto verdadeiro (e mais fiel à construção gramatical latina) é: “Ele sofreu; sob Pôncio Pilatos ele foi crucificado”. Como se vê, os autores do Credo retêm apenas uma realidade de toda a vida e ensinamento de Jesus: ele sofreu. O que está totalmente de acordo com o fato de que ele cumpriu a profecia do “Servo sofredor”.²⁶⁹

Com frequência os Evangelhos sublinham que Jesus foi “tentado em todas as coisas...”, o que rechaça a ideia de que, por ser Deus, não foi tentado ou sofreu como nós. Pelo contrário, “a tentação era para ele um sofrimento, e todo sofrimento implicava uma tentação. E de modo mais forte do que para nós!”.²⁷⁰ Ellul afirma que para nós, diante de alguns sofrimentos, não há alternativa ou meios de solução, “enquanto ele poderia, como Deus, cessar este sofrimento”.²⁷¹

Jacques Ellul ressalta que o sofrimento é inerente à condição humana; não é Deus quem envia o sofrimento (ou a tentação). Por isso, Jesus nunca buscou o sofrimento. Ele é exemplar neste sentido. De igual modo, Deus não tenta o ser humano (Tiago 1,13). O que aparece na Bíblia é, no máximo, e, com muitas ressalvas, um episódio em que Deus permite que Satã tente/prove o ser humano Jó, “como um desafio a Deus”.²⁷² Aqui, Ellul propõe uma ideia pouco tradicional sobre o “Acusador”:

[...] sempre onde há um acusador (humano), um espírito de acusação, existe *Shatân*. Mas é necessário que haja homens para isto. Um homem que acusa o outro faz parte de *shatân* (nome comum!). O *Shatân* é apenas o composto, a síntese, a soma de todas as acusações trazidas pelos homens contra outros homens no mundo. Não se trata de um “espírito” independente do homem que lhe “inspira” essa acusação. Ela surge tão somente do coração do homem.²⁷³

²⁶⁷ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 13.

²⁶⁸ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 12.

²⁶⁹ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 12.

²⁷⁰ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 12.

²⁷¹ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 12.

²⁷² ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 17.

²⁷³ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 18.

Jacques Ellul interpreta os textos das Escrituras Sagradas sobre a tentação de Jesus Cristo pelo Diabo como uma síntese de todas as tentações sofridas por Jesus Cristo em seu ministério. Para o autor, o Diabo nestas passagens “é tão somente o representante da humanidade como um todo, que fala em seu nome. Ele é apenas um personagem simbólico e artificial, sendo o verdadeiro tentador a humanidade, pessoal e socialmente”.²⁷⁴ Aqui aparece o método teológico de leitura das Sagradas Escrituras. Por vezes adotado por Ellul.

Ellul cita o texto bíblico do livro de Tiago 1,14,²⁷⁵ para defender que a chave da tentação humana é “a cobiça que está em cada um de nós”, não é Deus que nos tenta ou algo exterior.²⁷⁶ O autor afirma que a outra face da cobiça se chama *espírito de poder/potência*. Neste momento, entendemos que o autor insere a questão central para a tese do livro, que mais adiante vai arrazoar sobre a opção de Jesus Cristo pelo *não-poder*, objeto de nossa pesquisa: “Diria que a cobiça engloba todas as origens da tentação, mas quando esta concerne ao ser humano, ela toma a forma de espírito de poder/potência”.²⁷⁷

O autor exemplifica tal estatuto da cobiça citando duas passagens bíblicas: o Decálogo, no qual “não cobiçarás” é o último mandamento e ao mesmo tempo a síntese de todos os outros; e Gênesis, episódio de ruptura do homem com Deus. A “cobiça absoluta” se faz presente nesta narrativa de Gênesis: cobiçar ser como Deus.²⁷⁸

Ellul resume como o processo rumo à consolidação do pecado se dá:

[...] a tentação é a conjunção entre essa cobiça e essa circunstância. O encontro não muda nada se não há no coração a cobiça. Esta não se exprime se não há ocasião. E tudo isso, como veremos, é perfeitamente simples e natural. Não se trata de nenhuma necessidade do Diabo, nem de uma potência misteriosa. E isso engendra, diz Tiago, o pecado. ‘A cobiça’, quando concebida, dá origem ao pecado. Deveríamos nos deter sobre esta ideia não-bíblica de que Deus comanda cada minúsculo acontecimento e que é por sua intervenção que a cobiça encontra circunstância. Não, Deus tampouco age dessa forma. Basta apenas o homem e o corpo social.²⁷⁹

²⁷⁴ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 22.

²⁷⁵ “Cada um, porém, é tentado pelo próprio mau desejo, sendo por este arrastado e seduzido”.

²⁷⁶ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 19.

²⁷⁷ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 19.

²⁷⁸ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 20.

²⁷⁹ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 20 e 21.

Para Ellul a relação “sofrimento/tentação” está bem presente nas primeiras linhas do Evangelho Segundo João (15,1): “a luz brilha nas trevas, e as trevas não a derrotaram”.²⁸⁰ O autor explica: “Esta Luz poderia dissipar toda a escuridão. E saberia fazer isso. Mas seria preciso que a escuridão a recebesse. Para ser uma verdadeira luz, ela não poderia se impor, vencer pela força: ela deixaria de ser uma luz para começar a jogar o jogo da escuridão e tornar-se ela mesma treva”.²⁸¹

A primeira seção da obra *Si tu es le Fils de Dieu*, intitulada *Le Serviteur souffrant*, foi dedicada a afirmar que não há nenhum sofrimento que o ser humano possa ter na vida, que Jesus não tenha experimentado. Dos mais simples sofrimentos até os mais profundos. Ellul ressalta que Jesus Cristo não suprimiu os nossos sofrimentos ao carregá-los nele, não nos tornou imunes: “O sofrimento permanece sempre horrível, uma injúria à ordem da criação (mas não da ‘natureza’).”²⁸²

Para Ellul duas modificações acontecem para os que creem nos sofrimentos que Jesus passou e venceu: uma ao ter convicção de que são acompanhados em seus sofrimentos, e outra, uma libertação do sentimento de punição e remorso. Por sabermos que o sofrimento não provém de Deus, que ele é um absurdo, próprio da condição humana. Um escândalo, “mas ainda mais verdadeiramente quando ele sabe que Deus, ele próprio, assumiu o mal para si!”²⁸³

Ellul afirma que a Sagradas Escrituras faz questão de nos apresentar episódios que correspondem aos mais variados tipos de sofrimentos passados por Jesus Cristo: a fome; a fadiga; o suplício e a crucificação; o sofrimento moral; a ruptura (dos laços familiares, do seu “meio”...); a experiência dos limites; as fraquezas pessoais; a sensibilidade (empatia com os outros); a compaixão por Jerusalém; o escândalo; a incredulidade (principalmente dos seus discípulos); os amigos; o Getsêmani; a recusa; a traição; a zombaria; a morte; a submissão à vontade divina.

Nós sublinharemos neste capítulo um ponto importante para a construção da tese de Ellul sobre a opção de Jesus Cristo pelo não-poder: a questão que diz respeito à *experiência de seus limites humanos*. Ellul assinala que as Escrituras dão

²⁸⁰ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 22.

²⁸¹ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 23.

²⁸² ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 25.

²⁸³ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 27.

testemunho da “fraqueza” de Deus. Jesus tinha limites efetivos e autolimitação, que sendo em um caso ou no outro, configuravam uma conjuntura tentadora de manifestar sua potência, de ultrapassar tais limitações. Um exemplo claro nos foi narrado pelos Evangelhos na ocasião em que Jesus Cristo foi preso (Mt 26,53). Jesus precisou tomar uma decisão e optou por respeitar seus limites humanos, ao ponto de não defender sua própria vida. Jesus fez a opção pelo amor à vontade de Deus e ao próximo.

Jesus foi certamente mais tentado do que nós a tornar em ato a *cobiça absoluta*, aquela que quer fazer aflorar o nosso desejo de sermos como Deus. As Escrituras narram ocasiões em que Jesus escolhe não dar espaço à potência divina que havia nele. Prefere reconhecer os limites que a condição humana impusera a Deus. Jesus Cristo fez declarações do tipo: “Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai.”²⁸⁴

Enquanto isso, o *espírito de poder/potência* parece governar as ações dos seres humanos de nosso tempo. A busca por romper todos os limites – muitas vezes a qualquer custo – sem uma ética norteadora, tem levado a uma crise geral: socioeconômico-política-ecológica.

A segunda – e última – seção da obra *Si tu es le Fils de Dieu*, intitulada *Les tentations de Jésus*, vai nos trazer uma série de tentações sofridas por Jesus Cristo, além do esboço do ponto *elluliano* que é objeto principal de nossa pesquisa: *la Éthique de la non-puissance*.

Lembrando que, segundo a proposta de Ellul: “a tentação era para ele um sofrimento, e todo sofrimento implicava uma tentação”.²⁸⁵ Ellul introduz sua leitura dos textos que narram as tentações de Jesus no deserto com uma ideia fundamental: “Sem tentação não há liberdade”.²⁸⁶

O texto de Habacuc 4,15 profetiza que o Messias passaria por “todo tipo de tentação”, sem falhar, não dando ocasião à cobiça. Em outras palavras, Jesus venceu as tentações sem pecar. Ellul sublinha que Jesus Cristo conheceu muito bem a experiência humana, pois a viveu integralmente, sendo passível de falhar diante das tentações/sofrimentos. Caso o erro não fosse possível, Jesus teria uma experiência

²⁸⁴ Mt 24,36.

²⁸⁵ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 12.

²⁸⁶ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 62.

humana falseada. Ellul afirma: “Mas Jesus poderia perder. Ele poderia se deixar ir. Aceitar propostas tão racionais.”²⁸⁷

O pensador francês apresenta, inicialmente, três dimensões das tentações que Jesus foi submetido na experiência diante do *Diabolos*, no deserto, narrada no Evangelho: a tentação econômica, a política e a ideológica/religiosa.²⁸⁸ Ellul propõe uma leitura não-literal do encontro entre Jesus Cristo e o Diabo. Para o pensador de Bordeaux, o *Diabolos* nesta narrativa representa a síntese das tentações sofridas por Jesus Cristo: “Pois é preciso lembrar, Jesus não encontra alguém com asas e chifres que se põe a conversar com ele! Não há ninguém diante dele... além dele mesmo. E as questões, as propostas que lhe vêm, são nele mesmo que elas ecoam”.²⁸⁹

Por *tentação econômica*, ecoa no interior de Jesus recorrer ao poder divino para satisfazer uma necessidade básica, a fome. Apesar de parecer legítimo, justificar o uso do poder para a satisfação pessoal pode ser perigoso: “A legitimação de toda a nossa atividade, de todas as nossas invenções, todas as nossas produções, é satisfazer as necessidades”.²⁹⁰

Neste ponto da obra, Ellul desenvolve um paralelo com a sociedade moderna, na qual, para satisfazer a *necessidade de potência*, a qualquer momento pode inventar uma nova necessidade que não existia. O autor nos alerta que cada vez mais se torna impossível distinguirmos o que é *necessidade natural* do que é *necessidade artificial*, já que as necessidades artificiais se tornam naturais quando atingem a nossa cobiça e desejo de potência. Passam a fazer parte dos nossos anseios mais viscerais.²⁹¹

Portanto, segundo Ellul, não devemos legitimar o uso do poderio para a satisfação das nossas necessidades. A negativa de Jesus Cristo é categórica: não só de satisfazer as necessidades – desejos, vontades, anseios etc. – viverá o ser humano. Este não deve ser o critério fundamental. Para Jesus, fazer a vontade de Deus está acima dos nossos anseios individuais.

Jesus também é levado à *tentação política*, aquela de exercer o domínio sobre tudo e todos:

²⁸⁷ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 64.

²⁸⁸ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 63-76.

²⁸⁹ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 64.

²⁹⁰ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 65.

²⁹¹ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 66.

O Diabo, do alto (sobre uma alta montanha, conforme Mateus), lhe mostra em um instante todos os reinos da terra e lhe diz: “Eu te darei toda a autoridade sobre eles e todo o seu resplendor, porque me foram dados e posso dá-los a quem eu quiser. Então, se me adorares, tudo será teu”. Jesus respondeu: “Está escrito: ‘Adore o Senhor, o seu Deus, e só a ele preste culto’” (Lc 4,5-8). Após a tentação de tipo “econômica”, eis a tentação “política”.²⁹²

Jesus não rebate a afirmação do Diabo – referente ao poder que detém. Ellul traz palavras difíceis de digerir ao propor que a “essência da política” é “diabólica”. Afirma: “o poder político, em todos os reinos, a glória política, a grandeza política, tudo isso pertence ao Diabo. É evidentemente muito grave! Isso deve nos levar a considerar de modo diferente os governos e os poderes”.²⁹³ Em outras palavras, Ellul propõe que não é preciso apenas ter o *espírito de potência* para buscar o poder político, mas necessariamente, o poder é recebido das mãos de quem o pode distribuir, o Diabo.

Vemos neste ponto a coerência do pensador de Bordeaux em sua opção pela anarquia. Ellul é um grande crítico da política na sociedade da técnica. Sua convicção é de que a política divide, coloca os povos contra os povos e nações contra nações.²⁹⁴

Há uma sutileza na proposta do Diabo. Teoricamente, Jesus poderia exercer o poder sobre todas as nações para cumprir sua missão, seu desígnio divino. E mais, poderia cumprir seu propósito de maneira instantânea. Ellul é cético em relação ao uso do poder até mesmo quando este está pretensamente colocado a serviço do bem. Por isso, condena a união entre Estado e Igreja, marcadamente negativa no percurso da história.

Após pontuar que todas as respostas de Jesus às tentações estão na Palavra de Deus, contida na Torá, o autor assinala que a terceira tentação da narrativa se dá no domínio ideológico/religioso. O Diabo, utilizando-se das Escrituras, tenta romper a relação de Jesus com seu Pai. A proposta coloca em questão o seu status divino: “Se és o Filho de deus...”.²⁹⁵

Jesus negou-se a lançar mão do seu poderio divino para provar quem ele era. Isso ocorre diversas vezes: Jesus recusará, sempre, não somente o milagre para provar ou converter, mas todo milagre que exprima sua potência, exceto quando

²⁹² ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 68.

²⁹³ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 68.

²⁹⁴ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 69.

²⁹⁵ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 72.

esta potência é colocada a serviço do amor de Deus. O milagre, como um sinal (do grego *semeion*), deve apontar para Deus. Esta é a realidade que ele quer manifestar.

Ellul, com seu tom provocador, afirma que a religião “é o lugar supremo da ruptura com o Deus de Abraão e de Jesus”.²⁹⁶ É preciso pontuar que o autor faz esta afirmação tendo em mente que não considera o judaísmo e o cristianismo como “religiões”, literais tentativas de ligação dos seres humanos com Deus. Para Ellul, o movimento se dá de maneira inversa nessas tradições. É Deus que vem ao encontro dos seres humanos.

Após refletir sobre as tentações sofridas por Jesus no deserto, Ellul aponta os ataques concretos, as tentações sofridas por Jesus Cristo ao longo de sua vida. Se faz importante lembrar que Jesus foi tentado em todas as coisas. Dentre as diversas tentações levantadas por Ellul, sublinhamos as tentações de autoafirmação, autojustificação e autoconservação.

Jesus se recusa a virar estes holofotes para si: “ele recusa absolutamente a tentação da notoriedade, do prestígio, do sucesso, da glória atribuída pela multidão”.²⁹⁷ Além de Jesus se recusar a usar sua potência para sua autoafirmação como Filho de Deus, “ele não cede à tentação de exercer essa outra forma de dominação sobre os homens, que teria necessariamente derivado dessas proclamações.”²⁹⁸

Jesus também recusa autojustificar-se por meio da potência. Por isso, não veio abolir a Torá, mas cumpri-la, dando nova amplitude à revelação do Pai. O caminho escolhido por Jesus é justamente o oposto ao da potência e dominação. Ele faz opção pela fraqueza, pela fragilidade:

“Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios, e escolheu o que para o mundo é fraqueza para envergonhar o que é forte. Ele escolheu o que para o mundo é insignificante, desprezado e o que nada é, para reduzir a nada o que é...” (1Co 1,27-28) Deus escolheu: é preciso que o Eleito de Deus, seu Messias, seja frágil e louco aos olhos do mundo.²⁹⁹

Aquele que não cedeu à tentação do *Espírito de potência* e recusou categoricamente justificar-se por meio do poder, Deus justificou. Ao escolher o

²⁹⁶ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 75.

²⁹⁷ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 81.

²⁹⁸ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 82.

²⁹⁹ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 85.

caminho que o conduziu à morte mais cruel, Jesus revelou a vaidade e improdutividade do recurso ao poder: “ele reduz então a morte a nada, e com ela todas as potências que pretendiam reger o mundo”.³⁰⁰

Esta tentação de exibição da sua potência, que anteriormente o visitara, ocorre no momento de sua prisão (Mt 26,52-54). Ao repreender o uso da força e da violência, o Messias diz: “Você acha que eu não posso pedir a meu Pai, e Ele não colocaria imediatamente à minha disposição mais de doze legiões de anjos?” (Mt 26,53). Jesus sabia que poderia evitar aquele destino trágico. Mesmo assim, escolheu obedecer à vontade de Deus, não preservando – ou conservando – sua própria vida. Voltaremos a este ponto quando formos refletir sobre a relação entre não-poder e não-violência.

Jesus foi tentado a manifestar sua potência até mesmo no momento mais dramático. No auge da dor da crucificação, foi desafiado a conservar-se para provar que era verdadeiramente o Filho de Deus. Sua resposta é sempre a mesma: seja feita a vontade de Deus.

Ao vencer a “natureza” humana, que no seu interior tem potencialmente a cobiça e o espírito de poder como condutores, Jesus se torna caminho de salvação de nossa condição errante:

Jesus se fez homem para que o homem fosse verdadeiramente homem, uma verdadeira criatura, livre, amando livremente seu Deus, seu Criador e Salvador, obediente na fé, de uma tal liberdade que sua obediência se traduz numa simples e feliz resposta à descoberta desse amor prodigioso de Deus, que tanto amou este mundo (cada um de nós) que se tornou semelhante a nós para vencer em nós essas tentações.³⁰¹

Está consumado. Pelo caminho do amor, tendo como atitude fundamental a não-potência, Jesus cumpre o plano divino. De maneira genial, Ellul traz sua interpretação das últimas palavras de Jesus Cristo na cruz:

Quando ele enfrentou essa tentação, o Filho do Homem declarou: “Tudo se cumpriu”. Hoje que conheci o pior que o homem pode conhecer, não pode haver mais nada, além disso, nenhuma outra tentação possa surgir que não tenha sido minha também, assim eu cumpro tudo. Todo sofrimento e toda tentação estão agora em Deus. [...] não pode haver nada de horrível para o homem que não tenha sido vivido por esse homem e assumido por Deus propriamente. “Por que me

³⁰⁰ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 85.

³⁰¹ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 92.

abandonaste?” “Era preciso” – não para satisfazer a Deus, mas para trazer a totalidade da miséria humana ao coração divino.³⁰²

Ellul imprime seu ponto de vista único, inquietante e desafiador. Ao declarar a vitória de Deus sobre a cobiça e o *Espírito de potência*, abriu-se o caminho para que o ser humano também o vença.

4.1.2.

A Ética do não-poder, para além da não-violência

Cada vez mais conscientes e conhecedores das modalidades de violência disponíveis em nossa sociedade, inclusive, da violência praticada contra o nosso planeta Terra,³⁰³ não poderíamos pensar uma proposta ética que não refletisse sobre este mal que nos assola desde sempre.

Jacques Ellul era radicalmente contra todo tipo de violência.³⁰⁴ Ele esteve próximo dos movimentos não-violentos de seu tempo. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da Ética do não-poder trouxe um ponto de distanciamento – ou de radicalidade em relação à não-violência.

Para Ellul, já não é o bastante advogar pela não-violência, mas se faz necessário lutar por ainda mais. Se a violência se mostra uma técnica eficaz – principalmente quando legitimada e habilitada pela lógica vigente –, seria a não-violência o contrapoder da resistência? Ellul rejeita esta fórmula.

Por convicção espiritual, não sou apenas não-violento, mas sou a favor do não-poder. Esta certamente não é uma técnica eficaz. Do ponto de vista de uma análise realista, é o poder que vence. Mas é aqui que a fé entra em jogo. Jesus Cristo, que se revelou impotente, foi, em última análise, um dos maiores impulsionadores da história. Estando Deus do lado dos impotentes, estes são os que têm razão, o que não significa que tenham sucesso.³⁰⁵

Para Ellul, aqui está um ponto fundamental da opção feita por Deus. Esta escolha de Jesus vai além da não-violência:

A não-potência não é a impotência, mas a decisão, da parte daquele que tem, que detém uma potência, de não se servir dela, de não usar sua potência de que ele

³⁰² ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 96.

³⁰³ LS 2.

³⁰⁴ Ellul dedicou uma obra exclusivamente à reflexão sobre o tema, além de diversos artigos: ELLUL, J. Contre les violent. Paris, Le Centurion, collection Révisions, 1972.

³⁰⁵ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p.75 e 76.

poderia lançar mão, de não a usar nem mesmo para defender sua vida. Não há na vida de Jesus “legítima defesa”. Ele coloca mais uma vez em prática, para ele mesmo, o que ensinou no Sermão da Montanha: “Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra”. Todos os cristãos são chamados a fazer a mesma escolha.³⁰⁶

Portanto, a Ética do não-poder não é mais uma entre as técnicas modernas – um método racionalmente construído para alcançar determinado objetivo. A não-violência configura-se como uma teoria social – muito importante, diga-se de passagem. Já a Ética do não-poder dá um passo ainda mais adiante. É uma escolha de liberdade: não dominar, não atentar contra a liberdade do outro, não exercer o uso de nenhum poder sem o reto discernimento e, mesmo que este poder seja legítimo, deve respeitar como critério absoluto o amor de Deus – Seu querer e Sua vontade – como Jesus Cristo demonstrou.

É importante lembrar que Ellul propõe que a técnica se tornou um sistema, um grande sistema todo articulado e complexo.³⁰⁷ Quando este sistema tem um de seus pontos questionados ou desafiados, o sistema reage como um todo. Isto se dá pela interligação de cada parte deste sistema que as mantém vivo e intacto, hegemônico.

Sendo assim, quando a não-violência se levanta contra uma das partes deste sistema, em sua defesa, o sistema reage como um todo, o absorvendo facilmente. Entretanto, a violência, apesar de ser um dos grandes problemas deste sistema articulado, representa uma parte dele. É o poder, ou o *espírito de poder* que está na essência do sistema como um todo. Cada uma de suas partes está à disposição do domínio por meio do poder. A *technique* é um instrumento de poder que age plenamente nas mentalidades e práticas propostas e legitimadas por este sistema.

A *technique* já é um poder na medida em que permite ao homem fazer com força o que não poderia fazer sem ela. Na verdade, a Técnica me parece uma potência no mundo e há de fato um salto a ser dado com a transição para o teológico. Teologicamente, o poder é algo que não é apenas material e concreto, mas também espiritual. [...] Biblicamente, o dinheiro e o poder político são *exousiai*. Não é exagero dizer hoje que a Técnica se tornou uma *exousia*, com o poder espiritual que isso representa.³⁰⁸

³⁰⁶ ELLUL, J. Se és o Filho de Deus, p. 87.

³⁰⁷ ELLUL, J. Le Système technicien. Paris, Calmann-Lévy, 1977.

³⁰⁸ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p. 223 e 224.

Esta visão teológica – que começamos a evidenciar neste capítulo – é uma contribuição singular encontrada na análise sociológica de Ellul e na sua proposta da Ética do não-poder.

Exousiai são um pouco como anjos, na Criação e metade no reino divino. Eles são dominados e julgados apenas por Deus. E quando Jesus é crucificado, está bem-dito nas Escrituras que foram os *exousiai* – os poderes do mundo – que o crucificaram. Jesus escolheu justamente não competir em poder com esses *exousiai*. E é por isso que ele respeita totalmente seu Pai. O modelo que ele nos dá é justamente o de recusar esse poder, e consequentemente isso implica que ele será entregue a esses *exousiai* e irá até o fim neste sacrifício de espoliação. Ele escolheu, poderia não ter feito, ele mesmo diz quando vão prendê-lo e Pedro quer defendê-lo com a espada, diz-lhe: Põe a tua espada, se eu quisesse teria doze legiões de anjos que viria me defender, se eu quisesse, mas não quero. Devo ser preso, devo ser julgado, devo ser condenado à morte; bem, eu aceito. É a vontade de Deus.³⁰⁹

E foi assim que Jesus Cristo nos mostrou o caminho do não-poder: nem mesmo a defesa de sua própria vida se deu pelo uso do poder ilimitado que estava à sua disposição. As próprias imagens que temos de Deus precisam passar pelas lentes daquele que o revelou de maneira ainda mais clara. À luz de Jesus Cristo, o Deus Todo Poderoso não é um Deus violento ou da guerra. O amor é indissociável de qualquer outro atributo divino. Por amor, Deus se fez limitado, vulnerável.

A violência é a manifestação prática da vontade de dominação do ser humano, dominado pelo *espírito de potência*. Jesus Cristo estava na contramão deste desejo. Ele se manifestou como aquele que preferiu esvaziar-se – *ékénosen*, nos termos bíblicos³¹⁰ – da condição de tudo poder realizar. Esse movimento *kenótico* confirma o poderio de Deus: “O poder de Deus (...) é verdadeiro poder porque se torna ‘não-poder’.”³¹¹

Ainda que façamos manobras para legitimar o uso de violência pelas instâncias superiores, nada pode mudar o fato desta atitude não ter apoio na pessoa divina. Se o Estado pratica a violência, dizemos que é uso da “força” para organizar, manter a ordem etc. Se um pai usa de violência contra seu filho, uma criança indefesa, dizemos que é parte de sua educação, que o fez para um bem maior –

³⁰⁹ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p. 224.

³¹⁰ FL 2, 6-8: “Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas **esvaziou-se** a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” (grifo nosso)

³¹¹ ELLUL, J. L'Apocalypse, p.297.

como se não houvesse outros meios a não ser o uso da violência. Fomos acostumados ao ambiente belicoso que se tornou nossa sociedade.

Somos testemunhas de diversas guerras em nosso tempo – inclusive com pano de fundo religioso. Ellul encara a guerra como a manifestação da vontade e responsabilidade humana, sob a qual Deus não condiciona ou manipula.³¹² O Deus de Jesus Cristo não viola a liberdade humana.

Não será por meio da violência que ocorrerá a transformação que precisamos. Tão somente combater a violência não nos assegurará uma realidade justa. É preciso atacar a raiz da questão. Por isso, em nossa visão, a proposta elluliana dá um mergulho mais fundo rumo à construção de uma nova sociedade. Como bem destaca o pensador de Bordeaux: “Não podemos criar uma sociedade justa com meios injustos. Não podemos criar uma sociedade livre com meios escravistas. É para mim o centro do meu pensamento”.³¹³

Segundo Ellul, para nos livrarmos da fatalidade que nos aguarda, “temos que introduzir uma liberdade, que só pode ser expressa pela decisão de não-dominância, não-violência, não-alienação do outro, não-exploração (quer se trate da exploração do ambiente natural ou de outros homens).³¹⁴

Agora sim, vejamos como a Ética do não-poder se converte em contribuição para a problemática ecológica.

4.2.

A Ética do não-poder como contribuição Ecoteológica

Como a Ética do não-poder contribuirá para a Ecoteologia? Para responder esta pergunta, vamos propor três pontos de reflexão nesta seção: o primeiro ponto dá conta de sublinhar algumas nuances do pensamento ecológico de Ellul. Principalmente sua resposta às acusações contra o Cristianismo como causador da crise ecológica, além de sua crítica à noção de “natureza”. Em segundo, colocaremos a Ética do não-poder em contraste com a lógica técnica. Nesta parte, veremos como a noção de limite, contida na Ética do não-poder, nos pode servir como subsídio para uma proposta ética diante da crise ecológica. Mas antes,

³¹² ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p.208.

³¹³ ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. À contre-courant, p.75 e 76.

³¹⁴ ELLUL, J. La responsabilité du christianisme dans la nature et la liberté, p. 56 e 57.

delimitaremos o que estamos chamando “contribuição Ecoteológica”, dado que este novo campo de reflexão teológica pode ser considerado um grande mosaico.

O tema da Ecologia vem sendo muito trabalhado nas mais diversas disciplinas. Se pensarmos em seu significado, podemos chegar a definições diferentes e/ou complementares, que passam sempre pelo eixo da reflexão ou estudo sobre as relações dos seres vivos entre si e com o meio ambiente. Nossa tese quer servir de contribuição para o que o norueguês Arne Næss (1912-2009) cunhou *Deep Ecology* (Ecologia Profunda).³¹⁵

A proposta da tese é ir além do que Næss chamou de *The Shallow Ecology movement* (o movimento ecológico raso), ao denunciar a existência de um movimento ecológico raso, que em seu tempo já era poderoso e que estava preocupado apenas parcialmente com o esgotamento dos recursos e com a poluição – preocupações legítimas, mas que não são o aspecto profundo da questão ecológica.

O filósofo norueguês denuncia os movimentos ecológicos rasos como antropocêntricos, utilitaristas e de estarem a favor apenas dos mais poderosos. Estes movimentos têm por definição e meta: “*Fight against pollution and resource depletion. Central objective: the health and affluence of people in the developed countries.*”³¹⁶

A *Deep Ecology* defende oito conceitos que ampliam a compreensão da questão. Não os enumeraremos devido ao limite de nossa abordagem. Explanando apenas seu primeiro ponto – e fundamental – já podemos ter uma percepção clara da diferença de abordagem entre uma *deep* e uma *shallow ecology*:

*Rejection of the man-in-environment image in favour of the relational, total-field image. Organisms as knots in the biospherical net or field of intrinsic relations. An intrinsic relation between two things A and B is such that the relation belongs to the definitions or basic constitutions of A and B, so that without the relation, A and B are no longer the same things. The total-field model dissolves not only the man-in-environment concept, but every compact thing-in-milieu except when talking at a superficial or preliminary level concept of communication.*³¹⁷

³¹⁵ NAESS, A. The Shallow and the Deep, Long-Range Ecology Movements. A Summary. Inquiry, [S. l], v. 16, p. 95-100, 1973. Neste artigo, entre os poucos textos citados – mais precisamente, nove textos – para dar base à tese de Arne Naes está um clássico de Jacques Ellul: The Technological Society. [Trans. John Wilkinson]. New York: Alfred A. Knopf, 1964.

³¹⁶ Tradução nossa: “Lutar contra a poluição e o esgotamento dos recursos. Objetivo central: a saúde e a riqueza das pessoas nos países desenvolvidos.” NAESS, A. The Shallow and the Deep, Long-Range Ecology Movements, p. 95.

³¹⁷ Tradução nossa: “Rejeição da imagem do homem no ambiente em favor da imagem relacional de campo total. Organismos como nós da rede biosférica ou campo de relações intrínsecas. Uma

Além de Arne Næss, podemos apontar outros autores que formularam propostas de “ecologias profundas”, tais como francês Félix Guattari (1930 – 1992) e suas três ecologias³¹⁸ e o papa Francisco, com a sua Ecologia Integral,³¹⁹ a qual escolhemos para o diálogo com o pensador de Bordeaux. Também acompanhamos os novos contributos do teólogo chileno Román Guridi para a Ecoteologia, enfatizando o movimento *kenótico* de Jesus como decisivo para nossa *práxis* e firmando as ecologias pessoal, social e ambiental.³²⁰

Por ecoteologia, pensamos esta articulação teológica com sensibilidade e preocupação ecológicas. É a esta *ecosofia* de interligação total e de salvaguarda da vida em sua mais ampla dimensão que nossa tese quer somar a contribuição teológica de Jacques Ellul. Sua visão aguçada da realidade social o permitiu ver além do que era apenas aparente, formulando uma proposta pertinente para os nossos dias.

4.2.1

Algumas nuances do pensamento ecológico de Ellul

Já na segunda metade dos anos 1960, Lynn White Jr., historiador da técnica medieval, causou grande impacto com seu texto *The Historical Roots of Our Ecological Crisis*.³²¹ No seu artigo, Lynn White Jr aponta o cristianismo como um dos historicamente culpados por dar início à nossa atual crise ecológica. Este importante texto provocou reações, tanto no meio acadêmico, quanto no meio religioso.

Jacques Ellul foi um dos pensadores cristãos que refletiu sobre o contundente artigo de White. Ellul não rejeitou simplesmente tais críticas, apesar de achá-las simplistas e exageradas. Para o pensador de Bordeaux, o que o cristianismo

relação intrínseca entre duas coisas A e B é tal que a relação pertence às definições ou constituições básicas de A e B, de modo que sem a relação, A e B não são mais as mesmas coisas. O modelo de campo total dissolve não apenas o conceito de homem no ambiente, mas toda coisa compacta no meio, exceto quando se fala em um conceito de comunicação de nível superficial ou preliminar.”
NAESS, A. *The Shallow and the Deep, Long-Range Ecology Movements*, p. 95.

³¹⁸ GUATTARRI, F. *As três ecologias*. [Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt]. Campinas-SP: Papirus, 1990.

³¹⁹ FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Laudato Si'*: Sobre o cuidado da Casa Comum. Vaticano, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 10, dez. 2023.

³²⁰ GURIDI, R. *Ecoteología: hacia um nuevo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2006.

³²¹ WHITE, L. *The Historical Roots of Our Ecological Crisis*. *Science*, 155: 1967, p. 1203-1207.

institucionalizado se tornou estava tão distante do Evangelho proposto por Jesus Cristo e dos ensinamentos contidos nas Sagradas Escrituras, que não se pode culpar a fonte de ensinamento, mas sua má interpretação e aplicação:

Podemos traçar um rápido esquema: a pregação de Jesus (que seguia a mensagem dos profetas) proclamava a libertação do homem de tudo: dos poderes, da lei, da moral sociológica, da religião. E como resultado o Cristianismo (refiro-me ao autêntico, o das primeiras gerações cristãs) libertou, por exemplo, o homem das religiões (entendendo-se que originalmente ele não era e não deveria ser ele próprio uma religião). Ele destruiu a sacralidade tradicional ligada às coisas e à natureza. Em seguida, ele proclamou o domínio completo e livre do homem sobre o seu ambiente, sobre o mundo, no qual ele apareceu como um mestre absoluto. Deus libertou o homem. E tanto mais que este Deus, incognoscível, insondável, era absolutamente transcendente. Finalmente, o cristianismo individualizou-se ao extremo, ou seja, colocou o valor do indivíduo antes de qualquer grupo social. O que importava nessa pregação era o “Você”, afastado da multidão, da missa... Agora, era uma situação insuportável. Ou seja, para cada ponto indicado, havia na mensagem cristã um contraponto: o homem estava livre de tudo, sim, mas isso só era concebível se ele se convertesse a Deus, e se vivesse no amor de Deus e do próximo. O homem tornou-se indivíduo, sim, mas isto só seria habitável se formasse com os outros uma nova comunidade, de tipo diferente, fundada de forma diferente e que tivesse o papel de todas as outras: a Igreja. O homem recebeu domínio ilimitado sobre o mundo que não era mais sagrado; sim, mas com a condição de considerar este mundo precisamente como criação de Deus.³²²

Na observação de Patrick Troude-Chasteney, Ellul refuta White ao reverter sua tese: “não foi respeitando a palavra bíblica, mas, pelo contrário, é porque já não acredita no Criador (Deus) que se comporta de forma irresponsável para com a criação (natureza).”³²³

A compreensão de Ellul sobre a influência do cristianismo a favor do que veio a se tornar uma crise ecológica passa pela chamada virada antropocêntrica, pelo individualismo moderno e pela relação com aquilo que convencionou-se chamar “natureza”.

Este último ponto foi tema de interesse do pensador de Bordeaux, que contribuiu com algumas reflexões em torno da questão. O que comumente chamamos “natureza”, por muitas vezes já é vista como um lugar – destaque para a ideia de “lugar”. Uma visão rasa do que seja um lugar, reduz a importância do aspecto relacional e do valor intrínseco da natureza enquanto criação.

³²² ELLUL, J. La responsabilité du christianisme dans la nature et la liberté, p.51.

³²³ TROUDE-CHASTENET, P. Les racines libertaires de l’écologie politique, p.71.

Além disso, este “lugar” que chamamos “natureza”, já é um ambiente que sofreu influência da presença do ser humano. Sua formação natural – ou original – já não existe mais. As paisagens que chamamos “naturais”, por exemplo, precisaram de aberturas de caminhos para que as pudéssemos acessar, transformações para que pudéssemos ali estar sem nos colocarmos em perigo. Em suma, para Ellul, “é o comportamento do homem perante a criação que destrói a sua própria segurança. É exatamente aqui que estamos.”³²⁴

A “natureza” tornou-se o lugar de domínio do ser humano para o suprimento das suas necessidades e caprichos. Ellul opõe a natureza à Criação, a nível teológico:

É porque a criação resulta do dom de Deus que ela revela no domínio da gratuidade e da liberdade. Com a Queda, ocorre uma ruptura entre o Criador e a criação. A criação então “transforma-se” em natureza, o domínio do interesse e da necessidade. Na natureza não há espaço para a gratuidade: ‘Nada se perde, nada se cria, tudo se transforma’.³²⁵

Na natureza vê-se a lei do mais forte, é o lugar onde o mais poderoso sobrevive. Por não conseguir nutrir uma relação harmoniosa com esta natureza fez do Homem moderno um demiurgo dominador. Reverberou-se o discurso de superioridade do ser humano, absurdamente assumindo o papel de senhor da natureza.

A proposta de Ellul para revertermos este quadro está na Teologia da Criação contida no livro de Gênesis – mais uma vez, Ellul recorre às Escrituras, para nos convocar a amar e cuidar da natureza (Criação):

Esta natureza foi criação de Deus que a confiou ao homem não para usá-la de qualquer maneira, mas para administrá-la em nome de Deus. O que isso significa? Na perspectiva do Antigo Testamento, isto significa duas coisas: em primeiro lugar, que o próprio Deus não quer governar diretamente esta criação, como um objeto que funciona segundo um mecanismo imutável. Deus coloca o homem nesta natureza precisamente para que tudo não esteja mecanicamente sujeito à onipotência, mas para introduzir nele uma liberdade, uma vontade diferente da sua. Então, Deus coloca um intermediário entre ele e sua criação para “dar jogo”. Então, isso significa que, obviamente, este homem (reflexo, imagem de Deus) é chamado a se comportar como Deus em relação à criação, sem a onipotência. E este Deus é descrito como Amor. Se Deus cria, é por amor; se dá independência à criação, é por amor. E o homem deve então tratar a Natureza desta forma: geri-la não para o seu lucro cego e egoísta, mas por amor. Este era o significado dos mitos de Gênesis.³²⁶

³²⁴ ELLUL, J. *Théologie et technique*, p. 214.

³²⁵ TROUDE-CHASTENTE, P. *Les racines libertaires de l'écologie politique*, p.59.

³²⁶ ELLUL, J. *La responsabilité du christianisme dans la nature et la liberté*, p.54.

No pensamento de Ellul há uma chamada à responsabilidade do ser humano diante da missão que Deus lhe confiou. Ellul não desabilita a ação humana, mas a reabilita pela via da responsabilidade diante de Deus, de gerir a sua relação com a Criação como a proposta original se deu, não somente para si e para os seus desejos pessoais, mas para o todo da Criação:

Estamos, portanto, muito longe das interpretações do domínio absoluto do homem. E este gestor obviamente deve ser responsabilizado. Esta ideia surge repetidamente nos ensinamentos de Jesus. Ele é responsável: ele tem que responder a alguém. E mesmo que não aceitemos a fé bíblica, este duplo aspecto deve ser mantido: o homem administrando o mundo para outro. O homem responsável por esta mordomia perante outra pessoa seria, por exemplo, o resto da humanidade, ou seus descendentes. E podemos estar em um momento em que esta responsabilidade emergirá, claramente, e onde corremos o risco de sermos julgados pelas consequências dos nossos atos.

4.2.2.

A Ética do não-poder em contraposição à lógica técnica

Chegamos ao ponto de colisão inevitável entre a Ética do não-poder e a lógica técnica. A proposta elluliana está colocada, como dissemos anteriormente, como um caminho de liberdade. Mas, sobre qual liberdade estamos falando? Aquela liberdade moderna que promete nos dar poderes para fazermos tudo o que quisermos fazer? Obviamente, não. A esta altura podemos facilmente observar que a lógica técnica tem uma estreita relação com os nossos maiores desejos de domínio, de poder.

Enquanto a lógica técnica quer proclamar que “tudo que pudermos fazer, tecnicamente faremos”. A Ética do não-poder está diametralmente em oposição à esta lógica que é a essência da *technique*. Enquanto uma proclama a divinização do ser humano, que não quer respeitar os limites de sua existência – física, mental, psicológica, afetiva –, a outra quer devolvê-lo ao seu papel original, para sua vocação de *ser-com* e não *ser-contra*.

Jacques Ellul vai apontar que o ser humano é limitado em ao menos três pontos de vista: o da finitude (*la finitude*), dos limiares (*les seuils*) e dos limites (*les limites*).³²⁷ Seus argumentos sobre cada um desses pontos contém a sabedoria bíblica como fonte:

³²⁷ ELLUL, J. La responsabilité du christianisme dans la nature et la liberté, p.55.

A finitude é simplesmente o fato de que o homem e o mundo em que ele se encontra são “finitos”. Existe a finitude do tempo, o homem nasce e morre. A finitude do crescimento. A finitude dos recursos. A finitude do espaço. É assim que as coisas são e não podemos mudar nada. A Bíblia nos dá esse ensinamento o tempo todo e torna uma espécie de dever do homem aceitar a vida como sujeita a essa finitude. Cada vez que o homem afirmou negar esta finitude, isso se transformou numa catástrofe: é um limite estrito à sua liberdade. Faz parte desta necessidade da Natureza.³²⁸

É preciso ter consciência da importância desta finitude para a manutenção do equilíbrio da vida. Quando a lógica técnica propõe o rompimento com a finitude, está justamente atentando contra a vida – como um todo. Mas também, segundo Ellul, existem os “limiares”, que são para o pensador:

o ponto onde há uma reversão de uma tendência: onde, por exemplo, uma adição complementar de alguma coisa produz o efeito oposto ao que era esperado (por exemplo, excesso de medicação que produz novas doenças. Podemos pegar uma centena de exemplos atuais). Estamos na presença de um efeito “automático”, que ocorre sempre. Então, também aí é um limite para a nossa liberdade, e a Bíblia dá-nos muitos exemplos disso, alertando-nos que aqui devemos estar atentos e avaliar cuidadosamente a nossa ação para não ultrapassar o “limiar”.³²⁹

Os limiares dão conta deste mesmo equilíbrio, onde nem o desperdício ou a escassez têm vez. Existe uma necessária relação de conhecimento para que se tenha a plena noção dos limiares. Um ditado popular diz que “água demais mata a planta”. A planta precisa de uma quantidade de água para a manutenção de sua vida, para que seja conservada e desenvolvida, para que sua plenitude seja manifestada. É preciso reconhecer a necessidade básica da planta, assim como o seu limiar.

Em terceiro, está o que o autor vai entender como *les limites*:

O limite é a expressão suprema da liberdade do homem que escolhe não fazer o que poderia fazer. Afinal, é quando o homem estabelece o limite “Não matarás” que ele se torna verdadeiramente um homem. Há de fato uma ação possível, e aqui, pelas razões que ele escolhe e se dá, o homem decide livremente não a levar até o fim. É neste momento que ele é livre e não quando aumenta indefinidamente a sua ação, o seu poder, sua potência. Ou seja, quando se estabelece uma lei, uma moral, uma regra de conduta e se estabelece um determinado caminho, e não um caminho qualquer. É neste momento que surge a sua responsabilidade na gestão, porque com esta natureza que lhe foi confiada ele pode fazer muitas coisas, mas deve limitar-se para não arriscar tudo.³³⁰

³²⁸ ELLUL, J. La responsabilité du christianisme dans la nature et la liberté, p.55.

³²⁹ ELLUL, J. La responsabilité du christianisme dans la nature et la liberté, p.55.

³³⁰ ELLUL, J. La responsabilité du christianisme dans la nature et la liberté, p.55 e 56.

Aceitar a finitude, os limiares e limites estão na essência da proposta Ecoteológica contida na *Éthique de la non-puissance*. Estes três pontos também surgem da reflexão bíblica realizada por Jacques Ellul, observa Patrick Troude-Chastenet:

Ellul distingue entre limites que visam reduzir o potencial dos meios do Homem para salvá-lo de si mesmo, ou para salvar o meio ambiente, e aqueles que pretendem reduzir os seus meios para revelar o poder de Deus. A fronteira entre os dois é frequentemente porosa. [...] O sábado é a principal limitação. Estabelece uma suspensão do trabalho e da técnica.³³¹

Troude-Chastenet lembra que o sábado também era reservado ao descanso da terra e dos animais. Assim como as regras de convivência estabelecida por Deus – “Não matarás.” – visavam a preservação das relações humanas, também estavam postas no sentido de preservar a Criação.

Limitar o uso do poder para que as relações fundamentais sejam preservadas; limitar a produção de certo produto ou equipamento quando não necessários – ao invés de forjar a necessidade através da propaganda.

Este discurso é inaudível para quem foi formado na nossa sociedade voltada para a máxima eficácia. Obviamente, o sistema vai reagir violentamente contra tudo e todos que se levantarem contra a sua lógica de máxima eficácia. É triste perceber que os alertas quase sempre são abafados. Parece que só os tempos difíceis e catástrofes são capazes de despertar a sociedade – ainda que seja por um breve momento.

Quando nos tempos recentes de pandemia de COVID-19, o sociólogo francês Bruno Latour (1947-2022) propôs que imaginássemos “gestos-barreiras” (*gestes barrières*) para não retomarmos à insana produção pré-pandemia, a fabricação em grande escala de produtos que não eram essenciais e que causavam danos ecológicos diversos,³³² era para não perdermos a oportunidade de refletir sobre os limites, sobre o que, de fato, era essencial para nossas vidas. Infelizmente, a força da lógica dominante prevaleceu. O mundo pouco mudou após a pandemia.

³³¹ TROUDE-CHASTENTE, P. *Écologie Et Théologie*, np.

³³² LATOUR, B. Imaginar os gestos-barreiras contra o retorno da produção anterior à crise, np.

A Ética do não-poder é uma perfeita oposição ao todo do sistema técnico, pois ela interpela sua lógica. Isso porque, segundo Ellul, ela é – paradoxalmente – uma ética da liberdade, do conflito e da transgressão.³³³

Esta proposta está colocada de maneira ampla, tanto em âmbito individual quanto institucional. Ela pode desdobrar-se na recusa da competição em favor da colaboração, de uma pedagogia não-competitiva.³³⁴ Como conciliar esta ideia com a questão do conflito que emerge desta proposta ética? Coloquemos da seguinte maneira: se libertar o ser humano do sistema que o aprisiona é o objetivo, o conflito com o sistema é inevitável.

Por outras palavras, devemos decidir (e a decisão acarreta graves consequências) que não é a técnica que nos liberta, mas sim da técnica que devemos libertar-nos. A nossa experiência neste contexto é semelhante à dos jovens de todas as gerações, que anseiam pela liberdade, mas não sabem bem quem são os seus adversários. Lutar contra um inimigo bem definido, como Hitler, é comparativamente fácil. Agora estamos ameaçados por poderes obscuros e difusos e lutamos no escuro contra forças desconhecidas que não conseguimos analisar. A adoção de uma perspectiva analítica sobre o sistema tecnológico deverá ajudar a dissipar essa escuridão. Uma vez que os princípios do não-poder e da liberdade criam necessariamente conflito e tensão, a ética que proponho incluiria também o princípio de conflito.³³⁵

Já que a *technique*, falsamente, vende a ideia de que o ser humano ao ficar mais poderoso, ao expandir seus limites e ultrapassando os limiares, alcançará sua liberdade, por que o ser humano continua perdido, em busca de sentido? Os meios viraram a finalidade, não nos levam mais a lugar algum.

Esta nova ética seria também uma ética da liberdade. Meios poderosos não garantem necessariamente a liberdade; pelo contrário, a técnica passou a representar ao mesmo tempo necessidade e destino para o homem moderno e, assim, o esforço para recuperar a nossa identidade ética equivale a retomar a luta pela liberdade. Não que eu acredite que o homem seja livre; Insisto, pelo contrário, que o homem é determinado, e sempre foi, mas que o homem afirma ser livre, deseja ser livre, afirma a sua liberdade e luta por ela. Este processo teve três etapas. Inicialmente o homem foi fortemente determinado pelas forças da natureza, diante de cujas amarras ele lutou com sucesso para se libertar, conquistando, com o auxílio da técnica, um elevado grau de independência. Mas quando o homem começou a conquistar a natureza, viu-se fortemente determinado pela sociedade e a sua resposta à determinação social foi a revolução. Agora é a técnica que determina o homem.³³⁶

³³³ ELLUL, J. The Power of Technique and The Ethics of Non Power, p.245.

³³⁴ ELLUL, J. The Power of Technique and The Ethics of Non Power, p.245.

³³⁵ ELLUL, J. The Power of Technique and The Ethics of Non Power, p.246.

³³⁶ ELLUL, J. The Power of Technique and The Ethics of Non Power, p.246.

Como a técnica se tornou o fator de determinação do ser humano, ditando as regras a serem seguidas, a Ética do não-poder, além do princípio do conflito (entrar em choque com o sistema), por consequência, deverá ser uma ética da transgressão.

Finalmente, esta ética deveria ser de transgressão e profanação. [...] Tal desafio só pode ser colocado transgredindo as restrições impostas pela técnica, ou seja, o que é real. Isto só pode ser alcançado através da desmitologização e dessacralização da técnica, apesar da fé cega que todos depositamos nela. Acima de tudo, creio, devemos destruir a ilusão do progresso, a ilusão de que a *technique* nos leva de uma conquista a outra. [...] Tendemos a pensar que a técnica nos liberta do mundano, das necessidades materiais, de modo que nos tornamos espíritos puros e flutuantes. Mas, infelizmente, a técnica, embora nos liberte de uma coisa, priva-nos de outra coisa ao mesmo tempo, e essa outra coisa é geralmente de ordem espiritual.³³⁷

Em suma, o ser humano se colocou em um círculo destrutivo oriundo da manifestação da sua interioridade caída. Quanto mais podemos, mais perdemos. Por “espiritual”, penso que Ellul não quer apontar para uma realidade que está fora do mundo. Ele quer nos dizer que estas perdas são contabilizadas na interioridade e para além da concretude. Vale observar que, ao mesmo tempo, a manifestação concreta deste aprisionamento interior é o que constrói a realidade como a conhecemos.³³⁸

Não será uma simples rebeldia contra a moral estabelecida, ou contra qualquer um dos tentáculos do sistema técnico que fará emergir a liberdade apresentada por Jacques Ellul. Será necessária uma mudança decisiva em todos e em cada um. Uma conversão interior à *não-poderosidade*, seguindo o testemunho de Jesus Cristo.

Há uma urgência ainda maior hoje, pois a Criação está sofrendo ainda mais as consequências do nosso pecado contra ela.

Pois a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida à vaidade não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo.³³⁹

³³⁷ ELLUL, J. The Power of Technique and The Ethics of Non Power, p.247.

³³⁸ Este processo sociológico de construção da realidade foi bem descrito por Peter L. Berger e Thomas Luckmann. BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

³³⁹ Rm 8, 19-23.

Sigamos para a última parte de nossa proposta: O possível diálogo entre a Ética do não-poder com a *Laudato Si'* e com a *Laudate Deum*. Agora, não somente nos pontos de convergência da crítica à tecnocracia, denunciados por ambos os autores, como já fizemos no capítulo anterior. Dar-se-á foco especial nas propostas de solução frente à tecnocracia.

4.3.

A Ética do não-poder em diálogo com a *Laudato Si'* e com a *Laudate Deum*

Esta última parte do capítulo pode ser considerada a culminância de nossa tese. Nosso contato com a *Laudato Si'* foi anterior às leituras das obras de Jacques Ellul. A cada leitura das obras de Ellul, encontravam-se similitudes com a encíclica do papa Francisco. O que, a princípio, era apenas uma intuição, foi ganhando força. A sensação se confirmou ainda mais com a publicação do texto da *Laudate Deum*, em 2023.

Em Ellul estão antecipados os problemas da técnica moderna. Ao lermos os dois textos de Francisco, podemos afirmar que tais projeções do pensador francês foram certas. O mundo que Ellul descrevia e projetava, apresentaria problemas que se encontram com o mundo que Francisco descreve hoje. Os eixos temáticos da LS, por exemplo, dão conta desta comparação:

A relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, **a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia**, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida.³⁴⁰ (grifo nosso)

Como o foco do nosso trabalho está na questão que envolve a técnica e sua estreita relação com a crise ecológica, nossa aproximação dos dois escritos de Francisco se dará com o objetivo de fazer brotar uma proposta atual deste encontro com a Ética do não-poder. As perguntas que queremos responder aqui são: há uma proposta de *non-puissance* na LS e na LD? Existe um diálogo possível entre a proposta de Ellul e as propostas contidas na LS e na LD?

³⁴⁰ LS 16.

Já anteciparemos que nenhum dos dois escritos do papa contém a ideia de que Jesus Cristo fez a opção pelo não-poder, assim como aponta o pensador de Bordeaux. Seria este um ponto decisivo para rechaçarmos o nosso empreendimento? Provavelmente, não. O que scrutaremos está mais para o objetivo, o plano prático contido nos dois escritos. Neste aspecto, vimos anteriormente que a Ética do não-poder está colocada em oposição à lógica “deste mundo”, ao mau uso do poder. Além disso objetiva a liberdade, na qual o limite voluntário se apresenta como atitude-chave. Essa atitude é decisiva para transgredir a lógica vigente, causando o conflito necessário para vencê-la sem usar as suas armas; sem aderir às regras do seu jogo.

4.3.1

A Ética do não-poder e a *Laudato Si'*

A carta encíclica *Laudato Si'*, de 2015, critica o que ela chama de “novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia”.³⁴¹ Diversas questões relacionadas à técnica podem ser encontradas no pensamento de Jacques Ellul: sua crítica carrega a ideia de ambivalência: “Na realidade a tecnologia, que, ligada à finança, pretende ser a única solução dos problemas, é incapaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros”³⁴²; por consequência, também identifica a não neutralidade da técnica³⁴³; denuncia o círculo de destruição gerado pelo consumismo alimentado pelo desenvolvimento tecnológico, causando a artificialização da vida natural³⁴⁴; identifica os prejuízos causados pelo paradigma “tecno-econômico” à liberdade, à justiça e ao enfraquecimento da política, submetendo tudo à sua lógica.³⁴⁵

A LS bem relaciona a questão tecnocrática com o problema do poder. Por quarenta e uma (41) vezes a palavra “poder” aparece na encíclica – sem contar as suas variáveis. Sua maior preocupação em relação à técnica é justamente o aumento

³⁴¹ LS 16.

³⁴² LS 20.

³⁴³ LS 114.

³⁴⁴ LS 34.

³⁴⁵ LS 53 e 54.

do poder nas mãos de um ser humano sem limites, sem lucidez e domínio de si. O papa reconhece a necessidade de uma ética sólida para nortear o ser humano:

Tende-se a crer que “toda a aquisição de poder seja simplesmente progresso, aumento de segurança, de utilidade, de bem-estar, de força vital, de plenitude de valores”, como se a realidade, o bem e a verdade desabrochassem espontaneamente do próprio poder da tecnologia e da economia. A verdade é que “o homem moderno não foi educado para o reto uso do poder”, porque o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência. Cada época tende a desenvolver uma reduzida autoconsciência dos próprios limites. Por isso, é possível que hoje a humanidade não se dê conta da seriedade dos desafios que se lhe apresentam, e “cresce continuamente a possibilidade de o homem fazer mau uso do seu poder” quando “não existem normas de liberdade, mas apenas pretensas necessidades de utilidade e segurança”. O ser humano não é plenamente autônomo. A sua liberdade adoece, quando se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas, do egoísmo, da violência brutal. Neste sentido, ele está nu e exposto frente ao seu próprio poder que continua a crescer, sem ter os instrumentos para o controlar. Talvez disponha de mecanismos superficiais, mas podemos afirmar que carece de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o contemham dentro de um lúcido domínio de si.³⁴⁶

O papa identifica a necessidade de uma ética que consiga limitar o poder técnico, capaz de recobrar a lucidez diante do *bluff* tecnológico. Identifica-se aqui um espaço de convergência entre a proposta elluliana e a proposta de Francisco.

A crise ecológica está estritamente associada à questão da técnica. Essencialmente, é um problema antropológico, sem dúvidas. Mas, nomeadamente, é o paradigma tecnocrático com sua lógica destrutiva que está dando suporte à esta barbárie:

Mas o problema fundamental é outro e ainda mais profundo: o modo como realmente a humanidade assumiu a tecnologia e o seu desenvolvimento juntamente com um paradigma homogêneo e unidimensional. Neste paradigma, sobressai uma concepção do sujeito que progressivamente, no processo lógico-racional, compreende e assim se apropria do objeto que se encontra fora. Tal sujeito desenvolve-se ao estabelecer o método científico com a sua experimentação, que já é explicitamente uma técnica de posse, domínio e transformação. É como se o sujeito tivesse à sua frente a realidade informe totalmente disponível para a manipulação. Sempre se verificou a intervenção do ser humano sobre a natureza, mas durante muito tempo teve a característica de acompanhar, secundar as possibilidades oferecidas pelas próprias coisas; tratava-se de receber o que a realidade natural por si permitia, como que estendendo a mão. Mas, agora, o que interessa é extrair o máximo possível das coisas por imposição da mão humana, que tende a ignorar ou esquecer a realidade própria do que tem à sua frente. Por isso, o ser humano e as coisas deixaram de se dar amigavelmente a mão, tornando-se contendentes. Daqui passa-se facilmente à ideia de um crescimento infinito ou ilimitado, que tanto

³⁴⁶ LS 105.

entusiasmou os economistas, os teóricos da finança e da tecnologia. Isto supõe a mentira da disponibilidade infinita dos bens do planeta, que leva a “espremê-lo” até ao limite e para além deste. Trata-se do falso pressuposto de que “existe uma quantidade ilimitada de energia e de recursos a serem utilizados, que a sua regeneração é possível de imediato e que os efeitos negativos das manipulações da ordem natural podem ser facilmente absorvidos”.³⁴⁷

A tecnocracia tornou-se uma cultura que não abre espaços para culturas alternativas, já que é profundamente excludente.³⁴⁸ Na LS, diversas características que Ellul demonstrou ser o diferencial da técnica moderna em relação aos outros tempos, estão postas na posição de Francisco frente à técnica. Observa-se, ao mesmo tempo, que estão presentes na via de solução apresentada pelo papa, ideias similares às de Ellul. Dentre elas, a necessidade de redução da marcha tecnocrática:

Torna-se indispensável criar um sistema normativo que inclua limites invioláveis e assegure a proteção dos ecossistemas, antes que as novas formas de poder derivadas do paradigma tecno-econômico acabem por arrasá-los não só com a política, mas também com a liberdade e a justiça.³⁴⁹

Note que a proposta acima se assemelha muito com a ideia de *limiares* explanada anteriormente neste capítulo (4.2.2.). Francisco propõe limites à ação humana e ao poder derivado da técnica, a manutenção de limiares que precisam ser respeitados para que se mantenha a harmonia da vida como um todo. Pode-se observar também um chamado à *transgressão*, uma revolução que faz frente ao império tecnocrático sem usar as mesmas armas que o seu opressor. Não é pela violência, pela força ou pelo poder, mas pelo desenvolvimento da *sobriedade*, que o ser humano vai romper com a lógica técnica. Assim propõe Francisco:

É importante adoptar um antigo ensinamento, presente em distintas tradições religiosas e na Bíblia. Trata-se da convicção de que “quanto menos, tanto mais”. Com efeito, a acumulação constante de possibilidades para consumir distrai o coração e impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento. Pelo contrário, tornar-se serenamente presente diante de cada realidade, por menor que seja, abre-nos muitas mais possibilidades de compreensão e realização pessoal. **A espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco.** É um regresso à simplicidade que nos permite parar para saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres. A

³⁴⁷ LS 106.

³⁴⁸ LS 108.

³⁴⁹ LS 53.

sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário.³⁵⁰ (grifo nosso)

Esta *sobriedade feliz*³⁵¹ proposta por Francisco carrega os elementos necessários para a reconhecermos como uma atitude de *não-poder*: evitar o domínio, se guiar por uma nova consciência diante do outro e desprezar o poder que não serve ao bem comum. O teólogo Paulo Suess sintetiza a proposta de Francisco da seguinte maneira:

A sobriedade é libertadora (223), porque restabelece a dignidade da “nossa relação com o mundo” (126); diminui as próprias necessidades (193) e nos liberta dos excessos de coisas e palavras, de contingências e supostas verdades (223). [...]A “sobriedade feliz” emerge do contexto da “conversão ecológica”. Os passos educativos dessa conversão apontam para a passagem “da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade da partilha numa ascese que significa aprender a dar, e não simplesmente renunciar” (LS 9). O desapego é central para a construção de uma vida inteira, livre, integral. O desapego como ascese, como exercício de se livrar do desnecessário para que todos possam usufruir o necessário, ultrapassa a esfera do privado e do individual. O desapego como exercício ascético tem uma função social que desestabiliza o sistema.³⁵²

A sobriedade aparece como via de liberdade para o ser humano e uma atitude-chave diante da crise ecológica e do império da técnica. Onde tudo tem seu preço, inserir uma lógica de gratuidade. Não que seja um empreendimento fácil. Requer uma atitude contracorrente, contra as nossas vontades de poder e dominação.³⁵³ É preciso lutar para romper com as amarras da tecnocracia:

A “sobriedade feliz” rompe com a lógica alienante do senso comum que, muitas vezes, é a perversão do bom senso e da possibilidade do “bem viver”. Lutamos por novas relações de produção e outros padrões de consumo que correspondam ao projeto da criação. Lutamos por uma relação fraterna com a natureza, nossa irmã, e pelo reconhecimento da alteridade do outro que está entre nós.³⁵⁴

Sigamos com as contribuições da exortação apostólica *Laudate Deum* ao diálogo em vista da superação do primado da lógica técnica. Este ponto encerrará o desenvolvimento de nossa proposta com alguns apontamentos que emergem de um texto voltado para a questão climática. Cuidado da natureza e tecnocracia em contraste – mais uma vez.

³⁵⁰ LS 222 e 223.

³⁵¹ LS 224.

³⁵² SUESS, P. Dicionário da Laudato Si', p.13.

³⁵³ LS 224.

³⁵⁴ SUESS, P. Dicionário da Laudato Si', p.12.

4.3.2

A Ética do não-poder e a *Laudate Deum*

Apliquemos a mesma abordagem agora à *Laudate Deum*. Publicada no dia 4 de outubro de 2023, considerado Dia de São Francisco de Assis, a LD é um complemento à LS:

Já passaram oito anos desde a publicação da carta encíclica *Laudato si'*, quando quis partilhar com todos vós, irmãs e irmãos do nosso maltratado planeta, a minha profunda preocupação pelo cuidado da nossa casa comum. Mas, com o passar do tempo, dou-me conta de que não estamos a reagir de modo satisfatório, pois este mundo que nos acolhe, está se esboroando e talvez aproximando de um ponto de ruptura.³⁵⁵

A LD tem como principal preocupação a questão da crise climática: “não há dúvida que o impacto da mudança climática prejudicará cada vez mais a vida de muitas pessoas e famílias. Sentiremos os seus efeitos em termos de saúde, emprego, acesso aos recursos, habitação, migrações forçadas e em outros âmbitos”.³⁵⁶

A LD retoma a problemática do mau uso do poder. Por quatorze (14) vezes a palavra “poder” aparece na exortação apostólica. Assim como na LS, a lógica vigente é caracterizada como nociva:

[...] o problema maior é a ideologia que está na base de uma obsessão: aumentar para além de toda a imaginação o poder do homem, para o qual a realidade não humana é um mero recurso ao seu serviço. Tudo o que existe deixa de ser uma dádiva que se deve apreciar, valorizar e cuidar, para se tornar um escravo, uma vítima de todo e qualquer capricho da mente humana e das suas capacidades.³⁵⁷

O paradigma tecnocrático é mais uma vez fonte de reflexão ao constatar que a situação está cada vez mais grave: “Nos últimos anos, pudemos confirmar este diagnóstico, assistindo simultaneamente a um novo avanço de tal paradigma.”³⁵⁸ Aqui, segue uma constatação já observada por Jacques Ellul, de que a técnica moderna é dotada de autocrescimento. O papa afirma: “o paradigma tecnocrático alimenta-se monstruosamente de si próprio.”³⁵⁹

³⁵⁵ LD 2.

³⁵⁶ LD 2.

³⁵⁷ LD 22.

³⁵⁸ LD 21.

³⁵⁹ LD 21.

Mais uma vez, Francisco traz uma crítica à ideia de “progresso”, quando este está atrelado automaticamente à ideia de aumento de poder. O papa denuncia o perigo que estamos correndo: “Não é de estranhar que um poder tamanho em tais mãos seja capaz de destruir a vida, já que a matriz de pensamento própria do paradigma tecnocrático nos cega, não nos permitindo ver este gravíssimo problema da humanidade atual.”³⁶⁰

A solução, para Francisco, passa por uma reintegração dos sistemas sociais e naturais,³⁶¹ além de uma atitude de “lucidez e honestidade”, reconhecendo que o poder alcançado por meio da tecnocracia se virou contra a vida.³⁶²

Sobriedade (LS) e *lucidez* (LD) são colocadas como sinônimos de uma atitude de liberdade dos ditames da técnica, da competitividade, da dominação, do poder desenfreado e da falta de limites que salvaguardem a vida em sua plenitude. São essas atitudes que resgatarão o ser humano do seu desejo de potência, da “cobiça absoluta”: “*Laudate Deum* é o título desta carta, porque um ser humano que pretenda tomar o lugar de Deus torna-se o pior perigo para si mesmo.”³⁶³

Só tendo uma imagem equivocada de Deus para levar o ser humano ao engano de que ser todo-poderoso é estar “livre” dos limites. O Deus revelado por Jesus Cristo coloca o amor como critério supremo. Este é o seu horizonte infinito. Jesus Cristo só exerceu o poder que estava à sua disposição por meio do amor. Esta autolimitação divina nos revela o critério supremo que deve balizar as nossas relações fundamentais, especialmente, com o todo da Criação.

Para que toda a criação continue a louvar ao Senhor com o fôlego de vida, uma nova ética precisa emergir: uma ética da sobriedade e lucidez; uma ética do não-poder. *Laudato Si’, mi’ Signore! Laudate Deum!*

³⁶⁰ LD 24.

³⁶¹ LD 27.

³⁶² LD 28.

³⁶³ LD 73.

5

Conclusão

Foi empreendida uma trajetória no pensamento de Jacques Ellul, principalmente em sua crítica da técnica moderna e sua proposta de solução através dos seus escritos teológicos. Como o autor é pouco conhecido no meio acadêmico brasileiro, fez-se necessário trilhar um caminho biográfico, demonstrando como o pensamento do autor foi construído por meio de diversas influências à sua formação.

Ellul encarnou seu próprio pensamento: pregava o que vivia, enquanto vivia o que pregava. A opção pela vida simples e modesta em Bordeaux não permitiu uma ampla divulgação de seu pensamento, que, em seu tempo, fora mais conhecido fora da França – mais precisamente, no Canadá e nos Estados Unidos da América.

O problema que foi abordado não se trata de questão secundária. Pode-se observar que, por seu caráter universal e globalizador, a técnica e sua lógica penetram a nossa existência ao ponto de conseguirmos enxergar a sua lógica impregnada em cada setor da vida em sociedade e nas mentalidades dos indivíduos de nosso tempo. Pensar o problema ecológico e a crise socioambiental sem considerar a questão da técnica em seu afã de máxima eficácia, é desconsiderar a raiz do problema.

Já Francisco, dispensa apresentações. O primeiro papa latino-americano vem revolucionando o papado. Sua inovadora maneira de falar sobre o tema da ecologia a partir da fé cristã, chamando a contribuição de todos os saberes para a solução da questão que a todos afeta, sem dúvida, o colocou ainda mais como uma das maiores lideranças do mundo.

Nosso trabalho veio destacar a importância desta temática para os nossos dias, quando fez a opção de colocar em diálogo Ellul e Francisco. O primeiro antecipou a questão que se transformou em um paradigma quase que intransponível. Paradigma este que fora constatado pelo segundo, se tornando tema central na reflexão sobre a crise ecológica (LS) e a questão climática (LD).

Deste diálogo ecumênico entre um autor cristão protestante e a maior liderança cristã católica em torno de uma temática de interesse geral, surgiram pontos de concordância: em relação à questão da técnica – sua lógica dominante e nociva, sua não neutralidade, seu autocrescimento, sua ambivalência, seu critério

de máxima eficácia; a necessidade de uma proposta ética para combater a Tecnocracia; a estreita ligação entre a lógica técnica e a crise ecológica; a necessidade de impormos limites ao poder que a técnica vem conferindo ao gênero humano.

Pudemos constatar que ambos os autores recorreram às Sagradas Escrituras para estruturarem seu pensamento ecológico: ambos valorizaram uma leitura aprofundada do mito de Criação judaico-cristão, contido no primeiro livro das Sagradas Escrituras, para reafirmar o papel do ser humano como cuidador; afirmaram o valor intrínseco da vida a partir da ideia de Criação.

Se Ellul tem como fonte suprema o testemunho de Jesus Cristo na sua opção pelo não-poder, Francisco faz brotar da espiritualidade cristã a sobriedade e lucidez. Com isso, julgamos ter encontrado correspondência entre as propostas, que se complementam e estão voltadas para o mesmo objetivo.

Nossa tese quer servir de suporte para a *práxis* cristã e não-cristã. O impulso dado por ambos os autores pode ser encontrado no interior de cada consciência que busca justiça intergeracional e paz. É preciso olhar para sua própria cultura, crença ou sistema de pensamento e achar o lugar do cuidado, da gratuidade, da sensatez, da cooperação, da contemplação, do desapego às coisas materiais e do reto uso do poder em benefício do bem comum.

Os limites de nossa pesquisa nos fazem apontar que ainda outras tantas correspondências podem ser encontradas no diálogo entre estes dois autores, mas não pudemos dar foco maior em nossa abordagem. Por exemplo, as análises econômicas de Ellul e sua crítica ao poder do dinheiro conversam com alguns escritos e discursos de Francisco sobre o sistema econômico global; o papel desempenhado pela Propaganda na manutenção da dominação dos poderosos; o tema da esperança, entre outros.

Sem dúvida, o pensamento de Jacques Ellul pode nortear muitos debates atuais. Incluindo as novas perguntas que surgem neste momento de ascensão da inteligência artificial no dia a dia da sociedade. O próprio papa Francisco tem demonstrado preocupação. Recentemente, o papa denunciou a *ambivalência* desta nova técnica – linguagem bastante elluliana.³⁶⁴ Como as análises de Jacques Ellul

³⁶⁴ FRANCISCO, Pp. FRANCISCO, Papa. Papa Francisco participa da sessão do G7 sobre inteligência artificial, np.

já apontavam para esta característica, para a nocividade que a técnica moderna causou à capacidade de simbolização, aspecto fundamental e diferencial do ser humano, já podemos imaginar o impacto dessas inovações ao potencial criativo com que fomos dotados. Essa projeção anterior carece de aprofundamentos e estudos. Fica aqui uma problemática em aberto para estudos posteriores a partir das contribuições do pensador de Bordeaux.

Como a nossa tese pode contribuir para a área da Teologia? Mais obviamente, nossa tese se insere como contribuição aos estudos na área da Ecoteologia. É um verdadeiro chamado à conversão ao não-poder. Esta tese é um encontro multidisciplinar, diálogo profícuo entre Sociologia, Filosofia e Teologia.

Pensando de maneira mais abrangente, este trabalho pode trazer de fundamental para a reflexão teológica o impulso para um fazer teológico não fantasioso, rigoroso na percepção da realidade na qual estamos inseridos e, a despeito da desesperança assombrosa com que nossos tempos nos cobrem, corajosamente, buscar uma fresta de luz. Há algo de positivo na visão mais realista e menos romântica da realidade.

Mais uma vez, a máxima elluliana faz sentido aqui: é descrever um mundo sem saída, convictos de que Deus nos acompanha em toda a nossa história.³⁶⁵ Há que se ter coragem para fazer uma teologia a contracorrente. Uma teologia capaz de denunciar as injustiças, despida de interesses escusos e livre o suficiente para assumir o risco de receber a violenta reação do *Sistema técnico*. Há que se ter cuidado para não fazermos uma teologia tecnicista, voltada apenas para o quantitativo, para as metas, disputas. Uma teologia que só afirma os sistemas de poder e os justifica.

Que esta tese seja considerada em seu rigor acadêmico, mas principalmente, que seja lida como uma nova maneira “inventada” de habitar o planeta.³⁶⁶ Não como a única maneira, mas como uma possibilidade entre as maneiras corretas de se negar o mero *status* de sobrevivência: uma nova maneira de buscar uma experiência de plenitude de vida, até que o fim esperado venha.

³⁶⁵ TROUDE-CHASTENET, P. Entretiens avec Jacques Ellul, p. 40.

³⁶⁶ VARANDA, M. I. P. Extra Naturam Nulla Salus?, p.39.

Referências bibliográficas

BARTH, K. **Dogmatique**, 2^e volume, tome II, n°9, Genève, Labor et Fides, 1959

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. Impr. São Paulo: Paulus, 2003.

BROMILEY, G. W. Barth's Influence on Jacques Ellul. In: CLIFFORD, C.; VAN HOOK, J. (Ed.). **Jacques Ellul**: Interpretative essays. Urbana: University of Illinois Press, 1980. p. 32-51.

CHRISTIANS, G. C.; VAN HOOK, J. M. **Jacques Ellul**: Interpretive essays. University of Illinois Press, 1981.

CUPANI, A. **Filosofia da Tecnologia**: um convite. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

DESJOYAUX, L. Jacques Ellul teve razão muito cedo? [tradução André Langer]. **IHU-Online**, 07 de julho de 2014, N.p. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/532977-jacques-ellul-teve-razao-muito-cedo>>. Acesso em: 05 de maio de 2020.

ELLUL, J. **A Técnica e o Desafio do Século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

_____. **Ce que Je Crois?**. GRASSET: February 18, 1987.

_____. **Changer de revolution**: l' Ineluctable prolétariat. Paris: Seuil, 1982.

_____. Christian Responsibility for Nature and Freedom. **Cross Currents** 35, no. 1 (Spring 1985): 49–53.

_____. Croissance zero?, **Sud Ouest Dimanche**, 17 juillet 1983.

_____. **Éthique de la liberté**. France: Labor et Fides, 3 vol, 1972-1975.

_____. **In Season, Out of Season**. [Trans. L. Niles]. San Francisco: Harper & Row, 1982.

_____. **Réflexions sur l'ambivalence du progrès technique**, 1965.

_____. **L'Apocalypse**: architecture en mouvement. Desclée de Brouwer, 1975.

_____. **L'Espérance oubliée**. Paris: Gallimard, 1972.

_____. **L'idéologie marxiste chrétienne**. Que fait-on de l'Évangile ? (1979), Paris, La Table Ronde (coll. La petite Vermillon), 2006.

_____. **L illusion politique**. Paris: Pluriel, 1965.

_____. **L'impossible prière**. Paris: Le Centurion, 1971.

_____. **La pensée marxiste**. Cours professé à l'Institut d'études politiques de Bordeaux de 1947 à 1979, Paris, La Table Ronde (coll. Contretemps), 2003.

_____. La responsabilité du christianisme dans la nature et la liberté, **Combat nature**, n°54, janvier-février 1983.

_____. **La subversion du christianisme**. Paris, Seuil, 1984, réédition La Table Ronde, 2001.

_____. **Le Bluff technologique**, Hachette, Paris, 1988.

_____. Le Livre de Jonas. Paris: **Foi et Vie**, 1951.

_____. **Le Système technicien**. Paris, Calmann-Lévy, 1977.

_____. **Le Vouloir et le Faire**: Une critique théologique de la morale. Paris: Labor et Fides, 2013.

_____. **Les Combats de la Liberté**. France: Labor et Fides, 2019.

_____. **Les nouveaux possédés**. Paris: Fayard, 1973.

_____. **Living Faith**: belief and doubt in a perilous world. [Trans. P. Heinegg]. San Francisco: Harper & Row, 1983.

_____. **Mudar de revolução**: o inelutável proletariado. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

_____. Note problematique sur l'histoire de l'église. **Foi et Vie**, n°4, juillet-août, pp. 287-324.

_____. **Plaidoyer contre la “défense de l'environnement”**, 1972. Disponible en: <
<https://lesamisdebartleby.wordpress.com/2017/10/07/jacques-ellul-plaidoyer-contre-la-defense-de-lenvironnement/>>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

_____. **Politique de Dieu, politiques de l'homme**. Paris, Editions Universitaires, collection Nouvelle Alliance, 1966.

_____. **Présence au monde moderne**: Problèmes de la civilisation post-chrétienne. Genève: Roulet, 1948.

_____. **Propaganda**: The formation of men's attitudes. [Trans. by K. Kellen and J. Lerner]. New York: Random House, 1962.

_____. Sans feu ni lieu: Signification biblique de la Grande Ville, (Collection «La Petite Vermillon»), 2003. In: **Les Annales de la recherche urbaine**, N°96, 2004. Urbanité et liens religieux. pp. 164-165.

_____. **Se és o Filho de Deus**: descubra a verdadeira natureza de Jesus Cristo. [tradução Luiz Fernando Medeiros de Carvalho; Ana Amélia Brasileiro Medeiros Silva]. Brasília, DF: Palavra, 2011.

_____. Some Reflections on the Ecumenical Movement. **The Ecumenical Review**, 1988, n.p.

_____. Symbolic function, technology and society. **Journal of Social and Biological Structures**, Volume 1, Issue 3, July 1978, Pages 207-218.

_____. **Technology and The Gospel**. International Review of Mission, volume 66, issue 262, p.109-117.

_____. **The Ethics of Freedom**. [Translated by Geoffrey W. Bromiley]. Grand Rapids: Eerdmans, 1976.

_____. The Ethics of Nonpower. In: **Ethics in an Age of Pervasive Technology**. [edited by Melvin Kranzberg], 204–212. Boulder, Colo.: Westview, 1980.

_____. **The Power of Technique and The Ethics of Non Power**. 1980, Folder 34, Box: 20, Folder: 34. Buswell Library Special Collections.

_____. **The Subversion of Christianity**. [Trans. G. Bromiley]. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986.

_____. **The Technological Society**. [Trans. John Wilkinson]. New York: Alfred A. Knopf, 1964.

_____. **The Technological System**. [Trans. By J. Neugroschel]. New York: Continuum, 1977.

_____. Théologie et Technique. Pour une éthique de la non-puissance. Genève, **Labor et Fides**, coll. Philosophie, 2014.

_____. **What I Believe**. [Trans. G. Bromiley]. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989.

ELLUL, J.; CHARBONNEAU, B. **Bernard Charbonneau & Jacques Ellul**: Deux libertaires gascons unis par une pensée commune. Paris (France): Les amis de Bartleby, 2017.

ELLUL, J.; CHARBONNEAU, B. Diretivas para um manifesto personalista. [Trad. Fernanda Elias]. **Espiritualidade Libertária**, São Paulo, n. 3, 1. sem. 2011, pp. 136-168.

ELLUL, J.; CHARBONNEAU, B. (2004) [1935], Directives pour un manifeste personaliste. In: Cahiers Jacques Ellul, "Les années personalistes", Bordeaux, **A.I.J.E.**, 2004, n. 1, pp. 63-79.

ELLUL, J.; CHARBONNEAU, B. **Nous sommes de révolutionnaires malgré nous**: Textes pionniers de l'écologie politique. Paris: Éditions du Seuil, 2014.

ELLUL, J.; CHARBONNEAU, B. **La nature du combat**: Pour une révolution écologique. Paris: Éditions de l'Échappée, 2021.

ELLUL, J.; GARRIGOU-LAGRANGE, M. **Jacques Ellul, à temps et à contretemps** Paris: Le Centurion, 1981.

ELLUL, J.; TROUDE-CHASTENET, P. **À contre-courant**. Entretiens. Paris: La Table Ronde, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si'**: Sobre o cuidado da Casa Comum. Vaticano, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html . Acesso em: 10, dez. 2023.

FRANCISCO, Papa. **Papa Francisco participa da sessão do G7 sobre inteligência artificial** [13-15 de junho de 2024]. Discurso do papa Francisco. Borgo Egnazia (Itália) Sexta-feira, 14 de junho de 2024. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/june/documents/20240614-g7-intelligenza-artificiale.html> . Acesso em 15 de jun. de 2024.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica Laudate Deum**: A todas as pessoas de boa vontade sobre a Crise Climática. Vaticano, 2023: Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/s/20231004-laudate-deum.html . Acesso em: 10, dez. 2023.

GREENMAN, J. P.; SCHUCHARDT, R. M.; TOLY, N. J. **Understanding Jacques Ellul**. Oregon: Cascade Books, 2012.

GUATTARRI, F. **As três ecologias**. [Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt]. Campinas-SP: Papyrus, 1990.

GURIDI, R. **Ecoteología**: hacia um nuevo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2006.

HOLLOWAY, J. Y. (Ed.) **Introducing Jacques Ellul**. Eerdmans, 1970.

ILLICH, I. "An Address to "Master Jacques." **Bulletin of Science, Technology & Society**, 14(2), 65-68.

LATOUCHE, S. **Jacques Ellul** : contre le totalitarisme technicien. Les précurseurs de la décroissance. Paris-FR : Le Passager Clandestin, 2013.

LATOUR, B. Imaginar os gestos-barreiras contra o retorno da produção anterior à crise. **IHU**, 07, Abril de 2020. Disponível em: < <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/597852-imaginar-os-gestos-barreiras-contr-o-retorno-da-producao-anterior-a-cri-se-artigo-de-bruno-latour> >. Acesso em: 10 de maio de 2024.

LÓPES, J. M. A. M. **Ecoteologia e Tecnocracia**: A ressignificação do kérigma cristão à luz do diálogo com Hans Jonas. Jesus Manuel Antonio Monroy Lopes; orientadora: Lúcia Pedrosa de Pádua. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Teologia, 2019.

MORILLON-BRIÈRE, S. L'influence de Bernard Charbonneau sur la pensée de Jacques Ellul. In: TROUDE-CHASTENET, P. (Org.). **Comment peut-on (encore) être ellulien au XXI^e siècle?**. Actes du colloque des 7, 8 et 9 juin 2012. Paris: La Table Ronde, 2012.

MENNINGER, D. C. Marx in the social thought of Jacques Ellul. In: CLIFFORD, G. C.; VAN HOOK, J. M. (Org.) **Jacques Ellul**: interpretative essays. California: University of Illinois, 1981.

NAESS, A. The Shallow and the Deep, Long-Range Ecology Movements. A Summary. **Inquiry**, [S. l], v. 16, p. 95-100, 1973.

OLIVEIRA, M. A. O paradigma tecnocrático, p. 129-145. In: MURAD, A. T.; TAVARES, S. S. (Orgs.). **Cuidar da casa comum**: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'. São Paulo: Paulinas, 2016.

ROCKSTRÖM, J.; et. al. A safe operating space for humanity. **Nature**, v.461, p. 472 – 475, set. 2009.

ROGNON, F. Ellul lecteur de Kierkegaard: La réception de l'œuvre kierkegaardienne dans la pensée de Jacques Ellul. **Revista Portuguesa de Filosofia**. 64(2/4):1181-1206, 2008.

_____. **Généralisations Ellul**: Soixante héritiers de la pensée de Jacques Ellul. Genève: Labor et Fides, 2012.

_____. **Le défi de la non-puissance**: L'écologie de Jacques Ellul et Bernard Charbonneau. Lyon: Éditions Olivétan, 2020.

_____. **Jacques Ellul**: Une pensée en dialogue. Paris: Labor et Fides, 2007.

ROUX, PHILIPPE. **Jacques Ellul et la création d'Action Jeunesse Pessac**. 2012. IN: TROUDE-CHASTENET, P. Comment peut-on (encore) être ellulien au XXI^e siècle? ctes du colloque des 7, 8 et 9 juin 2012. Paris: La Table Ronde.

SUESS, P. **Dicionário da Laudato Si'**: Sobriedade Feliz. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral da Encíclica "Sobre o cuidado da casa comum" do Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2017.

TROUDE-CHASTENET, P. Jacques Ellul: Anarquista, mas cristão. **Espiritualidade Libertária**, São Paulo, n. 1, 1. sem. 2010, pp. 13-19.

TROUDE-CHASTENET, P. (Org.). **Comment peut-on (encore) être ellulien au XXI^e siècle?**. Actes du colloque des 7, 8 et 9 juin 2012. Paris: La Table Ronde, 2012.

_____. Ellul et Charbonneau, pionniers de l'écologie politique. **Ecorev Revue Critique d'Ecologie Politique**, 2006, n° 21. Disponível em: <http://www.ecorev.org/spip.php?article444> . Acesso em: 20/10/2022.

_____. **Introduction à Jacques Ellul**. Paris: La Découverte, 2019.

_____. Jacques Ellul: Anarquista, mas cristão. **Espiritualidade Libertária**, São Paulo, n. 1, 1. sem. 2010, pp. 13-19.

_____. Jacques Ellul, pionnier de la décroissance. **Le Point**, 25/09/2017. Disponível em: < <https://amp.lepoint.fr/2159531>>. Acesso em: 20 de set. 2022.

_____. Écologie Et Théologie. La Notion de Limite dans l'œuvre de Jacques Ellul. **La Pensée Écologique**, Paris, PUF, 30 jun. 2022. Disponível em: <https://lapenseeecologique.com/ecologie-et-theologie-la-notion-de-limite-dans-loeuvre-de-jacques-ellul/>. Acesso em: 14/10/2022.

_____. **La Politique**. Paris: L'Esprit du Temps, 2008.

_____. **Les racines libertaires de l'écologie politique**. Paris: L'échappée, 2023.

VANDERBURG, W. H. The Essential Connection Between the Two Parts of the Work of Jacques Ellul. **Bulletin of Science, Technology & Society**, Vol. 24, No. 6, December 2004, p. 534-547.

_____. The life and work of Jacques Ellul. **Bulletin of Science, Technology & Society**, Volume 32, Issue 3, June 2012, p. 183-186.

VAN VLEET, J. E. **Dialectical Theology and Jacques Ellul**: An Introductory Exposition. Minneapolis: Fortress Press, 2014.

VAN VLEET, J. E.; ROLLISON, J. M. **Jacques Ellul**: A Companion to His Major Works. OR: Cascade Books, 2020.

VARANDA, M. I. P. "Extra Naturam Nulla Salus? O Drama E a Esperança Da Criação E Da Religião Na Era Do Antropoceno." **Atualidade Teológica**, 24, no. 64, p. 21-42, jan./abr. 2020.

VIALLANEIX, N. **Écoute Kierkegaard**. Essai sur la communication de la parole, p. II, 1979.

WHITE, L. The Historical Roots of Our Ecological Crisis. **Science**, 155: 1967, p. 1203-1207.